



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE**

LARISSA BRUNA BATISTA DE FARIAS

**A FEMINILIDADE COMO IDENTIDADE DA MULHER NO CONTO “AT THE
BAY”, DE KATHERINE MANSFIELD**

**CAMPINA GRANDE
2018**

LARISSA BRUNA BATISTA DE FARIAS

**A FEMINILIDADE COMO IDENTIDADE DA MULHER NO CONTO “AT THE
BAY”, DE KATHERINE MANSFIELD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais em cumprimento à exigência para o título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sueli Meira Liebig.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224f Farias, Larissa Bruna Batista de.
A feminilidade como identidade da mulher no conto "At the bay", de Katherine Mansfield [manuscrito] : / Larissa Bruna Batista de Farias. - 2018.
119 p. : il. colorido.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Sueli Meira Liebig , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Katherine Mansfield. 2. Literatura inglesa. 3. Identidade feminina. 4. Gênero.

21. ed. CDD 401.41

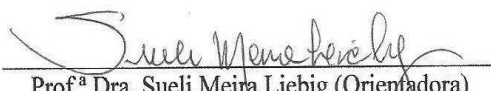
LARISSA BRUNA BATISTA DE FARIAS

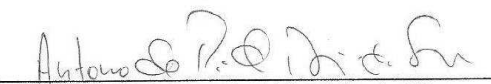
A FEMINILIDADE COMO IDENTIDADE DA MULHER NO CONTO "AT THE BAY", DE KATHERINE MANSFIELD

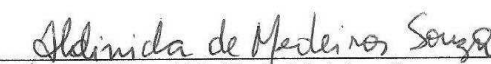
Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais em cumprimento à exigência para o título de Mestre.

Aprovada em: 28 / 03 / 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dra. Sueli Meira Liebig (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dra. Aldinida de Medeiros Souza
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que contribuíram para a realização desta trajetória.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho se deve à contribuição de algumas pessoas, que de alguma forma me apoiaram, motivaram e estiveram comigo durante esta trajetória. Gostaria então de manifestar minha gratidão à:

Minha mãe por estar sempre do meu lado, ter me incentivado desde a infância à leitura e por ter representado, para mim, uma mulher de luta e persistência na vida;

Minha orientadora, Dra. Sueli Liebig, por toda a dedicação durante a pesquisa e pela confiança de embarcar comigo nessa aventura pelos caminhos de Katherine Mansfield;

Professora e amiga, Dra. Denise Nascimento, pelos conselhos e pelos momentos de descontração que passamos juntas;

Ao professor Dr. Antônio de Pádua, por ter oportunizado meu primeiro contato com a pós-graduação, por ter incentivado o aprimoramento da escrita e por ser um exemplo de profissional comprometido com o que faz;

Ao professor e amigo Ms. Thiago Almeida, pelos diálogos, por ter dado a oportunidade de estagiar em sua disciplina e por ter contribuído com a ampliação de conhecimento em torno da Literatura Norte-americana.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, aos servidores, financiadores e demais colegas por fazerem parte, direta ou indiretamente, desta jornada.

“Lock up your libraries if you like; but there is no gate, no lock, no bolt that you can set upon the freedom of my mind.”
(WOOLF, p. 90, 2001)

RESUMO

A presente pesquisa investiga as personagens do conto “At the bay” (1922), da escritora neozelandesa Katherine Mansfield, na perspectiva das questões de identidade da mulher. Para isso, perpassamos por discussões que englobam a condição das mulheres no início do século XX, a crise identitária, a trajetória da autora e sua produção literária. Na sequência, analisamos as personagens Linda Burnell, a Sra. Fairfield, Beryl Fairfield, a Sra. Harry Kember e Alice, que se inserem no contexto da sociedade patriarcal inglesa. Com nosso trabalho, tencionamos instigar no leitor uma visão crítica sobre os escritos mansfieldianos e ajudá-lo a compreender os padrões de comportamentos engendrados e moralizantes impostos às mulheres ao longo da história. Para isso apoiamos-nos em estudos de Cecil Zinani (2013) e Kathryn Woodward (2014) para investigar as construções identitárias; Pierre Bourdieu (2017), John Stuart Mill (1859; 1869) e Betty Friedan (1963; 1983) acerca da condição feminina; Anthony Giddens (1993), Peter Stearns (2010), Carole Pateman (1993) e Bertrand Russell (2015) para nos referirmos a sexualidade da mulher e ao matrimônio; e Elisabeth Badinter (1985; 2011) no quesito maternidade. Como resultado obtivemos problematizações relativas a identidade de gênero compatíveis às que nos inquietam na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Katherine Mansfield. Literatura Inglesa. Identidade feminina. Gênero.

ABSTRACT

This research looks into the characters from the short story "At the bay" (1922), by the New Zealander writer Katherine Mansfield, in a woman's identity perspective. In order to do it so, we are going to pass through discussions about women's condition in the early twentieth century, the identity crisis, and the author's life and her literary. After that, the characters Linda Burnell, Mrs. Fairfield, Beryl Fairfield, Mrs. Harry Kember, and Alice, who are part of the patriarchal English society, are going to be analyzed. In this way, we intend to motivate the reader to have a critical insight into Mansfield's writings and help him to understand the behavior and moral conventions imposed to women throughout history. As a theoretical support we base our research on studies by Cecil Zinani (2013) and Kathryn Woodward (2014) to discuss about identity constructions; Pierre Bourdieu (2017), John Stuart Mill (1859; 1869), and Betty Friedan (1963; 1983) to female condition; Anthony Giddens (1993), Peter Stearns (2010), Carole Pateman (1993), and Bertrand Russell (2015) to women's sexuality and marriage; and Elisabeth Badinter (1985; 2011) to motherhood. As a result, we noticed gender identity issues similar to those that concern us in the contemporary times.

Keywords: Katherine Mansfield. English literature. Female identity. Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A CONDIÇÃO FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XX	18
1.1 Descobrimo o corpo: a natureza feminina	18
1.2 A mulher e o cerco das condições sociais: a educação e a esfera privada	20
1.3 Transformações e conflitos: a guerra, a indústria e o feminismo	24
2. A MULHER E A CRISE IDENTITÁRIA	28
2.1 A identidade de gênero das mulheres	28
2.2 As mulheres e o casamento	30
2.3 A questão da sexualidade	36
2.4 As subversoras	38
3. TRILHANDO OS CAMINHOS DE KATHERINE MANSFIELD	41
3.1 A mulher	42
3.2 A escritora	45
3.3 A contista.....	47
4. LINDA BURNELL, SRA. FAIRFIELD, BERYL FAIRFIELD, SRA. HARRY KEMBER E ALICE: AS MULHERES DE “AT THE BAY”	53
4.1 Linda Burnell: o casamento como contrato moral e social, a maternidade e o mito do amor materno	54
4.2 Sra. Fairfield: a condição da mulher mais velha na família e suas respectivas relações no âmbito privado	64
4.3 Beryl Fairfield: a mulher solteira, a solidão e os desejos femininos	74
4.4 Sra. Harry Kember: o sujeito subversor do ideal de comportamento feminino	84
4.5 Alice, a criada, e os limites que a divisão de classe social lhe impõe com relação à identidade feminina	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	109

APÊNDICE	113
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

As maneiras pela qual os sujeitos percebem os meios em que se inserem os juízos de ordem valorativa e moral e os diversos comportamentos sociais estão presentes nas práticas cotidianas, nas leis, nas crenças ou, ainda, nas artes. A literatura, em sua condição de manifestação artística, contribui para a difusão da cultura de um determinado povo e época, permitindo que sejam reveladas vivências que podem nos levar à ponderação sobre questões de classe, relações de poder identitárias, favorecendo, portanto, a busca da apreensão do próprio *eu* nos espaços privados e coletivos.

Para investigar essas inquietações relacionadas ao sociocultural, o campo dos Estudos Culturais é visto de maneira pertinente para o desenvolvimento de pesquisas que se embasam na multiplicidade das diferentes culturas permeadas por vínculos de poder e hierarquização. Assim, tais estudos proporcionam discussões teórico-metodológicas que não se estabelecem como verdades absolutas ou dogmáticas, mas questionam as interações fundamentadas no poder e na autoridade.

Por essa perspectiva, a cultura se caracteriza por todo um complexo religioso, econômico e intelectual que constitui uma sociedade. Não inclui somente as artes e as letras, como a literatura, mas também os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças. Isto posto, as questões relacionadas ao gênero estão diretamente ligadas à cultura, uma vez que as expectativas sobre atributos e comportamentos adequados para mulheres e homens são moldadas pelo processo cultural.

É mediante a história e os registros sociais que se torna possível perceber a estreita relação entre o espaço privado, a tradição e a domesticação do ser feminino, que levam à redução e limitação da mulher a um cerco de escolhas predefinidas, como exemplificado acima. Sob essa ótica, a preservação das práticas de heranças culturais é a expressão dos interesses hierárquicos de uma comunidade, convergindo em valores ideológicos que ora concentram o poder em um determinado grupo de indivíduos, ora deixam outros em condição de submissão às regras ou leis.

Neste percurso, a sociedade classifica os grupos de indivíduos, atribuindo-lhes diferentes valores. Essas classes são divididas por aspectos que marcam aqueles que dela fazem parte, homogeneizando e fixando identidades. Nesses termos, temos oposições dicotômicas, como o feminino/masculino ou mulher/homem, que se inserem

dentro de configurações de valores político/ideológicos e que ensejam garantir uma identidade normatizada e transcendental.

Nessa regulação do indivíduo foi construído um sistema simbólico que se fundamenta em fatores biológicos. Como resultado desses determinismos essencialistas, as mulheres são delimitadas com funções sociais específicas, sendo a elas atribuída a função reprodutiva e doméstica. Em tal âmbito privado, marcador da identidade feminina, as distintas experiências de cada indivíduo se desvelam, assim como seus comportamentos e relações familiares que se inter-relacionam dentro de um mesmo espaço.

Nesse contexto, a imposição das mulheres na organização familiar nos impulsiona a apreender como se davam as práticas das normas vigentes na sociedade burguesa até o início do século XX. Aqueles que não se adequavam aos padrões ditados, recusando a reprodução dos papéis a si destinados, eram vistos como os "estranhos" que ameaçavam a homogeneidade de uma determinada identidade social. O diferente posicionamento dos referidos sujeitos desencadeavam reações negativas diante de outros indivíduos, tornando-os marginalizados.

Com isso, o sujeito poderia aceitar as adequações ao sistema binário e falocêntrico, identificando-se com a ordem preestabelecida, ou subvertê-las. Esses confortos ou incômodos estão presentes em múltiplos suportes de comunicação, entre eles a literatura, que leva ao leitor narrações que dão vozes a sentimentos e experiências presentes nas ações cotidianas ou confinadas nas profundezas da psicologia humana.

Dessa maneira, as questões relacionadas às mulheres eram debatidas não apenas com estudos teóricos e críticos, como também dentro do universo literário. Percebendo, então, uma longa tradição de escritas masculinas, que faziam distância entre a condição feminina na prática corrente e a representação ficcional da mulher, as escritoras buscaram seu lugar de fala, reivindicaram e narraram suas vivências individuais.

Mesmo com os impasses para publicar seus textos e o reducionismo social acerca da suposta incapacidade intelectual feminina, várias escritoras se insurgiram, majoritariamente nos séculos XIX e XX, para dar suporte ao campo literário de autoria feminina, ignorando os julgamentos advindos do pensamento masculino. Nesses termos, produções como as de Katherine Mansfield contribuem para repensarmos as identidades prescritas que se baseiam no determinismo social e biológico que caracteriza certa ideologia cultural, moldando a vida diária familiar e comunitária.

Uma das escritoras mais relevantes na área da ficção curta em língua inglesa, Katherine Mansfield produz narrativas que compõem o cenário modernista europeu do século XX. Nascida na Nova Zelândia, numa família colonial de classe média, a escritora apresenta publicações que revelam aspectos nostálgicos de sua terra natal, assim como vivências europeias. Decidida a ser escritora, resolve viver em Londres por volta de 1908, residindo posteriormente em outros países, como Itália, Suíça e França.

A escritora procura expressar sua preocupação com os eventos do meio social em seus contos. Os ideais dominantes como a imagem virginal da mulher, geravam inquietudes na neozelandesa, levando-a a desenvolver ficções com personagens que desejam viver de acordo com as suas próprias vontades, que questionam a condição social às quais estão sujeitas, ou ainda, que se adéquam às normas vigentes por terem sido educadas e condicionadas a se comportarem conforme as prescrições de conduta moral.

Nesse sentido, Katherine Mansfield explora a subjetividade e as hesitações diante das identidades e da sexualidade feminina, por meio de escritos que narram experiências pretensamente triviais, expandindo a vida interior da personagem numa linguagem concisa e saturada de significados. Tais aspectos se sobressaem em seus contos, que foram divididos em três coletâneas publicadas no período de vida da autora, sendo a primeira delas *In a German Pension* (1911), em seguida *Bliss and Other Stories* (1920), e *The Garden Party and Other Stories* (1922).

Esta última é originalmente composta por quinze contos (entre eles: “Mr. and Mrs. Dove”, “An Ideal Family” e “At the Bay”) publicada pela Constable and Company Limited, que foi uma das primeiras editoras independentes do Reino Unido (atualmente pertencente à Little, Brown Book Group). “At the Bay” é a primeira narrativa presente na coleção, sendo traduzida no Brasil por Julieta Cupertino como “Na Praia” e publicada pela editora Revan, em 1994.

Isto posto, propomos como foco de pesquisa o conto "At the Bay". Nele as atividades que cada personagem desempenha ao longo de seu dia são desveladas. É então na trivialidade do cotidiano que são percebidos os esforços das personagens para atender às expectativas sociais. No conto, a família dos Burnell nos traz a percepção de como eram estruturados os lares de base patriarcal: Stanley Burnell se posiciona como o chefe da família, contribuindo com o suporte financeiro, e é casado com Linda Burnell. Sua esposa devaneia no vazio de seus dias, tendo sempre alguém para fazer os trabalhos

de dona-de-casa por ela, como a sua mãe, a Sra. Fairfield, e a sua irmã, Beryl, que moram com o casal burguês ¹.

Ao trabalhar com "At the Bay", voltamos nosso olhar para as personagens femininas, não apenas Linda Burnell, a Sra. Fairfield e Beryl Fairfield, mas também a Sra. Kember e Alice, actantes secundárias. Mediante os papéis sociais por elas desempenhados, almejamos questionar e analisar criticamente as expressões dos seus conflitos de identidade e de sexualidade. Para isso, levamos em consideração os aspectos socioculturais, particularmente do início do século XX, e os *insights* dos sujeitos da narrativa.

Dessa maneira, nossa pesquisa levanta no primeiro capítulo a contextualização histórica da condição feminina na Europa. Nesse sentido, dividimos esse ponto em três tópicos: inicialmente visamos articular a Literatura com os aspectos teórico-conceituais que permeiam meados do século XIX, apontando discussões relativas às esferas familiares e domésticas e esclarecendo conceitos relativos à ordem vigente do patriarcado. Na transição para o século seguinte, assinalamos os desdobramentos da mulher, que percorrem do campo privado ao espaço público, isto é, do lar à fábrica. Nesse processo, inferimos como relevante abrangermos nossas colocações até as lutas por igualdade de direitos e pensamentos que contestam as certezas que emolduram indivíduos, fase esta que corresponde aos movimentos feministas.

No tópico seguinte, temos em vista uma discussão acerca da mulher e a crise identitária. Logo, abordamos definições e impasses que se referem aos comportamentos preestabelecidos, que delimitam atos e controlam os sujeitos. A partir disso, passamos pelos questionamentos em torno da intimidade humana e suas identificações, os distanciamentos e o silêncio diante das prescrições sociais normativas do período.

No terceiro tópico, trataremos dos caminhos trilhados por Katherine Mansfield: gênero, espaço e afeto em sua obra, ressaltando, portanto, as experiências da autora como mulher, escritora e contista, seu processo de criação e o desenvolvimento da escrita de "At the Bay". Nesse último ponto, daremos enfoque ao referido conto, observando a sua construção escrita e as reflexões que ela leva ao leitor, dialogando com as esferas literária, política e social.

Consecutivamente, o segundo capítulo investiga a sexualidade e as identidades das personagens femininas no mencionado conto, sendo estruturado em cinco tópicos. O

¹ Em apêndice I.

primeiro é referente a Linda Burnell, que se inquieta ao não ter suas vontades realizadas para se casar e ter filhos, conforme o regime patriarcal impunha às mulheres. Nesse momento, fazemos entrelaçamentos com pontos imprescindíveis, tais quais o casamento como contrato moral e social, a maternidade e o mito do amor materno, a serem articulados na análise da personagem.

No tópico seguinte analisamos a Sra. Fairfield, mãe de Linda. Com ela, discutiremos sobre a identidade da mulher a partir da figura da avó, considerando a condição do ser de mais idade na família e suas respectivas relações no âmbito privado. Na sequência, nos reportaremos a Beryl Fairfield, tencionando tratar de questões vinculadas com a mulher solteira e os desejos íntimos femininos.

No quarto tópico, apresentamos a Sra. Kember, que nos direciona para as discussões do sujeito que subverte a ordem ideológica patriarcal, investigando até que ponto ela se expressa como desviante do ideal de comportamento feminino. Logo depois, no quinto momento, tratamos de Alice, a criada, responsável pelas atividades domésticas da casa dos Burnell. Assim, a análise da personagem é construída a partir da sua condição de mulher jovem, solteira e pertencente à classe trabalhadora.

Para que seja possível dissertarmos acerca dos mencionados apontamentos e inquietações, nos posicionamos em busca não de uma verdade absoluta em tese, mas de perceber as incertezas e hesitações com que nos deparamos constantemente em nossas experiências em sociedade. Como fundamentação teórica de nossa pesquisa, nos sustentamos em textos de estudiosos que atendem aos itens que levantamos nas análises e discussões. Assim, no que diz respeito à sexualidade, proeminentemente, utilizaremos Peter Stearns (2010), enquanto para a “mística feminina” partiremos de Betty Friedan (1963; 1983), a vida privada com os escritos de Antoine Prost (2009), a maternidade com Elisabeth Badinter (1985; 2011), as identidades com Kathryn Woodward (2014), a sujeição e liberdade com John Stuart Mill (1859; 1869), o estudo do desvio com Howard Becker (2008), além também de registros e críticas feitas pela própria Katherine Mansfield.

Pouco explorada no contexto brasileiro, a obra da escritora retrata a sociedade europeia do século XX, de modo que nos conduz a problemáticas que devem ser, imprescindivelmente, debatidas e avaliadas independentemente da época em que nos situamos, dado que agimos e pensamos a partir de um processo cultural anterior. Buscando compreender a construção identitária das mulheres, percebemos que suas experiências particulares e os espaços em que circulam fazem parte de um cotidiano que

permeia a história e não se encerra no passado, mas convive estritamente com o presente.

Nosso estudo possibilita, então, o engajamento crítico para que múltiplos sujeitos questionem, problematizem e transgridam os construtos culturais que normatizam e essencializam identidades a fim de perpetuar discursos e práticas que interessam apenas a grupos dominantes na sociedade. Mesmo com a influência da matriz masculina impregnada no meio social, especificamente o ocidental, Katherine Mansfield atua como sujeito de sua própria história, desdobrando-se não somente na escritora, que rompe os silenciamentos numa ilusória superficialidade de palavras, mas também na mulher, que registra a sua existência e história singular.

1. A CONDIÇÃO FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

“Everything in life that we really accept undergoes a change”

(Katherine Mansfield)

As mulheres viveram experiências motivadas pelos pressupostos valorativos e práticas morais que permearam seu percurso histórico. Nesse processo social era possível encontrar médicos, literatos, políticos e membros religiosos propagando seus discursos a fim de sustentar ou desconstruir os modelos ideais atribuídos aos homens e às mulheres. Nessa perspectiva, apresentaremos adiante os desdobramentos do feminino, subdividindo-os em: “Descobrimo os corpos: a natureza feminina”, tratando das concepções de cunho biológico da inferioridade da mulher; “A mulher e o cerco das condições sociais: a educação e a esfera privada”, buscando abordar a domesticação feminina e seu confinamento no âmbito familiar; e “Transformações e conflitos: a guerra, a indústria e o feminismo”, referindo-nos aos eventos que fizeram parte do cenário europeu do século XX (declínio do patriarcado, os impactos da Grande Guerra, a questão industrial e a luta pelo reconhecimento da mulher como cidadã). Sendo assim, nos centramos em uma visão majoritariamente histórica e direcionada à mulher branca burguesa, objetivando contextualizar o objeto da nossa pesquisa e contribuir para um maior entendimento da condição feminina, levantando questões e ampliando os campos de conhecimento que permitem reflexões e discussões pertinentes.

1.1 DESCOBRINDO O CORPO: A NATUREZA FEMININA

Por muito tempo as mulheres foram vistas como sujeitos inferiores ao homem, pertencentes à esfera privada e importantes para a manutenção da espécie humana. Tomemos então exemplos desde os discursos de intervenção médica do século XIX, passando pela família de base patriarcal, pela Grande Guerra, pelo processo de industrialização e pelos posteriores movimentos que reivindicaram os direitos das mulheres na Europa do século seguinte, compondo um breve panorama histórico.

Nessa perspectiva, o pensamento da sociedade ocidental do período moderno influenciou o modo de vida dos sujeitos dentro e fora do âmbito público. Filósofos como Aristóteles, médicos como Galeno, dentre outros estudiosos, compunham o cenário de pensadores que procuraram desenvolver teorias a respeito do sexo humano.

Antes da disseminação dos conhecimentos científicos que se dispõem na contemporaneidade, o corpo humano era um grande mistério, chegando a ser proibida a sua dissecação para fins de pesquisas e estudos em tempos remotos no ocidente, por motivações de cunho moral e religioso, levando à punição daquele que descumprisse as leis (QUEIROZ, 2005). Assim, diferentes ideias foram sendo produzidas sobre o corpo humano, afetando-o de múltiplas maneiras.

O pensamento rudimentar que apresentava os corpos meramente sob a perspectiva da natureza, constituía um sistema ideológico coletivo repleto de dualidades no meio social. O corpo feminino, então, tinha sua identidade, com todas as suas funções e expectativas sociais, produzida a partir dos seus traços e de suas singularidades biológicas e naturais.

Pontuemos que, na visão aristotélica, o ser feminino era entendido como sinônimo de fraqueza, justificando a determinação natural de sua subordinação ao outro. Dessa maneira, a mulher era percebida como um ser passivo, de função reprodutora, recebendo o sêmen masculino - para o filósofo, a forma para que a mulher procrie a partir de sua matéria para a geração (LAQUEUR, 1992). Como ser inferior, impotente na produção de sêmen, a mulher foi submetida à hierarquia natural, que deveria ser inquestionável. Tal pensamento refletiu significativamente nas estruturas sociais, restringindo seu comportamento e suas palavras, restando-lhe apenas a obediência absoluta ao homem.

Na concepção de Galeno, a inferioridade da mulher se explicava mediante os fundamentos da natureza. O corpo feminino era constituído dos mesmos órgãos do masculino, porém de forma invertida, uma vez que o mesmo não era provido de calor vital suficiente para exteriorizar seus órgãos (MARTINS, 2004). Seus corpos eram, então, uma expressão da imperfeição diante do ser masculino, sendo, portanto, inferiores e incapazes de assumir o controle sobre algo ou alguém e de tomar decisões.

O filósofo suíço Rousseau foi mais adiante, compartilhando a ideia das diferenças além das formas anatômicas e biológicas, percebendo divergências de reações entre os seres masculino e feminino. A passividade, a fraqueza e a irracionalidade não se limitavam a seus corpos, mas a sua falta de autodomínio, de não contenção da sua sexualidade (BADINTER, 1985). Com isso, a educação conferida aos sujeitos era oferecida de modos opostos, determinando suas funções, comportamentos e espaços através da ideia dicotômica de passividade versus virilidade.

Nestes mencionados moldes, foram construídos os discursos acerca das diferenças sexuais a partir do sexo biológico. As divergências do corpo humano foram então percebidas, construídas e significadas de acordo com termos hierárquicos de certa cultura e sociedade, e explicadas por princípios naturais e universais. Foi a partir dessa vertente que os corpos deveriam ser educados fisicamente, moralmente e intelectualmente, tendo em vista o reforço da divisão sexual.

1.2 A MULHER E O CERCO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS: A EDUCAÇÃO E A ESFERA PRIVADA

O sistema de pensamento dicotômico biológico e social podia ser percebido em variadas esferas da sociedade. A educação de moças e rapazes era, portanto, parte integrante de tal sistema, promovendo orientações morais e intelectuais opostas para cada indivíduo. Esses ideais estabelecidos em divisões perduraram com maior intensidade até o final do século XIX, embora tenham deixado seus vestígios durante toda a história e alcançando a contemporaneidade.

Retomemos então Jean-Jacques Rousseau, que sustenta o pensamento da inferioridade feminina: Dependentes dos homens, as mulheres eram frágeis, necessitando de proteção masculina, devendo ser subjugadas e obedientes diante da figura do sexo oposto. Nessa perspectiva, as mulheres eram educadas para executar tarefas que se referiam à esfera doméstica, enquanto os homens deveriam ser independentes, ter autodomínio, dar ordens e desenvolver a razão que lhe era inata, segundo o mencionado filósofo.

Logo, temos um ponto de vista binário, em que se insere a natureza feminina versus a razão masculina, o confinamento ao espaço privado versus o livre trânsito entre o campo privado e público, a subordinação versus a autoridade. Para que tal dualidade ocorresse, fazendo com que cada indivíduo se comportasse de acordo com o seu sexo biológico, Rousseau publicou *Émile* (1762), que propunha uma educação gendrada. A obra foi, então, alvo para estudos de vários intelectuais, com diferentes fins, entre o século XIX e início do século XX.

O discurso moralizador de Rousseau, desenvolvido através dos protagonistas *Émile* e *Sophie*, abordava apontamentos acerca da construção da função social da mulher, desde sua infância até a fase adulta. Dessa maneira, em sua obra, era *Sophie* que representava o ideal de comportamento feminino. O modelo de educação

apresentado pelo autor fez, por muito tempo, parte de um padrão predeterminado pela sociedade ocidental.

No seu estudo, Rousseau reforça o princípio moralista de que a mulher é, por natureza, um ser passivo, sensível, emotivo, que procria e agrada ao marido. Nessa vertente, o autor sugere uma educação feminina sustentada pelos deveres de seu sexo, confirmando, então, a condição considerada natural da mulher: a obediência. Sophie é exemplo da mulher obediente ao homem, isto é, ao seu marido Émile.

Enquanto Rousseau sustentava a subordinação feminina, havia aqueles teóricos que eram contrários a essas ideias. Entre estes estava Mary Woolstonecraft que, em 1792 publicou *A vindication of the rights of woman*, defendendo a participação política e a independência econômica das mulheres, que só poderia ser alcançada mediante a formação intelectual. Para isso, a autora sugere a necessidade de transformações na sociedade em suas diferentes estruturas, incluindo a instituição do casamento como um dos obstáculos que deveria ser repensado, visto que nele se estabeleciam e alicerçavam os princípios geradores da desigualdade entre os sexos.

Nesse panorama, foi em meados do século XIX que a importância de as mulheres não serem apenas educadas, mas instruídas, foi ressaltada. Por instruídas nos reportamos à formação intelectual, que enquanto educação abrange a transmissão de valores morais (BADINTER, 1985, p. 256). Dessa maneira, as mães seriam substanciais para a construção de sujeitos que cumprissem seus papéis de gênero. Segundo a autora, (*Op. Cit.*, p. 262),

Uma mulher instruída será uma mãe mais completa e uma melhor educadora, particularmente para a filha, a quem transmite o essencial do seu saber. Mas, quer ela seja a única mestra da filha, ou a auxiliar dos estudos do filho, Dupanloup a considera “a mestra natural, necessária e providencial dos filhos”. Mesmo que ela contrate uma professora ou um preceptor para se ocupar de seus filhos “deve conhecer a essência desse ofício melhor do que eles, poder fiscalizá-los, dirigi-los e, se necessário, suprir-lhes as deficiências.”

Filhas instruídas eram sinônimo de esposas e mães agradáveis aos seus maridos. Porém, nem todas as mulheres tinham instrução suficiente para orientar suas filhas e, para isso, as escolas eram dispostas para que contribuíssem com a produção de funções sexuais da sociedade. Com isso, eram oferecidas aulas de Literatura Inglesa, Sociologia, Filosofia e direcionamentos para seu gênero, sustentados na obediência a seus deveres naturais, mantendo-as uteis para a sociedade, sendo mais laboriosas nas tarefas

domésticas, atentas dentro de casa, ponderadas acerca da relevância da maternidade e procriação, assim como aos cuidados do seu cônjuge (VASCONCELOS, 2006, p. 9; BADINTER, 1985, p. 251).

A classe trabalhadora não fazia parte de tal contexto de instruções, contrariamente à burguesia. Dentre as instituições que destacaram em Londres estava o *Queen's College for Women* (fundado em 1848), que recebeu Katherine Mansfield² e suas três irmãs, em 1903, período em que o currículo escolar já era organizado de forma mais ampla e liberal, incluindo, além das disciplinas artísticas, os cursos em ciências naturais (MORAIS, 2004, p. 60).

As mudanças na educação ao longo dos anos se deram de forma sutil e gradativa, tendo ocorrido, ainda no século XIX, a permissão do acesso das mulheres ao ensino superior. O progresso da educação formal possibilitou o trilhar das mulheres pelo seu reconhecimento como indivíduo, alcançado mediante diversas lutas civis. Se foram conquistadas tais oportunidades no referido período, mulheres como Wollstonecraft antes já haviam reivindicado e questionado o sistema educacional e a condição feminina. De acordo com Wollstonecraft (1792),

É reconhecido que eles [os homens] passam muitos dos primeiros anos de suas vidas adquirindo uma porção de realizações; enquanto isso, a força do corpo e da mente é sacrificada para libertar as noções de beleza, para o desejo de se estabelecer, à única maneira que as mulheres podem erguer-se no mundo, - pelo casamento. E este desejo fazendo delas meros animais, quando se casam elas agem como crianças são esperadas a agir: elas se vestem; elas pintam e apelidam as criaturas de Deus. Certamente, esses seres fracos só servem para um harém! (tradução nossa)³

A autora argumenta sobre a desigualdade de gênero ao perceber que o desenvolvimento masculino é voltado às atividades cognitivas, à medida que o feminino se preocupa com a manutenção da beleza física, com os meios de agradar ao marido e com a procriação. Dessa maneira, as mulheres não eram sujeitos pensantes, resultando daí a impossibilidade de conquistas ou aspirações sociais, tendo em vista apenas o casamento como meio de sustento. Assim, dava-se continuidade à sujeição feminina

² Em anexo A.

³ It is acknowledged that they [men] spend many of the first years of their lives in acquiring a smattering of accomplishments; meanwhile strength of body and mind are sacrificed to libertine notions of beauty, to the desire of establishing themselves, the only way women can rise in the world,- by marriage. And this desire making mere animals of them, when they marry they act as such children may be expected to act: they dress; they paint, and nickname God's creatures. Surely these weak beings are only fit for a seraglio! (WOLLSTONECRAFT, 1792, s/p)

que, com as transformações da sociedade no percurso da história, teve suas bases desestabilizadas pelas inquietações de sujeitos que diferiam dos moldes sociais vigentes e não mais sustentariam sua posição de subjugadas.

No ensaio “Three Guineas” (1938), Virginia Woolf ressalta que “[...] o valor da educação está entre o maior de todos os valores humanos” (tradução nossa) ⁴, colocando sua concepção diante da dimensão da importância da instrução para ambos os sexos. A liberdade de transitar entre os campos público e privado, de preferir manter-se no âmbito doméstico ou do coletivo, de atender às normas do sistema patriarcal ou de assegurar a própria carreira profissional optando por ser solteira e/ou sem filhos, deveria ser assegurada, conforme a autora.

Como bem argumenta John Stuart Mill, em “On Liberty” (“Sobre a Liberdade” - 1859), aquele que se movimenta entre os mencionados campos e pode tomar decisões acerca de seu destino, torna-se um ser que exerce sua liberdade, caso oposto ele estaria sendo demarcado por uma ordem que oprime, predeterminando os seus desígnios. Verifiquemos no trecho que se segue:

As faculdades humanas de percepção, julgamento, discernimento, atividade mental e mesmo preferência moral só são exercidas mediante uma escolha. Quem faz alguma coisa por ser esse o costume não faz uma escolha. Não ganha qualquer prática em discernir ou desejar o que é melhor [...] Não se chamam as faculdades a qualquer exercício quando se faz alguma coisa somente porque os outros fazem, ou quando se acredita em alguma coisa apenas porque outros acreditam nela. (MILL, 2016, p.91) ⁵

Nessa direção, o autor argumenta que a liberdade, tanto de pensamento (através das faculdades mentais, isto é, das atividades intelectuais, para sermos concisos) quanto de ações são partes fundamentais para o progresso da humanidade. Logo, se existe a imposição de um costume, também há o impedimento ao avanço dos indivíduos, das suas aspirações individuais, da realização dos seus desejos íntimos, limitando-os e reprimindo-os, não lhes deixando opções além da imitação de práticas.

Dentro desse contexto, a mulher foi considerada um ser irracional, educada para não fazer uso das suas faculdades mentais, uma vez que agradava ao sexo masculino que ela fosse ignorante. Segundo Mary Del Priore (2014, p. 66), aquelas que dispunham

⁴ “[...] the value of education is among the greatest of all human values”.

⁵ The human faculties of perception, judgment, discriminative feeling, mental activity, and even moral preference, are exercised only in making a choice. He who does anything because it is the custom makes no choice. He gains no practice either in discerning or in desiring what is best [...] The faculties are called into no exercise by doing a thing merely because others do it, no more than by believing a thing only because others believe it. (MILL, 2016, p.91)

de inteligência ou que queriam se instruir, eram tidas como perigosas, “corriam o risco de se tornar prostitutas ou suicidas, porque homens comuns jamais se casariam com elas – o conhecimento lhes causava ‘repugnância’”. Assim, o seu destino era circunscrito pelos princípios hierárquicos vigentes.

De acordo com a autora, ser casada e obediente era sinônimo de esposa de respeito. No período ao qual nos referimos, manter a ordem social e ter seu próprio lar deveria ser o maior desejo feminino. O relacionamento íntimo entre homem e mulher, com filhos legítimos, ou seja, monogâmico e heteronormativo, constituía a família nuclear esperada pela sociedade.

A família nuclear, tomada como unidade familiar tradicional, foi predominante por motivações moral, econômica e religiosa. Essa unidade pode ser entendida a partir dos papéis sexuais predefinidos, como bem pontua Talcott Parsons (1956). Deste modo, os indivíduos deveriam ser educados desde a infância a fim de construir e internalizar o modelo feminino, no caso das meninas, e o masculino para os meninos, e como resultado eles poderiam assumir, posteriormente, sua própria família heterossexual.

1.3 TRANSFORMAÇÕES E CONFLITOS: A GUERRA, A INDÚSTRIA E O FEMINISMO

Segundo Parsons (Apud WALBY,1990, p. 63), a família e a sua função dentro da sociedade se constituía no motivo crucial para a existência da diferenciação dos papéis sexuais. O estabelecimento das atribuições de gênero estava para além da biologia, sendo reflexo da condição cultural de uma determinada sociedade. O marido e pai encontrava-se em posição de domínio no contexto familiar, fundamentado por estruturas de ordem patriarcal.

Para Bell Hooks, o patriarcado se consiste em um sistema sociopolítico em que os homens são considerados superiores as mulheres e, por isso, devem dominar os mais fracos dentro de tal lógica. Desse modo, a família constituía a principal relação entre gênero e sociedade, em que cada sujeito era educado para exercer as tarefas atribuídas ao seu gênero, essenciais para o seu enquadramento na sociedade.

Entretanto, a herança da ordem patriarcal permeou outras instituições sociais, indo além da família. Mesmo que a figura central do pai tenha sido quase que totalmente ignorada no século XX, a dominação masculina continuou a ser reforçada na

esfera social e a ideia de controle sobre as mulheres. Seus corpos e sua sexualidade destinavam-se a interferir nas relações interpessoais.

É válido ressaltar que as “famílias extensas” - aquelas que além do casal e dos filhos legítimos também poderiam agregar irmãs ou irmãos solteiros, tias ou tios, avós ou avôs, noras ou genros, primos, serviçais, e assim por diante – foi uma configuração familiar bem difundida na Europa do século XIX e provinha igualmente da hegemonia masculina, em que o homem dispunha do poder sobre a esfera doméstica e sua esposa arcava com o apoio emocional e a obediência às vontades do marido.

Fossem quais fossem suas estruturas, a família se conectava à cultura, à economia, aos padrões e às normas, isto é, era construída socialmente a partir dos interesses de grupos e contextos determinados. Estando ligado em seus primórdios ao âmbito doméstico, o núcleo familiar era responsável pela formação e produção dos sujeitos, que manteriam a valorização da organização prescrita e binária: o lugar do homem e da mulher, o trabalho no espaço privado não remunerado e no campo público assalariado.

Nesse viés, ser uma dona de casa era função feminina, de espaço delimitado e de obediência ao marido, devendo a mulher trabalhar em casa sem nenhuma recompensa financeira pelo serviço. Contudo, a divisão sexual de trabalho foi sendo transformada ao longo do tempo em que os eventos sociais ocorriam e afetavam o Estado. Referimo-nos ao fim da primeira guerra mundial, ao desenvolvimento do processo industrial e aos seus impactos sobre as mulheres europeias. De acordo com Bernardo de Vasconcelos (2006, p. 25),

O início do século XX registrou a continuidade, não só a evolução da conquista de direitos pelas mulheres, mas também da sua luta. A calamidade que foi a Primeira Grande Guerra deu às mulheres a possibilidade de fazerem prova das suas capacidades. Tomaram conta dos trabalhos dos homens que estavam nas frentes de batalha e tiveram um desempenho tão bom quanto o deles [...]. Com o fim da guerra, os homens retomaram os seus empregos e as mulheres viram-se forçadas a voltar ao seu antigo papel. Mas as coisas jamais seriam iguais.

Assim, verifiquemos que, enquanto os homens lutavam nas trincheiras da Grande Guerra, muitas mulheres tiveram de trabalhar nas indústrias embora tivessem baixos salários, dado que eram consideradas sujeitos menos capazes do que o sexo oposto, formando uma dupla jornada de trabalho que as dividia entre os cuidados com o

lar e o emprego fabril. O determinismo biológico era o impasse para entender a inferioridade feminina e, portanto, sua menor renumeração e a noção de que o seu lugar era dentro de casa, no cerco privado. O retorno dos homens da guerra serviu para manter as mulheres no lugar onde deveriam estar (baseados nas prescrições sociais), confinadas ao âmbito doméstico. Mas o espaço conquistado não deveria ser desconsiderado, o que contribuiu para que a classe feminina reivindicasse direitos políticos iguais aos dos homens.

Os valores morais impostos pela sociedade dificultaram, durante muito tempo, a luta pelo direito de igualdade. Para se reconhecer a opressão causada pelo sistema político era preciso acabar com o patriarcado como organização política e mudar as estruturas que se encontravam por trás da ideologia soberana produzida culturalmente. Com isso, foi plantado o alicerce do movimento feminista, que procurou lutar pelos mesmos direitos e oportunidades dadas aos homens, conquistando, portanto, a igualdade entre os seres humanos. Segundo Carla Garcia (2011, p. 13):

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano da opressão e exploração por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas. Desta forma, se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. É, ainda, uma consciência crítica sobre as tensões e contradições que encerram todos esses discursos que intencionalmente confundem o masculino com o universal.

Tal conceito, em seu sentido mais amplo, reporta-se à reivindicação dos direitos civis pelas mulheres, assim como a sua liberação, se compreendido em todo um processo de transformação sociopolítico. Com isso, surgia a possibilidade de desestabilização de estruturas ideológicas preestabelecidas, que classificavam sujeitos e delimitavam seus papéis. Nesse viés, as diferenças sexuais que configuravam o dominante o subvertido deveriam ser repensadas, a fim de apreender as limitações das fronteiras de gênero que deixam ambos, homens e mulheres, em condição de dependência e opressão.

Os movimentos sociais, então, se constituíram em uma parte significativa para o processo de transformação da condição feminina, se apresentando de forma paulatina e progressiva. A aspirada igualdade, com maior participação na política e na esfera pública, foi confrontada pelas barreiras do conservadorismo que formavam obstáculos diante da livre-escolha dos indivíduos.

Conforme Flávia Biroli (2013, p. 90), as transformações que percorriam o século XX estavam vinculadas não somente as mudanças que ocorreram na legislação relativa aos direitos das mulheres, como também ao enfraquecimento de valores e práticas que eram aceitas como naturais. As experiências dos sujeitos, as possibilidades de sociabilidade na esfera pública, as expectativas sociais que recaíam sobre eles, incidiam no processo de formação de suas escolhas e preferências. Assim, ao passo que a ordem passou a ser abalada os valores foram igualmente impactados, levando mulheres e homens a repensar comportamentos e pensamentos preestabelecidos por uma sociedade falocêntrica.

Nessa direção, as mudanças no âmbito social foram se desvelando mediante as necessidades de períodos específicos. Já não se adequavam às normas estritamente binárias entre sexos no século XX e à manutenção do modelo patriarcal como forma de poder político foi quase que totalmente ignorada. Preservar ou não uma tradição cultural remete, portanto, aos interesses de grupos dominantes que legitimam valores e definem o que é justo. Mesmo com o correr dos anos, se faz necessário considerarmos que as raízes da identidade inferior da mulher na família, tal como o fato de o homem ser seu provedor, perpetua-se significativamente no pensamento da sociedade ocidental. Desestabilizar a ordem, que por tanto tempo foi vigente, foi sinal de desarranjo da unidade familiar e de desordem social, política e econômica para os indivíduos defensores da conservação moralista.

O rompimento dos ideais sobre o lugar pertencente ao feminino e ao masculino constituía, assim, a possibilidade de o indivíduo tomar decisões e alcançar certa liberdade (em seu sentido de ausência de restrições). Colocar em prática seu individualismo, tornando-o um ser autônomo fugia das configurações daqueles que viviam em épocas anteriores ao século passado.

O debate acerca dos corpos das mulheres, sua educação e suas lutas é parte de uma história ainda em progresso, que muda suas facetas, mas não perde seu embasamento na tradição cultural. Sabendo disso, propomos ampliar nossa discussão sobre os fatores biológicos e culturais e suas influências sobre a identidade feminina, tema do tópico que se segue.

2. A MULHER E A CRISE IDENTITÁRIA

“I want to be all that I am capable of becoming”

(Katherine Mansfield)

A identidade de gênero, que se dava em dois polos, o feminino e o masculino, foi incontestável por longos períodos históricos. Os fatores biológicos, os interesses políticos, econômicos e culturais integraram os processos de formação das identidades dos sujeitos, que deviam se encaixar em padrões preestabelecidos a fim de não serem socialmente estigmatizados. A educação e a instrução com base nas diferenças sexuais moldava mulheres e homens para que se comportassem dentro das expectativas de conduta social própria ao seu gênero e as instituições tinham uma grande influência nesse processo de gendramento. Era do núcleo familiar que partiam os ensinamentos iniciais para a vivência das identidades. As instituições religiosas e o Estado ressaltavam a relevância do modelo familiar heterossexual e monogâmico para o desenvolvimento econômico, a preservação das crenças religiosas e o controle da população, como a resistência da Igreja ao uso de métodos contraceptivos e ao não reconhecimento e a não aceitação de casais homoafetivos, além do incentivo a discursos em defesa da moral e do recato das mulheres. Ao manter os sujeitos dentro das normas vigentes, procurava-se preservar práticas que atendiam apenas aos interesses dos grupos hierárquicos. As incertezas sobre esses determinismos surgiram progressivamente, desestabilizando conceitos e questionando as identidades fixas, configurando o cenário de desordem e a desconstrução da Europa no período moderno. Com esses sujeitos inquietos e problemáticos, as identidades entraram em crise, como iremos discutir mais adiante.

2.1 A IDENTIDADE DE GÊNERO DAS MULHERES

A discussão acerca da identidade gera questionamentos e problematizações que produzem múltiplos posicionamentos. Os processos identitários se dão de modos variados no decorrer do tempo em determinado contexto. Suas bases se encontram em pressupostos sociais e culturais. Logo, a família e o estado assumem papéis pertinentes na formação dos seres, educando e estabelecendo os padrões de comportamento que são esperados pela sociedade. O determinismo biológico, por muito tempo, foi uma das bases dos critérios que definiam os papéis de mulheres e homens no meio social. As diferenças sinalizadas, ligadas diretamente ao sexo, sustentavam a pressuposição de que os homens eram naturalmente dominantes e as mulheres subordinadas, devendo gozar dos prazeres maternais e da proteção masculina. Os distintos atributos biológicos, por

meio dos processos sociais, passaram a ser naturalizados e hierarquizados dentro dos valores culturais da sociedade. Quando tratamos de sexo biológico, nos remetemos aos corpos binários cuja anatomia dispõe do sistema reprodutivo, bem como dos hormônios próprios às mulheres e aos homens. Desse modo, o corpo de uma mulher, composto por útero e outros atributos, foi ressignificado socialmente, sendo estabelecidas fronteiras que procuram definir a identidade do sujeito que, neste caso, deveria ser representado pelo modelo feminino. O feminino é, então, parte da organização socioestrutural, uma produção da sociedade. Já a identidade feminina das mulheres seria, conforme Dina Ferreira (2002, p. 105), “uma construção de padrões culturais de comportamento, baseada em arquétipos patriarcais, nos quais a mulher enquadrar-se-ia ou não em categorias valorativas do tipo: beleza, sensibilidade, meiguice, submissão, maternidade”. Da mesma maneira, o masculino também tem suas demarcações, opostas às femininas, afirmando a política identitária e seus efeitos no social.

Para Sylvia Walby (1991, p. 91), a abordagem mais tradicional das diferenças sexuais é a percepção das identidades masculina e feminina como reflexo da estrutura biológica dos sujeitos. Assim, o significado social dos atributos biológicos permanece sendo uma das questões de discursão das teorias sociais de identidade de gênero:

A socialização acontece principalmente durante a infância, durante a qual meninos e meninas aprendem o comportamento adequado para o seu sexo. Os escritores que propõem essa teoria têm claras noções sobre o que distingue masculinidade e feminilidade, geralmente concebidas como espelhos opostos. Masculinidade implica assertividade, ser ativo, vigoroso e rápido para tomar a iniciativa. Feminilidade implica cooperatividade, passividade, gentileza e emoção. (tradução nossa)⁶

Assim, os sujeitos já nasciam numa posição social fixa e, a fim de assegurar a valorização e preservação dos princípios dicotômicos, desde a infância eram ensinadas tarefas específicas para meninos e meninas. Os processos de socialização, portanto, contribuíam para o desenvolvimento da identificação desse sujeito, que devia se estabelecer nos parâmetros das funções sexuais, fossem eles femininos ou masculinos.

⁶ Socialization is considered to take place primarily during childhood, during which boys and girls learn the appropriate behavior for their sex. Writers proposing this theory have clear notions of what distinguishes masculinity and femininity, usually conceived of as mirror opposites. Masculinity entails assertiveness, being active, lively, and quick to take the initiative. Femininity entails cooperativeness, passivity, gentleness and emotionality.

A instituição familiar teve uma parte primordial no processo de socialização, inserindo o sujeito na sociedade por meio de modelos idealizados que, posteriormente, o orientariam a conduzir-se na sua existência. Nessa perspectiva, as crianças aprendiam os papéis de gênero com os pais para que, quando adultos, se tornassem mulheres femininas e homens masculinos numa família heterossexual (PARSONS,1955).

As atribuições das atividades para os sujeitos estão diretamente relacionadas ao gênero, implicando na formação de um sistema simbólico que representa o indivíduo por meio de uma classe. Desse modo, o gênero se relaciona entre o sexo e os valores de uma determinada sociedade, estabelecendo uma hierarquia. Com isso, podemos afirmar que o mesmo é resultante de uma construção política e sociocultural, como bem pontua Cecil Zinani (2013, p. 29).

A percepção das diferenças entre sexo e gênero recebeu realce na segunda metade do século XX. Até então, as expectativas de gênero se baseavam na adequação do sexo anatômico com a suas práticas em âmbito social, de acordo com a cultura de determinado espaço e tempo. A partir de então, ser uma mulher feminina ou um homem masculino seria uma determinação social que, uma vez culturalmente construída, teria significados diferentes, de acordo com as sociedades específicas e seus momentos históricos.

2.2 AS MULHERES E O CASAMENTO

Os modos de vida dos sujeitos acabavam por ser semelhantes. As mulheres, em suas posições de donas-de-casa e mães, encontravam-se na condição de sujeição, imersas em experiências comuns entre si. As identidades eram então coletivas, compartilhadas pelos membros da sociedade, enquanto a autonomia e a individualidade não eram usuais dentro dos padrões normativos.

Os modelos a serem seguidos faziam parte dos significados culturais, que se perpetuavam no pensamento e no controle da prática do cotidiano. Logo, as identidades estavam vinculadas às marcações simbólicas, dando sentido e lógica às relações sociais, classificando e, portanto, hierarquizando os sujeitos na sociedade, resultando na organização e divisão de tarefas prescritas (WOODWARD, 2014).

Nessa vertente, a identidade é assimilada mediante o processo de interação do sujeito com a sociedade, afirmadas nas práticas sociais e conferindo o caráter polifônico. A formação e manutenção das identidades envolvem, portanto, não apenas

um único sujeito, mas diz respeito a sua relação com as demais instituições sociais. Como resultado, temos identidades organizadas por meio de um sistema de representações, estabelecendo ligações com o simbólico (ZINANI, 2013).

A incorporação dessa estrutura ideológica produz identidades que deveriam ser inquestionáveis. Ora, se a mulher deve ficar em casa, desfrutar do suposto prazer de gerar filhos e esperar a proteção e o sustento financeiro de um homem, a ordem masculina não encontrava razão delas não estarem todas confortáveis em sua condição. A percepção sobre a mulher era, então, coletiva e universal e não abria espaço para a individualidade e a escolha de uma identidade humana.

A mulher definida apenas em relação ao homem (a sua esposa, objeto sexual, mãe e dona-de-casa), e não como um indivíduo com liberdade social de busca pelo seu próprio eu, a posiciona em uma identidade vista como fixa e imutável. Essa referida identidade é o que Betty Friedan (1963, p. 70) denomina de “mística feminina”: “A mística feminina permite e até encoraja as mulheres a ignorar a questão da sua identidade. A mística diz que elas podem responder à pergunta ‘Quem sou eu’ dizendo ‘A esposa de Tom... a mãe de Maria’” (tradução nossa)⁷. Nessa direção, verifica-se que as disposições sociais são internalizadas, moldando pensamentos e práticas de acordo com as estruturas vigentes.

O controle dos sujeitos era, portanto, não somente de suas ações como também de suas mentes, corporificando as estruturas que idealizariam, classificariam e formariam sujeitos a partir da reprodução de preceitos perpetuados culturalmente, inscrevendo progressivamente os valores e crenças da ordem vigente. Dessa maneira, as interações das mentes subjetivas conjuntamente com as organizações sociais contribuíram para a condição feminina condicionada a uma determinação de modo de vida marcado por costumes que buscavam anular o receio sobre as regras de conduta, e pelas opressões presentes no cotidiano (BOURDIEU, 2017; MILL, 1859).

Segundo Friedan (1963, p. 21), as donas de casa eram presas em algo maior do que os atos performativos, elas estavam com suas mentes acorrentadas. Através do processo de socialização, internalizaram pensamentos, foram lhes postas ideias ilusórias que lhes guiassem a supostas escolhas. A vida opressiva e sufocante se resume a tentar sempre agradar o outro, procurando atender o que a sociedade espera, sem reconhecer a

⁷ The feminine mystique permits, even encourages, women to ignore the question of their identity. The mystique says they can answer the question “Who am I” by saying “Tom’s wife... Mary’s mother”

quem de fato são. Tudo que precisavam fazer era abafar seus tormentos e manter as aparências de mulher domesticada e boa esposa.

Assim, além do campo em que podemos perceber a nítida divisão binária e ideológica, também há aquele que não notamos tão facilmente, presente em minuciosos detalhes das atividades, discursos ou devaneios ao longo da vivência cotidiana. As estruturas e instituições se perpetuam e se intensificam no espaço coletivo e nas mentes dos indivíduos, que naturalizam as práticas e percepções de certo grupo e cultura, levando a tê-las como “normais” e “aceitáveis”.

Nessa perspectiva, a mente age conforme padrões constituintes de culturas específicas e temporais. Durante seu desenvolvimento, o sujeito é então exposto a uma série de valores, normas e costumes que, desde a infância, passam a ser assimilados e apropriados, resultando na incorporação do condicionamento da mente, constatado nas ações habituais dos sujeitos e no seu conjunto de expressões, comportamentos e discursos, que irão classificá-los dentro de grupos identitários predefinidos hierarquicamente.

Conforme Bourdieu (2017, p. 63), a formação das estruturas cognitivas e as ideias de dominação de grupos específicos são parte da construção social resultante de um poder. As conformidades postas em prática diariamente como os gestos, o modo de olhar, as interações sociais, as afeições e o respeito diante de outro são inscritas nos corpos dos dominados mediante de esquemas de percepção, pensamento, apreciação e ação.

Com isso, as identidades são produzidas por marcações simbólicas, estabelecendo-se mediante sistemas classificatórios que definem as práticas culturalmente aceitas ou não. A incorporação da ordem gendrada proporcionava um poderoso domínio sobre as mulheres, que cresciam sem o conhecimento de que, igualmente aos homens, também possuíam desejos e capacidades que o pensamento androcêntrico vetava (FRIEDAN, 1963).

As produções discursivas transmitidas pelas instituições (fossem elas familiares, religiosas, econômicas, políticas), faziam parte do imaginário social, delimitando fronteiras que não iam além do feminino e do masculino, que ao seguir os padrões idealizados eram tidos como a mulher e o homem de “verdade”. Dessa maneira, os discursos que se referem às mulheres, determinando sua identidade, seu lugar, sua condição, as colocaram, por séculos, na posição de sujeição, obedecendo aos preceitos morais e vivendo para o Outro e não para si próprias e inibindo suas vontades.

As experiências em comum entre essas mulheres fazem-nas tornar aparente sua condição e ao tomar consciência e compreender sua posição desigual, reivindicando seus direitos e oportunidades como seres humanos e procurando se afastar das concepções do destino biológico passivo e sua servidão ao Outro. O campo literário foi um dos contribuintes para desnaturalizar as reproduções binárias do sistema simbólico. A representação da mulher não mais projetaria a imagem da identidade fixada pela prática cultural masculina, mas das suas experiências e suas próprias perspectivas acerca do seu meio, rompendo seu confinamento e compartilhando suas indagações e as histórias que eram guardadas apenas si.

Como bem já sabemos, esperava-se do homem a virilidade, o domínio sobre a mulher, enquanto esta constituía a diferença, isto é, a passividade diante do Outro. Dentro de tal organização social circundavam múltiplos interesses relacionados às diferentes estruturas de poder, como é o caso do Estado. Para isso, o controle sexual, a manutenção das identidades prescritas e a hegemonia masculina eram significativos, tendo em vista suas influências sobre o desenvolvimento social e o modelo econômico vigente da época. Nessa perspectiva, o casamento se deu como forma de contribuir para a estabilização social e controle da sexualidade. Para os homens o casamento era canalizado por meio das idealizações da luxúria, sendo a prática sexual obrigatória dentro do contrato. As mulheres, por sua vez, tinham o cumprimento de seus destinos ao se casar, seriam as esposas, donas de casa e mães supostamente felizes.

Os homens tinham a necessidade de ter uma esposa ao seu lado, para a procriação de filhos legítimos e para ter alguém responsável por cuidar do âmbito doméstico. As mulheres, no que lhes concerne, deveriam ser servis e cumprir com suas funções de gênero. Uma vez que os sujeitos não fossem casados, não tivessem filhos ou praticassem atos que subvertessem a ordem ideológica eram duramente excluídos e postos à margem da sociedade.

Nessa vertente, para todos os sujeitos, os padrões de comportamento esperados colocavam limites e responsabilidades de manutenção de um sistema que buscava manter reguladas as organizações sociais, com ajuda das instituições, à luz dos próprios interesses dos grupos hierárquicos detentores do domínio e controle do campo político-social.

Para a mulher a única realização possível era o casamento e a maternidade, pois era considerada destituída de mentalidade racional. Assim, a vocação aberta às mulheres

da classe média na época vitoriana ⁸ era casarem-se, geralmente jovens, e serem mães logo após ser firmado o contrato matrimonial. A construção de uma família, nos padrões patriarcais, dava a continuidade à moral e aos valores normativos vigentes, destinando-as à educação dos filhos e à organização da vida doméstica.

O casamento veio, então, como forma de manter esses princípios binários. Dessa forma, uma sociedade mantida regulada era aquela onde as identidades atendiam aos moldes de gênero preestabelecidos. Segundo Antoine Prost (2009, p. 74), “na primeira metade do século XX, casar era formar um lar, lançar as bases de uma realidade social nitidamente definida e claramente visível dentro da coletividade”. Iniciar a vivência matrimonial fundamentava-se majoritariamente em acordos de base econômica, como a geração de herdeiros (no caso das famílias burguesas), psicológicas (a fim de evitar a solidão) e sociais com o ajuste do sujeito aos princípios sustentados pelo Estado e/ou pela religião.

Ainda na cerimônia o casal diz “sim”, que é uma “expressão performativa”. Em seguida, eles deixam de ser uma mulher e um homem para se tornarem esposa e marido, modificando suas posições diante da sociedade. As mulheres encontravam no casamento a esperança de dar sentido para sua existência, renunciando seus desejos e forças vitais para entregar-se nas mãos de um homem. Era por esse caminho que alcançavam o ideal de felicidade que tanto se estimava, finalmente ela teria seu próprio lar, seria esposa, mãe, dona de casa e teria um marido para lhe guiar, proteger e sustentar (PATEMAN, 1993; BEAUVOIR, 2009).

Mediante tal união originava-se, então, um grupo de sujeitos conectados entre si e regidos por direitos civis, deveres sociais ou sentimentos psicológicos. Dentro dessa relação, até o início do século XX, ainda se devia sujeição à figura masculina, não apenas na esfera pública como também na privada. Isto posto, eram nas experiências do cotidiano que o relacionamento entre os membros revelava o domínio sobre as mulheres e a persistência dos traços patriarcais.

Conforme Carole Pateman (1993, p. 169-170):

⁸ Quando nos referimos ao período vitoriano, tencionamos mencionar a fase em que Rainha Vitória reinou sobre a Inglaterra (1837 à 1901). Esta época foi marcada pelo desenvolvimento econômico e industrial, conquistas coloniais, e por uma sociedade moralista, convicta de seus conceitos, incitando uma série de valores sobre a formação cultural, moral e ideológica (MORAIS, 2004). Com a morte da rainha, o seu filho Eduardo tornou-se rei. Com isso, teríamos, por conseguinte, o período eduardiano (1901 à 1910) trazendo mudanças tanto na política quanto na aparência arquitetural e de moda, sendo destacadas as vestimentas de luxo para grupos específicos, constituídos de sujeitos mais ricos e privilegiados financeiramente.

O contrato de casamento ainda é o melhor ponto de partida para ilustrar como o direito político patriarcal é continuamente renovado e reafirmado pelos contratos concretos na vida cotidiana [...] Quando uma mulher se torna uma “esposa”, seu marido ganha o direito de acesso sexual a seu corpo (já chamado de “direitos conjugais” na linguagem legal) e a seu trabalho como dona-de-casa.

Em vista disto, a vida privada significava para além de um convívio dentro de um mesmo lugar, o lar, já que era mediante ela que se mantinha a formação de identidades e o controle sexual. Com isso, estavam sob vigília a educação sexual binária e heteronormativa, a reprodução da espécie e a demarcação da mulher ao espaço doméstico. Da burguesia ou da classe operária, o destino que as conduzia à submissão, à dependência e ao recato, se entrecruzava revelando uma condição feminina em comum.

O casamento como contrato contribuía, então, para fixar as funções tidas como naturais para ambos os sujeitos, circunscrevendo identidades e moldando as relações sociais. O acordo era simbolicamente entendido pelos envolvidos, devendo estes cumprir e reproduzir seus papéis de gênero. Assim o contrato, que inicialmente não era escrito e validava-se com o ato sexual, pressupunha o corpo da mulher como fonte de satisfação dos prazeres sexuais do Outro, perpetuação da espécie e sua propriedade particular.

Consumado o matrimônio, as relações sexuais deveriam ser mantidas. A ideia de que o contrato dá o consentimento de ambas as partes para a satisfação das vontades sexuais era apoiada pela ordem patriarcal e, por assim dizer, era dos homens a decisão de querer ou não desfrutar dos prazeres canais prestados pelas mulheres. O marido tinha, portanto, a garantia de acesso íntimo ao corpo da esposa e a ela cabia a obrigação de lhe prestar relações sexuais.

O casamento selava o destino da mulher, sua domesticidade e sexualidade eram postas em prática a partir da união. Antes do matrimônio as mães ensinavam como suas filhas deveriam reprimir os desejos sexuais e não podiam flertar. Para se casarem também havia a intervenção dos pais, mediante arranjos, sendo do agrado ou não da mulher a determinação de formação do casal era da figura masculina.

Nessa perspectiva, a liberdade de escolha era ignorada. A definição dos parceiros íntimos era feita pelos pais e tinha a intromissão de toda a família, principalmente se houvesse interesses que transitassem em torno de patrimônios. Enquanto na classe operária, por falta de posses abastadas, tais arranjos não eram

práticas persistentes. Mesmo que alguns casais da primeira metade do século XX não tivessem os seus pares escolhidos mediante acordo entre famílias, ainda se fazia improvável encontrar uniões que não eram aceitas pelos pais (PROST, 2009, p. 67-68).

Numa relação conjugal, inserida no cerco doméstico, em resignação diante da superioridade masculina da época, os prazeres sexuais da mulher somente poderiam ser encontrados na maternidade. De acordo com Badinter (1985, p. 192), ainda no século XIX, os estudiosos enfatizavam a satisfação da mulher ao ter um filho, seu objeto de amor. Obedecer à sua natureza dedicando-se em tempo integral à sua criança e obter prazeres sexuais com a amamentação (conforme os discursos psicanalíticos), sustentavam a ideia da ocupação mais agradável para uma mulher, a maternidade.

Logo, a sexualidade feminina instituída com fins reprodutivos estaria na base da construção da identidade de gênero. Na divisão binária das identidades, as mulheres eram orientadas para o matrimônio heterossexual, garantindo assim a sua submissão e cumprimento de seu papel de gênero. A sexualidade humana, então, era uma forma de controle social por meio de princípios heteronormativos e costumes culturais.

2.3 A QUESTÃO DA SEXUALIDADE

Ao tratar de sexualidade, os argumentos médicos, biológicos, religiosos e psicológicos, além dos interesses econômicos do Estado, eram postos em questionamento. Essas discussões como resultado acabavam por manter a vigilância sobre as práticas dos sujeitos. Nesse processo, a relação heterossexual imposta, isto é, a heteronormatividade contribuía para a produção de identidades, a estruturação de instituições sociais, a divisão sexual trabalhista e o domínio sobre a intimidade feminina e a vida privada.

O relacionamento entre uma mulher e um homem era considerado como natural pela sociedade, fazendo parte do sistema sexual binário. A sexualidade era, portanto, construída socialmente, com severas restrições morais e regras de conduta até o início do século XX, sendo aqueles que se desviassem das normas de identificação de gênero e sexuais estabelecidas marginalizados pelo grupo dominante.

Para Anthony Giddens (1993, p. 33),

A sexualidade emergiu como uma fonte de preocupação, necessitando de soluções; as mulheres que almejavam prazer sexual eram

definitivamente anormais. Segundo as palavras de um especialista médico, “o que é a condição habitual do homem [excitação sexual] é a exceção das mulheres”.

A sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos de poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta.

Reprimir o prazer sexual era reforçar a “normalidade” e hegemonia dos ideais normativos. Se adequar aos modelos de conduta fazia parte para que o sujeito fosse percebido de acordo com as expectativas. As mulheres que se preservavam nos seus lares, cobriam seus corpos e se guardavam para seus maridos eram as valorizadas e respeitadas. Em contraposição, aqueles que expressavam seus desejos deviam ter intensa vigilância, uma vez que era uma prática inadequada e uma ameaça à suposta estabilidade social.

Mesmo após o matrimônio, as práticas sexuais continuavam a ser controladas mediante a busca disciplinada do prazer. A falta de orgasmo era considerada uma reação normal de uma mulher de boa conduta, a traição sexual pela mulher era duramente abominada e os métodos contraceptivos desencorajados dado que o tamanho da família deveria emergir naturalmente (GIDDENS, 1993; DEL PRIORE, 2014). A Igreja foi uma das instituições que apresentou uma pertinente intervenção no convívio dos cônjuges.

De acordo com Del Priore (2014, p. 29):

Os casais eram severamente perseguidos quando tentavam evitar ter filhos. Na época, vale lembrar, não existia nem “camisinha”, nem pílula anticoncepcional. Na maior parte das vezes usava-se uma técnica bastante difundida na Europa: o coito interrompido, que a Igreja católica condenava [...]

Já a sexualidade na classe trabalhadora era sujeita a maiores restrições devido aos índices de natalidade. Possuir um maior número de filhos do que os sujeitos de classe média significava aumento de desemprego, frequentes irregularidades no setor educacional e, por resultado, também ocorriam práticas ilegais de aborto. Desse modo, tal classe se encontrava cada vez mais controlada, particularmente, após o casamento. Mesmo com o surgimento dos dispositivos contraceptivos, ainda era a burguesia que tinha maior acesso aos médicos e podia arcar com os custos envolvidos caso quisesse evitar uma gestação com prudência (STERNS, 2010).

A associação entre a sexualidade e procriação, deixava a mulher inteiramente subordinada à reprodução. Fossem da classe média ou trabalhadora, falar dos corpos das mulheres era tratar, portanto, da condição cultural e humana que se formava em torno deles, sendo a base dicotômica entre os seres nos eixos das divisões trabalhistas, funções corporais, atrações sexuais. Segundo Margaret Mead (1971, p. 24): “Estamos acostumados a cobri-lo [o corpo], a nos referirmos a ele esquivamente ou por alguma gíria, ou mesmo a esconder o sexo de nossos filhos sob símbolos rosa e azul”. Assim, estruturou-se o domínio da cultura sobre a natureza, classificando e controlando os comportamentos e a exposição dos corpos.

Não cobrir o corpo, vestindo roupas decotadas, era sinal de promiscuidade para a mulher. As roupas se tratavam, então, de um confinamento simbólico, igualmente fazendo parte da condição feminina subjugada a uma identidade fixa. Suas saias, vestidos e calçados eram moldados a limitar os movimentos das mulheres enquanto as calças largas e sapatos davam maior mobilidade ao homem (BOURDIEU, 2017, p. 47). Nessa direção, a identidade feminina se fazia regulada dentro da trama simbólica cultural, atribuindo desde lugares e obrigações particulares a instruções relativas à aparência física.

Os princípios que a identidade feminina era estruturada deveria valorizar o uso do corpo ou determinados movimentos corporais e, por isso, as mulheres eram impostas a passar por uma disciplina moral incessante. Assim, os sujeitos eram diferenciados em seus antagonismos, mostrados através da representação de símbolos e valores determinados pela sociedade em um dado momento histórico. Essas representações estavam radicadas nos corpos e agregadas às práticas, levando a naturalização de uma ética (BOURDIEU, 2017).

Agir como mulher ou homem significava, então, se encaixar dentro das singularidades do feminino e do masculino e os seus respectivos desejos sexuais. As identidades dicotômicas, com seus aspectos divergentes, se inscreviam no corpo e na mente do sujeito de forma que essas fossem suas próprias condições e selos de seus destinos desde o seu nascimento.

2.4 AS SUBVERSORAS

Embora existissem aquelas que aceitavam o destino prescrito, havia as que dele divergiam. As identidades fixas e as suas certezas vieram a ser cada vez mais abaladas à

medida que as mulheres europeias procuravam a emancipação da ordem masculina dominante. Nessa perspectiva, a determinação feita pelo Outro não podia mais ser vista como uma verdade absoluta e inquestionável. Assim, com a eclosão de tais indagações a identidade é posta em crise.

Ainda no século XIX, algumas escritoras já se mostravam inquietas acerca da feminilidade que lhes era atribuída, como Katherine Mansfield, que revelou, em 1913, através de carta a John M. Murry, o seu desconforto diante do papel de gênero que queriam que ela incorporasse:

Eu sou mesmo uma tirana, Jack querido! Ou você diz isso para me provocar? Acho que sou uma administradora ruim; e a casa parece tomar tanto tempo se não for cuidada com algum método... quando tenho de limpar o dobro de vezes, ou de lavar coisas desnecessárias, sinto horrível e impaciência e desejo de estar escrevendo. Tantas vezes nesta semana ouvi você e Gordon conversando, enquanto eu lavava louça! Bem, alguém tem de lavar a louça e preparar a comida. De contrário, “não há nada nesta casa para se comer a não ser ovos”. Sim, eu odeio, odeio fazer essas coisas, que você espera de sua mulher, da mesma maneira como os outros homens aceitam. Na verdade, só posso fazer o papel de empregada doméstica com muito má vontade. Isso fica muito bem para mulheres que não têm nada mais para fazer. E então você diz que sou uma tirana, e se espanta porque eu me sento cansada à noite. A dificuldade com mulheres como eu é que elas não podem se manter calmas diante das tarefas que lhes são impostas. Segunda-feira, depois que você, Gordon [Campbell] e Lesley [Moore] saíram eu caminhei a esmo, com a cabeça cheia de fantasmas de caçarolas, fogões e “haverá o bastante para todos?” E você reclamando, seja o que for que eu esteja fazendo: “Tig, não vai haver chá? São cinco horas”. Como se eu fosse uma empregada relapsa. Estou me detestando, hoje. Detesto esta mulher que “cuida” de você, corre de um lado para outro batendo portas, entornando água – toda desarrumada, com a blusa fora e as unhas sujas. Tenho aversão e repulsa pela criatura que grita: “Você podia ao menos esvaziar o balde e levá-lo para fora, com as folhas de chá!” Sim, não me admira que você “me encare, em silêncio”... (DIÁRIOS E CARTAS, 1996, p. 37-38)⁹

⁹ Am I such a tyrant Jack dear—or do you say it mainly to tease me? I suppose I am a bad manager and the house seems to take up so much time if it isn't looked after with some sort of method I mean... when I have to clear up twice over or wash unnecessary things, I get frightfully impatient and want to be working. So often this week I've heard you and Gordon talking while I washed dishes, Well someone's got to wash dishes and get food. Otherwise, "there's nothing in the house but eggs to eat". Yes, I hate HATE doing these things that you accept just as well men accept of their women. I can only play the servant with very bad grace indeed. It's all very well for females who have nothing else to do ... and then you say I am a tyrant and wonder because I get tired at night.

The trouble with women like me is - they can't keep their nerves out of the job in hand - and Monday after you and Gordon and Lesley have gone I walk about with a mind full of ghosts of saucepans and primus stoves "will there be enough to go round" ... and you calling (whatever I am doing) "Tig isn't there going to be tea? It's five o'clock". As though I were a dilatory housemaid.

I detest this woman who "superintends" you and rushes about, slumming doors and slopping water - all untidy with her blouse out and her nails grimed I am disgusted and repelled by the creature who shouts at

Assim como a autora não se identificava com o modelo patriarcal, outras mulheres da época também viviam na mesma condição. As incertezas que se instauravam ao longo dos processos históricos mostravam sujeitos inquietos, questionadores e problemáticos, expandindo-se mais no período moderno do século XX. Segundo Zinani (2013, p. 19), “uma vez que o sujeito se torna problemático, a identidade não é mais um elemento fixo e estável”. Nesse viés, as construções binárias simbólicas que supunham estabilidade passavam, então, a serem deslocadas para o espaço das dúvidas, de ideologias conflitantes e mudanças sociais que inferiam direta ou indiretamente no cotidiano, no comportamento e no pensamento dos europeus.

Com a possibilidade de as mulheres trabalharem nas fábricas e fora do eixo doméstico, as lutas para a emancipação feminina e a liberação sexual cresciam. Para determinadas mulheres, como as idosas, o destino continuava a convergir para os cuidados com o lar e com os netos, enquanto as jovens protestavam pelos direitos civis, se não em meio aos movimentos urbanos, em escritos literários e representações mediante personagens. Fugir das práticas reguladas, por longas décadas, significou desviar-se das normas estruturais binárias e, portanto, afastar-se da concepção de “normal”, dado que aquelas identidades que se apresentavam de modo diferente das socialmente esperadas eram tidas como “estranhas” ou “desviantes” (WOODWARD, 2014, p. 33). Aqueles que se desviavam das referidas práticas eram chamados por Howard Becker de *outsiders*. De acordo com o autor:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstancias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider. (BECKER, 2008, p. 15)

Os *outsiders* eram, portanto, vistos como ameaças à ordem vigente. As transformações no comportamento feminino desafiavam as tradições familiares que, a cada geração, buscavam delimitar os papéis sociais para cada gênero. Com isso, o temor da ordem vigente em relação aos deslocamentos das mulheres se dava pelo receio da

you "you might at least empty the pail and wash out the tea leaves!" Yes, no wonder you "come over silence".

não preocupação com a maternidade, a desestabilização da unidade familiar e, logo, a ruptura de discursos que colocavam o sujeito como universal, em um processo de desnaturalizar o que foi construído pela cultura.

Conforme Bertrand Russell (2015, p. 21), enquanto a sociedade avança e as situações econômicas se modificam, os preceitos morais tornam-se enfadonhos para muitos sujeitos, alterando o cenário social. Nesse contexto, a normalidade e a alteridade se cruzavam em espaços de tensões e incertezas nas esferas sociais, políticas e econômicas ocidentais. As identidades prescritas, que colocavam o sujeito dentro de moldes regulados, fizeram também parte da produção de experiências e condições de vida semelhantes entre burguesas, operárias, jovens e idosas, enfim, entre as mulheres que sofriam o confinamento doméstico, comportando-se de acordo com a sua identidade sexual gendrada.

A modernidade correspondia a um período histórico subsequente, fazendo surgir um diferente tipo de sujeito, que tinha resistência à homogeneidade masculina como emblema de suas demandas. As identidades não seriam mais estáveis e homogêneas, mas pertenceriam a estruturas culturais. Tornar público os seus questionamentos, suas frustrações e sua posição nas esferas sociais por meio das produções escritas, fossem confessionais ou fictícias, trouxe as mulheres para mais perto, manifestando suas perspectivas e as apreensões de uma sociedade de base patriarcal. Desse modo, se fez pertinente a palavra da mulher, uma vez que os registros de experiências escritos por elas mesmas tornaram visíveis os desconfortos, as possibilidades de novos espaços e de múltiplas identificações, desconstruindo conceitos excludentes e opressores, contribuindo para as transformações sociais e participando dos processos históricos.

Vejamos, então, no próximo tópico uma dessas escritoras que teve muito a nos revelar através de suas práticas, pensamentos, inquietações e incertezas registradas nos seus escritos.

3. TRILHANDO OS CAMINHOS DE KATHERINE MANSFIELD

“I’m a writer first and a woman after.”

(Katherine Mansfield)

No decorrer deste tópico iremos explorar as experiências da autora, assim como seus pensamentos e processos de produção escrita, a fim de torná-la mais conhecida. Para isso, apresentamos o estudo em subdivisões, sendo elas: “A mulher”, objetivando

tratar das experiências suas individuais; “A escritora”, tratando de suas reflexões acerca da arte da escrita; e, finalmente, “A contista”, verificando o processo de composição do conto, nos direcionando ao desenvolvimento de “At the Bay”. Como suporte valemos, majoritariamente, dos registros da própria autora em seus diários e cartas, sendo estes últimos selecionados e publicados no Brasil pela editora Revan, apenas em 1996, com tradução de Julieta Cupertino¹⁰. Os fragmentos apresentados em língua inglesa, entretanto, foram retirados dos escritos originais de Katherine Mansfield, disponíveis no acervo digital da Universidade Victoria, na capital da Nova Zelândia.

3.1 A MULHER

Katherine Mansfield (1888 - 1923) nasceu em Wellington, capital da Nova Zelândia, e, em seus trinta e quatro anos de vida deixou um legado literário que muito tem a nos fazer ponderar acerca de múltiplas questões sociais. Da infância à vida adulta suas ousadias, nos modos de agir, de pensar e de escrever, refletiram nas suas habilidades artísticas. Voltemo-nos, aqui, à escritora e à mulher neozelandesa em um percorrer cronológico de ideias, sentimentos e experiências registrados em seus diários e cartas.

Enquanto ainda vivia em sua terra natal, a escritora tinha a maior parte da convivência com sua avó materna, Margaret Mansfield Dyer, tomando o sobrenome da mesma como pseudônimo. Opostamente, ela não tinha uma boa relação com sua mãe, Annie Burnell Beauchamp, mas matinha fortes laços afetivos com os quatro irmãos: Vera, Chaddie, Jeanne e, o único garoto, Leslie (Gwendoline foi o sexto filho dos Beauchamp, mas faleceu antes dos três meses de idade).

Desde criança ela se destacava pelas suas habilidades de produção escrita entre os colegas de turma na escola em Karori, lugar onde morou por alguns anos com sua família. Aos quinze anos já residia na Inglaterra, estudava no Queens’s College, e, naquele mesmo país, publicou seu primeiro conto, passou grande parte de sua vida, teve envolvimento amorosos, casou-se, divorciou-se¹¹, sofreu aborto, teve relacionamentos com outros escritores e desenvolveu sua carreira literária, resultando numa vida intensa.

¹⁰ Quando nos referimos aos diários e cartas nas traduções estamos considerando a edição brasileira da Revan. Nesse caso, nos reportaremos apenas pelo acrônimo DC.

¹¹ Em anexo B.

John Middleton Murry, o companheiro com quem permaneceu até falecer, se tornou parte importante na vida literária da escritora uma vez que este era editor e, muitas vezes, contribuiu para publicação de seus textos. Katherine Mansfield ainda autorizou, documentando em testamento, que Murry tivesse o direito de publicar os seus diários e cartas, documentos estes que revelam muitas das reflexões da autora, acerca não apenas da sua própria vida, mas também de seus processos de composição escrita e de sua posição diante das obras de diferentes escritores.

Um desses registros se refere à perda do irmão, a quem era afetivamente mais próxima, em batalha na primeira guerra mundial. O ocorrido provocou na escritora intensas angústias e nostalgias da Nova Zelândia, lugar que remetia as suas recordações de infância com Leslei. Essa ebulição de sentimentos também ecoou em sua escrita, perceptível em contos como “Prelude” e “At the Bay”, revelado em seu diário, em janeiro de 1916:

Agora, agora quero escrever as recordações de meu país natal até que o estoque se acabe. Não apenas por ser uma “dívida sagrada” que saldo com meu país, por termos nascido lá, meu irmão e eu, mas também porque em meus pensamentos caminhamos os dois por todos aqueles lugares lembrados. Nunca me sinto longe deles. Desejo ardentemente recriá-los ao escrever. (DC, 1996, p. 61) ¹²

A Nova Zelândia, reinventada em sua mente, conjuntamente com os impactos da primeira guerra mundial, a frenética vida moderna de Londres e as abstrações e complexidades do cotidiano europeu contribuíram para impulsioná-la nos seus escritos. Em nota datada em maio de 1917 ela revela: “Estar viva e ser escritora é o bastante” (DC, 1996, p. 79) ¹³, registrando sua satisfação com o fazer artístico. Suas relações literárias incluíam D. H. Lawrence, Anne Estelle Rice, Aldous Huxley, James Joyce, T. S. Eliot, Bertrand Russell, Virginia e Leonard Woolf. Através desses últimos, Katherine Mansfield conseguiu o apoio necessário para a publicação do conto “Prelude”, antes chamado de “The Aloe”, título modificado por Virginia Woolf, sendo este um importante passo para a escritora se consolidar na Europa.

Em 1910 a escritora descobriu que portava a doença denominada gonorreia e sete anos depois ela recebeu uma notícia que lhe atormentou pelo resto de sua vida: o

¹² Now—now I want to write recollections of my own country. Yes, I want to write about my own country till I simply exhaust my store. Not only because it is “a sacred debt” that I pay to my country because my brother and I were born there, but also because in my thoughts I range with him over all the remembered places. I am never far away from them. I long to renew them in writing.

¹³ to be alive and to be a writer is enough.

diagnóstico de tuberculose. Ser portadora de tal enfermidade trouxe-lhe muitos momentos de medo e melancolia, mas, acima de tudo, essa condição também lhe ofereceu esperanças. A esperança de ser curada era impulsionada pela persistência em se manter viajando para os lugares em que o inverno estivesse menos rigoroso ou que promettessem um método de cura inovador.

Na carta para Murry, ela relata sobre seu diagnóstico:

Eis aqui o atestado que o médico acaba de me entregar. Ele disse que meu pulmão esquerdo, que tinha um chiado alto, ensurdecedor, está muitíssimo melhor, que apareceu uma mancha no pulmão direito. Ele confirma a opinião de que é absolutamente imperativo que eu saia desse país e não me exponha aos futuros invernos. (*Op cit*, p. 82)¹⁴

Ao longo de sua jornada contra a tuberculose, a amiga Ida Baker acompanhou-a e prestou-lhe assistência, permanecendo ao seu lado até os seus últimos dias de vida. França, Suíça e a fronteira franco-italiana foram destinos em que a escritora fomentou expectativas de melhora para o “ferro de engomar” (como se referia ao seu pulmão, segundo seus escritos), assim como possíveis curas.

Após a grande guerra, em 1919, Murry se tornou editor da revista literária *The Athenaeum*, sendo Katherine Mansfield indispensável no trabalho de publicação de textos e resenhas críticas. Mas com o agravamento da doença, a produção literária se tornava cada vez mais cansativa, frustrando a escritora que tanto apreciava seu vigor e energia. Em seu diário, no início de 1920, fisicamente fraca, Mansfield comparou metaforicamente o peso da caneta com o da sua bengala, que já se fazia necessária para auxílio de sua locomoção.

Logo, em maio do ano seguinte, deslocou-se até a Suíça a fim de encontrar um diferente tratamento para a tuberculose, permanecendo por lá até janeiro de 1922. Foi então no andar superior do *Chalêt des Sapin*, na cidade de Montana, que a escritora produziu contos como “The Garden Party”, “The Doll’s House” e “At the Bay”, formando uma coletânea publicada pela editora Constable and Co. Ltd., no Reino Unido.

A fim de consultar um médico, a escritora viajou a França e continuou sua peregrinação em busca da cura. Aceita no *Gurdjieff’s Institute for the Harmonious*

¹⁴ Here is the certificate which the doctor has just given me [...] He says that left lung of mine that had the loud deafening creak in it is “no end better,” but there is a spot in my right lung which confirms him in his opinion that it is absolutely imperative that I go out of this country and keep out of it all through the future winters.

Development of Man, em Avon (comuna francesa), que prometia melhoras através de atividades coletivas, ela passou por um período mais vivaz, apesar de ter consciência de seu estado frágil. Assim, ciente da sua vida efêmera, providenciou seu testamento em agosto de 1922 ¹⁵ e, em janeiro de 1923, não resistindo à doença, faleceu em solo francês, sendo ali sepultada.

3.2 A ESCRITORA

Apesar da brevidade da sua carreira literária, Katherine Mansfield produziu escritos relevantes às gerações que sucederam ao século XX. A criatividade e a vitalidade presentes em suas narrativas, expressando sentimentos e alcançando os pensamentos mais íntimos das personagens, trazem à autora um modo todo peculiar de criação literária.

Em trinta e quatro anos em vida a neozelandesa deixou um legado de escritos que se estendem desde contos e poemas a artigos de crítica literária publicados em revistas como *The London Mercury*, *The New Age*, *The Nation* e *The Athenaeum* e jornais, *The Times Literary Supplement*. São inúmeros poemas, entre eles “The New Husband” (1919), que compôs durante um profundo estado de depressão, e contos, sendo três coletâneas publicadas em vida, sendo *The Garden Party and Other Stories* (1922) a última delas, e algumas narrativas publicadas postumamente por Murry, como *The Dove’s Nest and Other stories* (1923) que também reúne narrativas não concluídas pela autora.

O fascínio pela escrita, tal como as dificuldades no ato da produção literária diante dos desafios causados pela tuberculose e as ponderações acerca do processo artístico da composição literária, foi algo revelado com frequência em suas cartas e diários. Em carta datada de outubro de 1917 à honorável pintora britânica Dorothy Brett, a autora busca descrever o processo de produção de “Prelude”, expressando em seguida sua afeição pela arte escrita:

[...] Mas a imperdoável, a indizível emoção dessa atividade artística. Com que se pode compará-la? E o que mais se pode desejar? Para mim, não é só um caso de deixar a lareira acesa. É mais. É baixar a

¹⁵ Em anexo C.

chama até que fique pequena, mas sem perder o fulgor. (DC, 1996, p. 81)¹⁶

Katherine Mansfield percebia a escrita literária, como um ato que vai além de sua superficialidade. Logo, em suas narrativas, ela revela um tom confessional, como uma revelação de um mundo interior, ou do registro interior, levando à constituição de um escrito de expressão política, crítica e social. Ao produzir tais narrativas, a escritora embarca nessa esfera interior, deixando de ser a escritora para ser uma personagem, que ora é Linda Burnell em "At the Bay" ou William em "Marriage a la Mode", ora é a Kezia em "Prelude".

Em novembro de 1920, em carta à Murry, ela ainda registra:

Que coisa estranha é escrever. Não sei. Não acredito que outra pessoa ficasse alguma vez tão bobamente excitada quanto eu, quando estou trabalhando. Como poderiam ficar? Os escritores deveriam viver em árvores. Eu tenho sido esse homem, tenho sido essa mulher [...] Não é como quando nos sentamos em um espetáculo. Isso já seria bastante emocionante, sabe Deus. Mas a gente é o espetáculo, naquele momento. Se permanecemos nós mesmo todo tempo, como alguns escritores conseguem, seria um pouquinho menos exaustivo. Contudo, é uma mudança rápida como um raio. Mas, o que importa isso? (*Op cit*, p. 199)¹⁷

De forma perspicaz, inquieta e inovadora, a autora encontrou espaço para escrever, criar, imaginar e se envolver significativamente nos seus contos. Mesmo com os desafios relacionados a sua saúde e vitalidade, construiu personagens que passavam por um deslocamento pessoal em um curto espaço de tempo, colocando o leitor diante do esforço de compreensão do outro através da imaginação.

Logo, a escritora, que se distanciava do conservadorismo dogmático, propunha uma linguagem e discurso que assumiam um caráter observador, analista e questionador das práticas e pensamentos de seu tempo. Tais fatos a aproximaram dos ideais do movimento modernista, que se configurou pela contestação dos valores conservadores do século XIX.

¹⁶ [...] But the unpardonable unspeakable thrill of this art business. What is there to compare! And what more can we desire? It's not a case of keeping the home fire burning for me. It's a case of keeping the home fire down to a respectable blaze, and little enough.

¹⁷ What a queer business writing is! I don't know. I don't believe other people are ever as foolishly excited as I am while I'm working. How could they be? Writers would have to live in trees. I've been this man, been this woman [...] It isn't as though one sits and watches the spectacle. That would be thrilling enough, God knows. But one is the spectacle for the time. If one remained oneself all the time like some writers can it would be a bit less exhausting. It's a lightning change affair, tho'. But what does it matter!

Questões relativas aos preceitos de gênero e identidade, assim como as desigualdades de classes sociais, eram frequentemente apontadas nos contos da autora. O registro das experiências de sujeitos que se inserem em delimitações espaciais, corporais e morais, se desdobra em meio às narrativas literárias, muitas vezes, fragmentadas e submetidas ao olhar crítico da autora acerca da sociedade a qual pertenceu.

Numa ebulição de sentimentos das personagens contra a aparente tranquilidade de um cotidiano burguês, ela produziu suas obras numa intrigante construção que circundou a vida corriqueira dos sujeitos. Em batalhas silenciosas, esforçando-se para cumprir seus papéis de gênero, reprimindo desejos, empenhando-se para pertencer a um grupo social hierárquico, as personagens da narrativa perceberam o devaneio como modo de revelar os anseios e questionamentos que as inquietam.

A falsa impressão de trivialidade textual é mencionada pela escritora ao se referir ao seu trabalho em “Prelude”¹⁸, na carta à Honorável Dorothy Brett, em maio de 1918: “[...] tudo parece tão ‘era uma vez’! Mas, segundo algumas notas que estão sendo publicadas por aí, o livro ficará pronto em junho. Creio que os chamados intelectuais não chegarão a odiá-lo. Pensarão, na certa, que se trata de uma nova cartilha para leitores infantis. Deixemos que fiquem pensando” (DC, 1996, p. 108)¹⁹. Assim, opostamente à suposta superficialidade, as narrativas de Katherine Mansfield revelam-se repletas de detalhes, símbolos, metáforas e são habitadas por sujeitos complexos e ricos em conteúdo psicológico, como verificaremos adiante.

3.3 A CONTISTA

Katherine Mansfield produziu diversas narrativas, construídas meticulosamente, contando o não contado em meio a uma sociedade repleta de restrições e normas morais. Seus significados estão implícitos em obras que se revelam objetivos e ao mesmo tempo sugestivos, relacionando-se com a vida em sociedade e seus respectivos valores, sentimentos, pensamentos, crenças, experiências e expectativas que cercam as esferas pública e privada. Seus contos são marcados, assim, pela aparente ausência de

¹⁸ [...] A primeira publicação do mencionado conto foi na Hogarth Press, em julho 1918, e posteriormente, foi publicado novamente, fazendo parte da coleção *Bliss and Other Stories* (1920).

¹⁹ [...] it all seems so once upon a time. But I am having some notices printed and they say it will be ready by June. And won't the 'Intellectuals' just hate it. They'll think it's a New Primer for Infant Readers. Let 'em.

grandes acontecimentos, abrindo espaço para a investigação psicológica das personagens e provocando, igualmente, a percepção das relações humanas e dos sistemas políticos que permeiam um dado período. Nesse caso, a autora dispõe de contos que transcendem sua própria história numa linguagem condensada, não na concepção de brevidade, mas de saturação de sentidos, recuperando os valores ditos modernos (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 156).

Na narrativa moderna da autora, as personagens se configuram mediante suas próprias dificuldades e necessidades, enquanto elementos da Natureza, como as plantas e os animais, não se apresentam apenas para compor o espaço do conto, mas são pertencentes ao domínio do simbólico, repletos de sutilezas que nos viabilizam observar, sob a superfície opaca da vida cotidiana, as situações intrigantes e paradoxais de uma sociedade normatizada.

De acordo com Júlio Cortázar (2008, p. 152-153):

O elemento significativo do conto pareceria residir principalmente no seu tema, no fato de se escolher um acontecimento real ou fictício que possua essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesmo, de modo que um vulgar episódio doméstico, como ocorre em tantas admiráveis narrativas de uma Katherine Mansfield ou de um Sherwood Anderson, se converta no resumo implacável de uma certa condição humana, ou no símbolo cadente de uma ordem social ou histórica.

O desenvolvimento da intensidade no conto, denotado como o tratamento vertical da narrativa, em conjunto com as técnicas produzidas pela autora fragmentando seu texto e aplicando elementos simbólicos ou metafóricos, afastam sua narrativa do supérfluo. “At the Bay” dispõe de doze seções que se desdobram em processos de transformações e percepções das personagens acerca da sua própria existência. Dessa maneira, no conto a aparente monotonia cede lugar ao desvelamento de experiências, quais sejam a da busca pelo conhecimento de si ou a confissões da vida interior, mediante ponderações e questionamentos dos indivíduos, indicados ao longo de um único dia aos entornos da baía. Para tais inferências, como a do tempo cronológico, apoiamo-nos no uso de imagens utilizadas pela autora, como a do Sol, por exemplo; quanto ao espaço nos voltamos aos componentes do meio natural, como as ondas, o mar, o cão pastor, as ovelhas, a truta e a folha, apenas para citar alguns.

“At the Bay” tem seu início com o desencadeamento do amanhecer, “De manhã bem cedo. O sol ainda não surgia, e Crescent Bay ocultava-se em meio à branca neblina

que vinha do mar” (MANSFIELD, 1999, p. 13) ²⁰, sendo o Sol um símbolo temporal que muda de posição no decorrer do dia e, portanto, da narrativa, revelando-nos transições e mudanças do ser. Assim, a cada seção, a estrela apresenta-se em uma posição diferente, tendo por última posição o ocultamento no anoitecer: “O sol desaparecera” ²¹ (*Op cit*, p. 47) que dará seguimento aos devaneios da personagem Beryl noite afora.

No processo de criação de “At the Bay”, as expectativas da escritora em relação ao conto são expressas e registradas na carta destinada à Honorável Dorothy Brett, em agosto de 1921:

[...] Devo parar com esta carta e continuar a escrever meu novo conto. Chama-se *At the Bay* e está (eu espero) cheio de areia e algas marinhas, roupas de banho penduradas nas varandas e sapatos de praia nos peitoris das janelas, e sanduíches cheios de areia, e a maré chagando. E cheira (oh, eu *espero* que cheire) um tantinho a peixe. (DC, 1996, p. 125) ²²

Ao recorrer à descrição poética do ambiente, a escritora, então, contribui não apenas para a configuração das particularidades das personagens e seus respectivos conflitos íntimos, mas também provoca sentimentos e sensações no leitor que o envolvem em tais embates. Dessa maneira, a valorização da paisagem idealizada pela autora, como em: “A brisa da manhã agitou-se no bosque, e o aroma de folhas e de terra preta molhada se confundiu com o cheiro acre do mar” (MANSFIELD, 1999, p. 13) ²³, combina-se com as personagens numa linguagem expressiva, sensorial, sonora, que sugere para além dos sentidos comuns das palavras.

Os elementos da natureza que compõem pertinentemente o espaço físico da obra, por vezes, nos trazem essas impressões sonoras por meio da linguagem, provocando um olhar realista em direção ao conto. Logo, a escritora procura transmitir, com a maior exatidão possível, imagens, sentimentos ou pensamentos em “At the Bay”.

²⁰ Very early morning. The sun was not yet risen, and the whole of Crescent Bay was hidden under a white sea-mist.

²¹ The sun had set.

²² [...] I must stop this letter and get on with my new story. It's called *At the Bay* and it's (I hope) full of sand and seaweed, bathing dresses hanging over verandas, and sandshoes on window sills, and little pink 'sea' convolvulus, and rather gritty sandwiches and the tide coming in. And it smells (oh, I *do* hope it smells) a little bit fishy. (grifos da autora)

²³ The breeze of morning lifted in the bush and the smell of leaves and wet black earth mingled with the sharp smell of the sea.

O som do mar, “Chuá... chuááá, soava o mar sonolento” (op cit, p. 13)²⁴, das ovelhas, “Béé... béé... as ovelhas se espalharam em leque” (op cit, p. 15)²⁵, do agitar que a personagem provoca na água, “*Splish-splash, splish-splash!* A água borbulhava em volta das pernas de Stanley Burnell enquanto ele chapinhava, exultante” (op cit, p. 16)²⁶, estão presentes no conto de modo que contribuem para as sensações que são causadas pela captação visual do instante, envolvendo o leitor e possibilitando-lhe a transgressão dos limites do discurso literário a fim de dar-lhe uma diferente percepção sobre aquilo que o cerca.

No decorrer da escrita de “At the Bay”, a autora nos revela em seu diário suas inquietações acerca da produção do conto e deixa expresso que nele as personagens serão defrontadas com os mais complexos relacionamentos. De fato, tais personagens são caracterizadas de modo intrigante por seus pensamentos, confinadas que estão em momentos controversos. Por meio das mesmas, Katherine Mansfield denota as incertezas do ser humano, retratando tanto o suposto conforto quanto o desejo de libertação das convenções de costumes e princípios sociais.

Reportamo-nos às personagens sem ressaltar a presença de um único protagonista na narrativa, dado que cada seção de “At the Bay” focaliza um indivíduo diferente, mudando de perspectiva na sucessão dos fragmentos. Numa escrita impessoal, a narração é posta em terceira pessoa, sendo omitidos os comentários ou julgamentos do narrador durante a narrativa (ABRAMS, 1999, p. 231).

Dessa maneira, a atmosfera natural que se relaciona diretamente com o estado das personagens, o discurso simbólico, que se oculta na mente e não no físico dos indivíduos que permeiam a narrativa, os questionamentos, limitando-se no espaço aos entornos da baía e ao condicionamento aos valores impostos pela sociedade, formam o conto de Katherine Mansfield, concluído em 10 de setembro de 1921.

Ao finalizar o processo de escrita de “At the Bay”, ela relata em carta à Honorável Dorothy Brett:

Acabo de terminar meu novo livro. Acabei-o na noite passada, às 10:30. Pousei a caneta depois de escrever "Graças a Deus". Eu gostaria que houvesse um deus. Estou desejando 1) louvá-lo, 2) agradecer-lhe. O título é *At the Bay*. Este é o nome de uma história muito longa que está nele – uma continuação de *Prelude*. Tem cerca

²⁴ Ah-Aah! sounded the sleepy sea.

²⁵ “Baa! Baaa!” The sheep spread out into a fan.

²⁶ Splish-Splish! Splish-Splish! The water bubbled round his legs as Stanley Burnell waded out exulting.

de sessenta páginas. Estive às voltas com ela na noite passada. Minhas preciosas crianças se sentaram ali, jogando cartas. Eu vaguei por todo tipo de lugares – entrando e saindo. Espero que seja bom. É tão bom quanto consigo fazer, e todo o meu coração e a minha alma estão nele... cada pedacinho deles. Oh Deus, espero que ele dê prazer a alguém... É tão estranho trazer os mortos à vida! Lá está minha vó, de volta à sua cadeira, com o tricô cor-de-rosa; meu tio caminha empertigado pela grama; sinto, enquanto escrevo, que “Vocês não estão mortos, meus queridos. Tudo é lembrado. Eu os reverencio. Eu me apago para que vocês possam viver novamente, através de mim, no seu valor e beleza”. E a gente se sente *possuída*. E, além disso, o lugar onde tudo acontece. Tentei fazê-lo tão familiar a “vocês” como é para mim. Vocês conhecem o cravo-de-defunto? Aquelas ratoeiras no peitoril da janela da lavanderia? E a gente também tenta ir mais fundo – falar ao ego secreto que todos temos – reconhecer isso. Não devo dizer mais nada sobre o conto. (DC, 1996, p. 232-233)²⁷

A autora ressalta, então, as lembranças nostálgicas de seus familiares neozelandeses transpostas para o campo narrativo, compondo um dos seus contos mais longos, “At the Bay”. Segundo a autora, tal conto seria a continuação de “Prelude” (1918), dado que sua intenção, *a priori*, foi escrever um romance, intitulado “The Aloe”. Assim como “At the Bay”, “Prelude” também foi constituído de doze seções, com personagens que se assemelham em ambas as narrativas.

Dividido em dois contos independentes, ela percebeu que não era necessário produzir um único texto (que seria o romance), mas que era possível dizer tudo que havia a dizer apenas na narrativa curta, bem analisado por O’Sullivan’ (2006, p. 220), quando observa que “Quando ela [Katherine Mansfield] começou a escrever ‘The Aloe’, por exemplo, ela escreveu para Murry: ‘Eu caí nos braços do meu primeiro romance’ (1984 [v.1]: 167-8, 244). Mas rapidamente percebeu que ele não ia ser longo o suficiente para se tornar um romance, e o cortou de volta como um conto” (tradução

²⁷ [...] I’ve just finished my new book. Finished last night at 10.30. Laid down the pen after writing ‘Thanks be to God.’ I wish there was a God. I am longing to (1) praise him, (2) thank him. The title is *At the Bay*. That’s the name of the very long story in it - a continuation of *Prelude*. It’s about 60 pages. I’ve been at it all last night. My precious children have sat in here, playing cards. I’ve wandered about all sorts of places—in and out—I hope it is good. It is as good as I can do, and all my heart and soul is in it ... every single bit. Oh God, I hope it gives pleasure to someone... It is so strange to bring the dead to life again. There’s my Grandmother, back in her chair with her pink knitting, there stalks my uncle over the grass; I feel as I write, “You are not dead, my darlings. All is remembered. I bow down to you. I efface myself so that you may live again through me in your richness and beauty.” And one feels *possessed*. And then the place where it all happens. I have tried to make it as familiar to ‘you’ as it is to me. You know the marigolds? You know those pools in the rocks, you know the mouse trap on the wash-house window-sill? And too, one tries to go deep—to speak to the secret self we all have—to acknowledge that. I mustn’t say any more about it. (grifos da autora)

nossa) ²⁸. O editor ainda pontua a meticulosa percepção da escritora em relação ao seu escrito, observando que ele não iria alcançar uma longa extensão física para vir a ser publicado como um romance, de acordo com os parâmetros clássicos do gênero literário.

Finalmente, “At the Bay” foi publicado em janeiro de 1922 no *London Mercury*, fazendo, subseqüentemente, parte da terceira coletânea de contos, *The Garden Party and Other Stories*, em fevereiro do mesmo ano ²⁹. O conto do qual tratamos foi originalmente escolhido como narrativa inicial da coletânea, seguido de mais quatorze narrativas. Entre eles se encontra “The Garden Party” que, além de dar o título a seleção, foi produzido após a conclusão de “At the Bay”.

Em seu diário, datado em outubro de 1921, a escritora expressa:

Outro dia radioso. J. está datilografando meu último conto, *The Garden Party*, que terminei no dia do meu aniversário. Levei aproximadamente um mês para me ‘refazer’ de *At the Bay*. Inutilizei pelo menos uns três começos. Mas não consegui me afastar do som do mar e de Beryl secando os cabelos na janela. Estas coisas *não morrerão*. Mas no momento não estou segura sobre essa história. Ela me parece um pouco ‘leve demais’ – não é o que poderia ter sido. *Garden Party* é bom; mas não é *bastante* bom. (DC, 1996, p. 234) ³⁰

Os registros da imersão de Katherine Mansfield na sua obra e suas preocupações em produzir metodicamente seus contos revelam a singularidade de um modo de escrita, com abordagens inovadoras para a exposição da vida interior das personagens e uma dimensão simbólica que forma o espaço narrativo, integrando os elementos alegóricos à constituição dos próprios indivíduos dos seus contos.

Nessa perspectiva, em “At the Bay”, a autora impõe um quadro temporal mais fechado e limitado cronologicamente. A narrativa é comprimida dentro de um dia (opondo-se a “Prelude”, que foram três) e é pontuada por oscilações de humor, que se refletem nas mudanças do ambiente da baía, como o mar que passa do frio do amanhecer, através do calor do meio-dia, ao calor de uma noite de verão.

²⁸ When she (Katherine Mansfield) started writing *The Aloe*, for example, she wrote to Murry, “I have fallen into the arms of my first novel” (1984 [v. 1]: 167-8, 244). But she quickly realised that it wasn’t going to be long enough to become a novel, and cut it back as a short story.

²⁹ Em anexo D.

³⁰ Another radiant day. J. is typing my last story, *The Garden Party*, which I finished on my birthday [October 14]. It took me nearly a month to ‘recover’ from *At the Bay*. I made at least three false starts. But I could not get away from the sound of the sea, and Beryl fanning her hair at the window. These things would not *die down*. But now I’m not at all sure about that story. It seems to me it’s a little ‘wispy’—not what it might have been. The G.P. is better. But that is not *good enough*, either.... (grifos da autora)

Assim, a construção e criação do enredo, espaço, tempo, personagens, em linguagem pragmática e conotativa, abrem para o leitor uma passagem para que este desvele suas próprias interpretações e impressões acerca da obra literária. São estas significações, valores, linguagens, sentimentos e experiências humanas, sobretudo das mulheres presentes na sua obra que trarão profundas ponderações sobre o meio que nos envolve, a fim de compreendê-lo, modificá-lo ou cogitar suas transformações futuras, mediante uma narrativa que transborda seu próprio tempo.

Concordamos, então, com Eagleton (2006, p. 33) quando ele afirma que “a literatura, no sentido que herdamos da palavra, é uma ideologia. Ela guarda as relações mais estreitas com questões de poder social”. Nesse viés, a maneira com que a sociedade organiza a esfera social, as relações de poder e os valores ideológicos estão nesses registros escritos, para os quais Katherine Mansfield tanto contribuiu com suas produções. Logo, se faz relevante a investigação das questões ressaltadas em “At the Bay”, uma vez que essa obra literária nos tem muito a revelar a respeito dos comportamentos e convicções que por longos períodos fizeram parte (e ainda fazem) da história, não somente da mulher em si, mas de todos os sujeitos que vivem em sociedade.

4. LINDA BURNELL, SRA. FAIRFIELD, BERYL FAIRFIELD, SRA. HARRY KEMBER E ALICE: AS MULHERES DE “AT THE BAY”

Com base na discussão apresentada acerca da condição feminina, questões identitárias e da trajetória de Katherine Mansfield, tencionamos analisar nesta sequência as personagens de “At the Bay”. Com isso, o capítulo está disposto em cinco partes, sendo a primeira referente a Linda Burnell e a sua relação com o matrimônio e a maternidade, em seguida a Sra. Fairfield, tratando da mulher mais velha e o convívio familiar; na terceira divisão nos reportamos a Beryl Fairfield, na perspectiva da mulher solteira e dos desejos íntimos; logo após a Sra. Harry Kember é apresentada como o sujeito subversor e, por último, a serviçal Alice, com os limites da divisão de classe social. No decorrer de nossa análise, utilizamos excertos do conto traduzidos para a língua portuguesa por Julieta Cupertino. A tradução foi publicada pela primeira vez em 1994 pela editora Revan, no Brasil, compondo a seleção intitulada *Je ne parle pas français e outros contos*, enquanto os fragmentos em língua inglesa foram retirados da

coleção originalmente publicada como *The Garden Party and other stories*, mediante acesso à cópia digital disponibilizada pelo *Project Gutenberg*.

4.1 LINDA BURNELL: O CASAMENTO COMO CONTRATO MORAL E SOCIAL, A MATERNIDADE E O MITO DO AMOR MATERNO

Linda Burnell é apresentada como uma das três filhas da Sra. Fairfield, esposa de Stanley e mãe de três meninas, que ainda vivem a fase da infância: Kezia, Lottie e Isabel, e de um bebê, a quem ela chama de “o menino”. Mulher burguesa, ela vive confinada em seu lar enquanto seu marido transita pelo espaço público, suas filhas são supervisionadas pela tia e pela avó e a criada responsável pelos afazeres domésticos.

A personagem seguiu o seu destino de casar-se e ter filhos numa sociedade de estruturas patriarcais. Assim, a partir dos pressupostos morais estabelecidos por um grupo hierárquico, suas escolhas seriam delineadas e moldadas dentro das diferentes instituições sociais, que produziam mulheres e homens de identidades binárias e práticas prescritas.

Idealizadas como gentis, fisicamente frágeis, adequadas apenas para as funções que correspondiam aos seus papéis socialmente atribuídos, as mulheres deveriam permanecer intelectualmente desfavorecidas, castas até o casamento e obedientes ao pai. Com isso, foram educadas para a disciplina, o decoro e a sujeição, predestinadas ao matrimônio, ao exercício da maternidade e a serem donas-de-casa exemplares.

Nessa direção, o casamento assegurava a reprodução biológica, o exercício da sexualidade heteronormativa e a legitimidade do relacionamento entre o casal. Para Giddens (1993, p. 68), “o termo relacionamento significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente”. Mas nem sempre o matrimônio se constituía como forma de laços afetivos, particularmente quando se tratava da classe burguesa, que priorizava os valores econômicos.

Além das questões econômicas, havia a autoridade do patriarca, que apresentava influências nas relações de seus filhos que se estendiam à vida privada. Entre os devaneios de Linda, percebemos as relações com o seu pai e as intervenções postas em prática por ele. Orientada à submissão, a personagem se percebe cerceada pelo controle social: “Repousando em sua espreguiçadeira de bambu Linda sentia-se tão leve que era como uma folha. Então, veio a Vida como um vento, e ela foi agarrada e sacudida; tinha

de ir. Ah, Deus! Seria sempre assim? Não haveria saída?”³¹ (MANSFIELD, 1999, p. 30). As inquietações e as vontades individuais não irão se sobrepor à determinação coletiva imposta aos sujeitos.

Observemos o trecho que se segue:

...Agora, ela estava sentada na varanda da casa da Tasmânia, debruçada no joelho de seu pai. E ele prometia: “Logo que você e eu tivermos idade bastante, Linny, iremos para algum lugar, nós nos salvaremos. Dois rapazinhos, juntos. Tenho um sonho. Gostaria de velejar num rio da China.” Linda via aquele rio muito largo, cheio de jangadas e botes. Via os chapéus amarelos dos barqueiros e ouvia-lhes as vozes altas e agudas, quando gritavam...

“Sim, papai.”

Mas, nesse exato momento, um jovem forte, de cabelos ruivos e brilhantes, passou pela frente e, num gesto lento, até solene, tirou o chapéu. O pai de Linda, brincalhão como era, puxou-lhe a orelha.

“O namorado de Linny”, sussurrou. “Ora, papai, imagine, eu casada com Stanley Burnell!”

Bem, estava casada com ele. (*Idem.*)³²

Percebemos que Linda tem ligações próximas com o seu pai, uma significativa representação do seu lado masculino. Como filha obediente, ela o escuta e supõe ter a possibilidade de experimentar uma vida sem intervenções sociais e políticas que limitem suas práticas e moldem sua identidade. Porém, a ordem moral destoava dos anseios íntimos femininos, instaurando princípios de conduta e marcando suas identidades e experiências com desígnios regulados e imutáveis. Nascidos em posições pré-determinadas pela sociedade, os sujeitos eram mantidos em um sistema que se opunha à possibilidade de escolha do destino que considerassem desejável seguir (MILL, 2006, p. 62). Ter a sua trajetória traçada pelos desejos dos outros e não pelos seus próprios constitui uma vida de limitações e coerções para o sujeito mulher, negando-lhe a liberdade básica de definir suas preferências individuais. Linda encontra-

³¹ And, lying in her cane chair, Linda felt so light; she felt like a leaf. Along came Life like a wind and she was seized and shaken; she had to go. Oh dear, would it always be so? Was there no escape?

³² ...Now she sat on the veranda of their Tasmanian home, leaning against her father's knee. And he promised, "As soon as you and I are old enough, Linny, we'll cut off somewhere, we'll escape. Two boys together. I have a fancy I'd like to sail up a river China." Linda saw that river, very wide, covered with little rafts and boats. She saw the yellow hats of the boatmen and she heard their high, thin voices as they called . . .
"Yes, papa.

But just then a very broad young man with bright ginger hair house, and slowly, solemnly even, uncovered. Linda's father pulled her ear teasingly, in the way he had.

"Linny's beau," he whispered.

"Oh, papa, fancy being married to Stanley Burnell!"

Well, she was married to him.

se inserida nesse meio, em que o discurso patriarcal é predominante e a ordem masculina faz-se dominante, sendo levada a casar-se com Stanley Burnell. A personagem deixa então de ser a filha que usava o sobrenome Fairfield para passar a ser uma Burnell, a esposa, reproduzindo os sobrenomes dos homens que legitimam de forma hereditária o domínio simbólico do masculino.

Dessa maneira, as mulheres europeias do século XIX até início do XX são confinadas à estrutura privada e familiar, tendo suas decisões tomadas pelo Outro, tendo seu destino selado pelo matrimônio e pela maternidade. O casamento é um contrato que se renova e se reafirma continuamente na vida cotidiana, assim, segundo Pateman (1993, p. 165), ainda na cerimônia tradicional de casamento

um homem (o pai) “entrega” uma mulher (filha) a outro homem, mas essa “troca” não é o casamento, e sim uma preliminar ao casamento. O matrimônio é constituído por um contrato *entre* um homem e uma mulher. Além disso, a “troca” corporificada no casamento não é de forma alguma como a troca de bens materiais; o casamento é uma relação social de longa duração entre os sexos, na qual, em troca da proteção do marido, uma mulher lhe presta obediência.

Enquanto a união envolve a presença e atuação masculina, a mulher não possui posicionamento relevante, devendo apenas atender às expectativas sociais para que faça parte do ciclo coletivo de sujeitos não desviantes. Logo, percebemos as mulheres demarcadas como passivas diante das tomadas de decisões e os homens como seres ativos. Com Linda não é diferente: casa-se com o pretendente sugerido pelo pai, abdicando das suas vontades e contrai certa domesticidade, de acordo com os ideais vigentes da época.

Casar-se significa formar um lar, onde se deve conviver compartilhando as intimidades e se instauram as divisões de papéis de gênero que posteriormente servirão de modelo para os filhos. Ao se unir, o casal poderia ou não ter afeições um pelo outro. Com as exigências de uma sociedade que necessitava da reprodução de famílias heterossexuais para a contínua manutenção do sistema gendrado, nem sempre a felicidade e a fidelidade conjugal eram concretizadas.

Conforme Prost (2009, p. 75), não interessava as normas sociais se o matrimônio houvesse amor, por essa razão se torna uma tarefa árdua definir até que ponto os sentimentos existiam em uma relação. A mulher e o homem deveriam se entender, se apreciar, se estimar, isto é, formar um par que combinam. O que importava então era o

valor institucional do casamento que encobria toda a realidade afetiva entre sujeitos, que por vezes, acabavam sendo aprisionados por todas suas existências em uma união sem vivacidade.

Com isso, percebemos que na relação entre Linda e o seu marido é permeada a sensação de compreensão e admiração pelo outro. Ter um conjugue era o único meio da mulher se integrar na coletividade e para isso a liberdade de ter suas próprias experiências deveriam ser negadas. Era preciso saber proporcionar uma convivência estável dentro do lar já que o destino de ambos convergiam: ela necessitava dele tanto quanto ele precisava dela. Vejamos o trecho que se segue:

...E, além disso, o amava. Não o Stanley que todos viam, o de todo dia, mas um Stanley tímido, sensível, inocente, que se ajoelhava para rezar todas as noites e que queria ser bom. Stanley era puro. Se acreditasse em alguém, como acreditava nela, por exemplo, era de todo coração. Incapaz de ser desleal, incapaz de mentir. E como sofria se pensasse que uma pessoa – ela – não era inteiramente sincera com ele. “Isto é sutileza demais para mim.” Ele ia pondo para fora as palavras, mas seu olhar direto, inquieto, perturbado, parecia o olhar de um animal preso em armadilha. (MANSFIELD, 1999, p. 30)³³

Faz-se relevante ressaltar que, a partir do que nos é revelado em tal trecho, Stanley Burnell também é produto do sistema de socialização dos sujeitos. Os homens, assim como as mulheres, deveriam cumprir as funções de sexo e gênero que lhes eram atribuídas. Inseridos dentro da ordem dicotômica, eles deveriam trabalhar vigorosamente para o sustento da família e manter-se na posição socialmente esperada, que une os aspectos de virilidade, sucesso econômico e estabilidade emocional, formando uma figura masculina diametralmente oposta à feminina. Com isso, Stanley também passava pelas pressões sociais, devendo procurar por em prática sua masculinidade para que não fosse estigmatizado.

A presença masculina no ambiente familiar dos Burnell é marcada por essas concepções binárias, em relações que se bipartem em masculino no polo de domínio e em feminino na posição de subordinado. Assim, as mulheres são tidas como sujeitos naturalmente domésticos, que devem satisfazer o chefe da família em todas as suas

³³ [...] And what was more she loved him. Not the Stanley whom every one saw, not the everyday one; but a timid, sensitive, innocent Stanley who knelt down every night to say his prayers, and who longed to be good. Stanley was simple. If he believed in people - as he believed in her, for instance - it was with his whole heart. He could not be disloyal; he could not tell a lie. And how terribly he suffered if he thought any one - she - was not being dead straight, dead sincere with him! "This is too subtle for me!" He flung out the words, but his open, quivering, distraught look was like the look of a trapped beast.

prerrogativas, enquanto o homem cuida das relações externas à esfera doméstica. A associação da mulher com a natureza e do homem com a cultura contribui para a instauração de desigualdades que abrangem diversas estruturas e instituições e primeiramente a familiar.

Intencionando passar o dia na cidade - “Asseio e cuidados na arrumação quase acima do normal, ele ia passar o dia na cidade” (MANSFIELD, 1999, p. 18)³⁴ -, Stanley engaja a família inteira em busca de sua bengala por toda a casa. As mulheres se agitam com a euforia da procura pelo objeto. O uso de uma bengala é sinônimo de prosperidade e elegância, remetendo historicamente aos monarcas e religiosos que a usavam como atributo de poder, autoridade e autoconfiança (DIKE, 1996). Não achando o objeto procurado, ele encontra na esposa a válvula de escape para expressar as suas queixas:

Stanley irrompeu no quarto onde Linda estava deitada. “Que coisa mais inacreditável. Não posso ter nada meu. Dessa vez conseguiram sumir com a minha bengala!”

“Bengala, querido? Que bengala?” A abstração de Linda nessas ocasiões não podia ser verdade, decidiu Stanley. Ninguém era solidário com ele?

“O coche! O coche! Stanley” gritou Beryl do portão.

Com o braço, Stanley acenou para Linda. “Não há tempo para despedidas .” E fez isso para castigá-la. (*Ibidem*, p. 20)³⁵

Oposta ao papel de esposa, que supostamente deveria ser atenciosa ao seu marido e oferecer-lhe apoio emocional, Linda é negligente. Pela sua indiferença à situação, acaba sendo punida pelo marido, que não se despede dela ao sair da casa. Ele dá-lhe apenas um aceno para manter sua postura em público, uma vez que um casal burguês deve preservar a discrição, mostrando a estabilidade da família ou da sua propriedade.

Ela não se incomoda com a suposta punição que Stanley lhe aplica e, ao saber que ele já se ausentara do lar, corre aliviada para o jardim: “Deitada numa espreguiçadeira sob a *manuka* que crescera no meio do gramado da frente, Linda

³⁴ He looked almost uncannily clean and brushed; he was going to town for the day.

³⁵ Stanley dashed into the bedroom where Linda was lying. "Most extraordinary thing. I can't keep a single possession to myself. They've made away with my stick, now!"

"Stick, dear? What stick?" Linda's vagueness on these occasions could not be real, Stanley decided. Would nobody sympathize with him? "Coach! Coach, Stanley!" Beryl's voice cried from the gate. Stanley waved his arm to Linda. "No time to say good-bye!" he cried. And he meant that as a punishment to her.

Burnell sonha pela manhã afora. Nada faz.” (*Ibidem*, p. 29) ³⁶. Sem a agitação do marido, ela se refugia na área externa do bangalô, sem se preocupar com os afazeres domésticos, responsabilidade da criada, e tampouco com os filhos, já que tinham os cuidados da avó e da tia.

É no jardim que Linda costuma passar o dia em devaneio, bem distante do espaço doméstico. Do lado, “O menino” fica deitado “Na grama, do lado dela, deitado entre dois travesseiros, estava o menino. Profundamente adormecido, repousava com a cabeça virada para o lado oposto à mãe.” (MANSFIELD, 1999, p. 29.) ³⁷. O bebê é indiferente a Linda, assim como as suas outras filhas Kezia, Lottie e Isabel: “Ele lhe era tão indiferente ali, deitado... Linda olhou de relance para baixo.” (*Ibidem.*) ³⁸. Logo, o comportamento da heroína não corresponde a uma atitude maternal esperada, o amor de mãe.

A pressão para que as mulheres tivessem filhos colocava um peso social sobre suas mentes, instaurando o pensamento de que a mulher apenas pode ser feliz se conceber um filho, gozando da experiência maternal. Contudo, percebemos o instinto materno como resultado de uma construção social e cultural, assim como afirma Badinter (1985). Mistificar o sujeito mãe é um modo de também reprimir a autonomia da mulher e a manter dentro da esfera doméstica, uma vez que caso se ausente e não cumpra seu dever materno, será culpada pelo discurso patriarcal como a cruel, a egoísta.

Vejamos que, mesmo com a presença do bebê ela sente-se sozinha, atestando sua apatia à criança: “Tinha o jardim todo para ela; estava só.” ³⁹ (*Idem*). Suas aspirações íntimas se contrapõem ao interesse de procriar e viver como uma mulher casada. Entrega os filhos ao membro da família que queira cuidar. Logo, os instintos maternos, que a sociedade primordialmente relaciona com a natureza e julga inatos a todas as mulheres, não fazem parte dos anseios de Linda, atestando que o determinismo biológico nada mais é do que um elemento valorativo social, sendo, portanto relativo a cada sujeito de maneira individual.

Na percepção cultural a maternidade e o amor estão inscritos por toda a existência da mulher, pois ela teria nascido para ser mãe. Não bastava que ela engravidasse para ser digna desse nome, os cuidados e o afeto na maternagem eram

³⁶ In a steamer chair, under a manuka tree that grew in the middle of the front grass patch, Linda Burnell dreamed the morning away. She did nothing.

³⁷ on the grass beside her, lying between two pillows, was the boy. Sound asleep he lay, his head turned away from his mother.

³⁸ She was so indifferent about him that as he lay there ... Linda glanced down.

³⁹ She had the garden to herself; she was alone.

severamente julgados para que ela fosse digna de ser vista como mãe. Quando não correspondia a tais expectativas, sendo a “desnaturalizada” ou indiferente, ela era analisada em termos de exceções patológicas. Um filho era um sacrifício de si e o peso da responsabilidade materna desencorajava as mulheres no quesito reprodução, sentindo culpa por não se considerarem uma boa mãe. A função reprodutora como destino anatômico influencia negativamente na liberdade de decisão em procriar ou não. O desejo de ter filhos deve ser controlado pela vontade individual e não por uma predeterminação social (BADINTER, 1985, 2011; BEAUVOIR, 2009).

Os valores e discursos morais visavam ao controle do corpo das mulheres mediante as diferentes instituições sociais, quer dentro do âmbito familiar com a produção de sujeitos puros e castos até o casamento, quer pelo Estado, que regulamentava a quantidade de filhos do casal interferindo nas suas vidas sexuais ou a Igreja, que condenava o uso de métodos contraceptivos, a obtenção de prazeres carnis e as relações entre aqueles do mesmo sexo.

Induzida à experiência heteronormativa, a reprodução biológica possuía relevância inata para as mulheres. Aquelas casadas e com filhos que os amassem e os educassem estariam realizando o desejo de toda mulher, que era o de tornar-se então um ser universal com iguais aspirações. Não cumprir tais ideais não era visto como um comportamento natural. A falta de dedicação para com os seus filhos, como também para com o marido era algo atípico, identificando a mulher como “anormal”, pecadora e criminosa (DEL PRIORE, 2014, p. 136).

Observemos a seguinte passagem:

[...] nesse ponto Linda quase soltou uma risada, mesmo sabendo que não era caso para rir – só raramente ela via o *seu* Stanley. Havia lampejos, momentos, tréguas, mas o resto do tempo era como viver numa casa que não se curara do vício de pegar fogo ou num navio que todos os dias naufragava. E era sempre Stanley quem corria maior perigo! Seu tempo era todo dedicado a socorrê-lo, a restabelecê-lo, a acalmá-lo, a ouvir sua história. E o tempo que sobrava era dedicado ao terror de ter filhos. (MANSFIELD, 1999, p. 31)⁴⁰

⁴⁰ [...] here Linda felt almost inclined to laugh, though Heaven knows it was no laughing matter - she saw her Stanley so seldom. There were glimpses, moments, breathing spaces of calm, but all the rest of the time it was like living in a house that couldn't be cured of the habit of catching on fire, on a ship that got wrecked every day. And it was always Stanley who was in the thick of the danger. Her whole time was spent in rescuing him, and restoring him, and calming him down, and listening to his story. And what was left of her time was spent in the dread of having children.

Embora faça parte de uma ordem cultural estabelecida, cumprindo o desígnio do seu destino através do matrimônio e da procriação, Linda não é realizada como indivíduo; suas vontades pessoais são encobertas pelas necessidades do esposo. Ouve-o quando preciso, suporta-o moralmente e emocionalmente e concedera-lhe filhos legítimos para perpetuação de seu sobrenome e de sua honra masculina.

Daí as perdas acarretadas às mulheres: ao invés de seguir em busca de realizar as suas vontades pessoais e viver em um caminho que ela mesma tivesse traçado, fosse na esfera pública ou na privada, ela era induzida a obedecer aos preceitos de bases patriarcais. Nessa perspectiva, Linda se configura como uma mulher que não é feliz, que é levada a um destino pré-determinado e que não foi questionada sobre o que queria ser, quais seriam os seus planos futuros, se queria casar-se e ser mãe ou se aventurar pelos mares. Não teve a oportunidade de enveredar por diferentes direções e ao ver-se presa ao destino a ela designado, resta-lhe apenas tratar com indiferença aqueles a sua volta.

O filósofo inglês John Stuart Mill observa que é da própria natureza feminina viver para os outros e colocar os seus desejos e interesses em último plano, não tendo outra vida que não seja para os seus afetos:

Todas as mulheres são, desde a mais tenra infância, criadas na creche de que o seu ideal de caráter é diametralmente oposto ao dos homens: não vontade própria e capacidade de se governarem autonomamente, mas submissão e rendição ao controlo dos outros. Todos os preceitos morais lhes dizem que é o seu dever – e todos os sentimentalismos afirmam que é da sua natureza – viver para os outros, abdicando por completo de si próprias, e não tendo outra vida que não seja para os seus afetos. E esses afetos significam os únicos que lhes é permitido ter: o afecto pelo homem a quem estão ligadas e o afecto pelos filhos, que constituem um laço adicional e indissolúvel entre ambos. (2006, p. 59-60)⁴¹

Educada para ser a mulher ideal segundo os princípios binários, quaisquer anseios que ela tivesse deveriam ser renunciados para que cumprisse o destino a si predeterminado. A devoção pela família era essencial, mas o sentimento afetivo individual era questionável: casar e ter filhos por amor ou para se ajustar às normas

⁴¹ All women are brought up from their earliest years to believe that their ideal of character is the very opposite to that of men: not self-will and government by self-control, but submission and accepting control by someone else. All the moralities tell them that it is their duty, and all the current ideas about feelings tell them that it is their nature, to live for others—to set aside their own wishes and interests and have no life but in their affections. And by ‘their affections’ are meant the only ones they are allowed to have—those to the men with whom they are connected, or to the children who constitute an additional and unbreakable tie between them and a man. (1869, p. 27)

sociais? Entretanto, Linda não buscava fingir que amava os filhos e, certamente, não os havia gerado por amor:

Era muito fácil dizer que gerar filhos fosse o destino comum das mulheres. Mas não era verdade. Ela, por exemplo, poderia provar que isso era falso. Sentia-se em frangalhos, enfraquecida, sem coragem, por causa dos filhos. E o que tornava tudo duplamente mais difícil era que ela não os amava. (MANSFIELD, 1999, p. 31)⁴²

Até o início do século XX, a mulher era valorizada por possuir filhos, posta na classe social das “normais”, das não estéreis. Mas ter afeições maternas por eles não era instintivo para todas aquelas que tinham vivido a gravidez e Linda ilustra esse fato. Ela pode ter filhos, deu à luz a quatro, porém com a procriação não veio o sentimento de alegria, nem o afeto por eles. Linda não tem aquela satisfação de ser mãe defendida pelo discurso social e não disfruta da concepção disseminada sobre os “prazeres” que supostamente toda mulher fértil deveria a ter.

Acreditava-se então que o amor materno era inscrito na natureza feminina, assim todas as mães expressariam ternura e dedicação aos seus filhos. Todavia, de acordo com as observações de Badinter (1985, p. 22), o amor é apenas de um sentimento humano que pode se manifestar no sujeito ou não. Com isso ele é incerto e as atitudes maternas de interesse e afeição podem ser frágeis e imperfeitas, exteriorizadas de diferentes formas, que variam do tratamento de diligência até o de insignificância pela criança.

Nessa vertente, o amor materno não é inato às mulheres, mas um sentimento adicional a elas. Porém, embora tenhamos maiores estudos desmistificando o mito do amor materno e desconstruindo a identidade feminina, por muito tempo, ser mulher foi sinônimo de deveres como os de mãe e esposa. Essa identidade fixa, com funções atribuídas para cada sexo, era determinada por preceitos patriarcais, inscrita no corpo dos sujeitos e naturalizada em suas mentes.

Essa incorporação das estruturas e noções hierárquicas, que circunda o sujeito desde seu nascimento, reproduz normas de comportamento e formas de pensar e de sentir que se adequam aos ideais da ordem. Essas disposições sociais internalizadas é o que Bourdieu (2017) denominou de *habitus*. O condicionamento à divisão sexual, produzindo e reproduzindo práticas preestabelecidas, limitam o modo de entender,

⁴² It was all very well to say it was the common lot of women to bear children. It wasn't true. She, for one, could prove that wrong. She was broken, made weak, her courage was gone, through child-bearing. And what made it doubly hard to bear was, she did not love her children.

perceber e interagir com o meio que circunda o sujeito. Voltemo-nos ao seguinte fragmento:

[...] O sol caía.

“Então, você volta mesmo para o escritório na segunda-feira, Jonathan?”, perguntou Linda.

“Na segunda-feira, a porta da gaiola se abrirá e sobre a vítima tornará a fechar-se por novos onze meses e uma semana”, respondeu Jonathan.

Linda balançou-se um pouco. “Deve ser terrível”, disse bem devagar.

“Quereis que eu ria, ó minha linda irmã? Ou quereis porventura que eu chore?”

Linda estava tão habituada ao modo de falar de Jonathan que já não lhe prestava atenção.

“Acho”, disse ela com ar vago, “que a gente se acostuma. A gente se acostuma a qualquer coisa”. (MANSFIELD, 1999, p. 45)⁴³

A incorporação da lógica falocêntrica leva a naturalizar os papéis femininos e masculinos, as condutas e os costumes, de modo que se entenda como “anormal” ou “excêntrico” aquilo que se distancia das convicções dominantes. No diálogo entre Linda e Jonathan, seguir e se adequar ao destino prescrito se constitui em uma prática à qual o sujeito se habituaria e se condicionaria.

A repetição cotidiana dos modelos engendrados era resultado da produção dos discursos morais e sexuais, levando à percepção daquilo que seria comum e natural aos sujeitos. Logo, a ordem normativa hierárquica correspondia a uma questão estratégica de controle social mediante o treinamento e educação de mulheres e homens para que estes pudessem deixar as heranças de disposições sociais circunscritas para as gerações posteriores.

Essas estruturas que dividiam os espaços e os modos levavam o sujeito a se posicionar de acordo com as expectativas da sociedade. Se para a mulher o lar e a atitude dócil e frágil eram vistos como ideal, para o homem era a virilidade e confiança no âmbito público. Stanley apresenta-se em conformidade com tais idealizações, dado que tenta punir a esposa com a falta de demonstração de afeição.

⁴³ The sun was sinking.

"And so you go back to the office on Monday, do you, Jonathan?" asked Linda.

"On Monday the cage door opens and clangs to upon the victim for another eleven months and a week," answered Jonathan.

Linda swung a little. "It must be awful," she said slowly.

"Would ye have me laugh, my fair sister? Would ye have me weep?"

Linda was so accustomed to Jonathan's way of talking that she paid no attention to it.

"I suppose," she said vaguely, "one gets used to it. One gets used to anything."

Ao voltar à esfera privada, no fim do dia, ele reencontra Linda e lhe revela sua angústia em tê-la tratado rudemente. Assim, em público Stanley tenta manter a sua postura masculina evitando sinais de afeto, uma vez que o sentimentalismo seria próprio da identidade feminina, apenas apresentando certa fragilidade no retorno ao lar. Percebe-se então que as práticas das personagens se referem a comportamentos desejáveis pela ordem vigente e não por que elas lhe eram inatas, conferindo-lhes certa instabilidade identitária.

Indiferente, Linda não levanta preocupações em relação às atitudes do marido, uma vez que ela está acostumada às práticas comportamentais masculinas. Através da formação de uma família tradicional nuclear, a posição feminina da mulher no lar dava apoio à masculinidade do homem, bitolado pelas cobranças do meio público. Nessa direção, mesmo como esposa negligente e mãe sem afeto, a personagem mantém-se significativamente apática diante da autoridade masculina, deixando de questionar a ordem estabelecida.

A intimidade e a harmonia do lar burguês promoviam então sujeitos que zelavam pela privacidade e posição social. Até na esfera privada eles eram constantemente vigiados e controlados por regras e valores morais de interesse público. Esta condição imposta à mulher, notadamente à burguesa, impede que a protagonista se desvie da identidade prefixada e estável que a predestinou ao casamento e à maternidade, selando assim sua vida de mulher submissa.

4.2 SRA. FAIRFIELD: A CONDIÇÃO DA MULHER MAIS VELHA NA FAMÍLIA E SUAS RESPECTIVAS RELAÇÕES NO ÂMBITO PRIVADO

A Sra. Fairfield é mãe de Linda, que é casada com Stanley Burnell; da Sra. Trout, que tem Jonathan como marido; de Beryl, até então solteira, e de William, que faleceu quando trabalhava nas minas. Residindo com os Burnell, ela ajuda em certas tarefas domésticas e cuida de seis crianças – Lottie, Kezia, Isabel e um bebê, além de Pip e Rags. No bangalô, possui um quarto modesto, de madeira clara, mobília simples que compartilha com Kezia. A garota lhe faz companhia e é a mais afetuosa de suas netas.

Assim, a Sra. Fairfield cuida dos filhos e da casa de Linda, e ainda faz crochê, estabelecendo seu lugar de mulher mais velha na família, sem nunca lhe faltar algum afazer. A família dos Burnell, composta pela filha, o esposo e seus quatro filhos, Beryl

e a criada,⁴⁴ mantém sua rotina com base na divisão sexual do trabalho. Logo, seu genro Stanley se posiciona como o chefe do lar, mantendo a proteção familiar e o sustento financeiro, enquanto as mulheres e crianças da casa são subordinadas a sua autoridade. Para Mary Del Priore (2014, p. 13):

A família patriarcal foi assim resumida: “pai soturno, mulher submissa, filhos aterrados”.

A singularidade da família patriarcal é que ela não se restringia ao trio mencionado. Pai, mãe e filhos constituíam apenas o núcleo central. A família incluía também os parentes, os filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, empregados [...] Laços de dependência e solidariedade uniam seus membros.

Nesse viés, a família na qual a Sra. Fairfield se insere origina-se do casamento monogâmico entre Linda e Stanley, que proveram filhos legítimos desse matrimônio, agregando outros membros ao seu lar. Com isso, as relações entre os sujeitos na esfera doméstica são hierárquicas: a mulher obedece ao homem, a filha à mãe, a criada à patroa e a cada um é estabelecido um vínculo diferente, seja ele amor, afeto, temor ou acato.

Isto posto, faz-se notório que a trivialidade cotidiana dos Burnell tem muito a nos revelar sobre os discursos e ideais de comportamento esperados pela sociedade. Verifiquemos o momento em que, ao voltar de um mergulho no mar, Stanley retorna para casa a fim de se alimentar, calçar seus sapatos e pegar sua bengala para ir à cidade. Na sua subserviência à figura masculina, as mulheres o tratam com obediência e gentileza. A Sra. Fairfield, atenta à educação e ao respeito das meninas para com o pai, passa instruções às netas ao mesmo tempo em que serve o genro à mesa:

A porta se abriu e apareceram as três garotinhas, cada uma carregando um prato de mingau [...] Atrás delas, entrou a Sra. Fairfield com a bandeja.

“Cuidado, crianças,” preveniu ela. Mas as crianças estavam tomando o máximo cuidado. Adoravam quando lhes permitiam carregar coisas.

“Disseram bom dia para o papai?”

“Sim, vovó” responderam, instalando-se no banco oposto ao pai e à tia Beryl.

“Bom dia, Stanley.” A velha Sra. Fairfield entregou-lhe o prato. (MANSFIELD, 1999, p. 18-19)⁴⁵

⁴⁴ Em apêndice II.

⁴⁵ the door opened and the three little girls appeared, each carrying a porridge plate [...] Behind them came Mrs. Fairfield with the tray.

"Carefully, children," she warned. But they were taking the very greatest care. They loved being allowed to carry things. "Have you said good morning to your father?"

A responsabilidade das outras mulheres da casa está diretamente relacionada ao ato de proporcionar o bem-estar e a satisfação do sujeito masculino. Desse modo, a Sra. Fairfield tem o dever de cuidar dos outros membros do lar enquanto o homem mantém a postura de domínio. A família contribui então para a manutenção do sistema gendrado, em que são reproduzidos os papéis femininos, destinados à domesticidade, e os masculinos, designados à atuação no espaço público.

Na perspectiva do contexto sociocultural em que a narrativa se enquadra, as relações familiares são constitutivas de identidades, sustentando padrões binários. Os ideais valorativos devem ser difundidos entre todos os sujeitos que compõem o âmbito privado, sendo necessária a transmissão dos modelos de comportamento sexual e moral desde a infância. Para isso, é a mulher que tem a obrigação de educar as crianças, uma vez que esta é vista como guardiã natural da moral (BADINTER, 1985, p. 256).

Ao invés de Linda, é a Sra. Fairfield quem educa as garotas, assumindo a posição materna. Ensinar os sujeitos desde a infância a se portarem de acordo com o seu sexo biológico, induzindo-os a aceitar as identificações prescritas e as estruturas sociais, é tarefa essencial para a formação de adultos que garantam a continuação de uma sociedade estável (PARSONS, 1955). Com isso, o aprendizado socializante das netas contribuirá para a perpetuação dos princípios ideológicos legitimados pela instituição familiar. Voltemo-nos ao fragmento a seguir:

De seu quarto, Linda gritou: “Beryl, o Stanley já foi?” A Sra. Fairfield apareceu, carregando o bebe vestido em seu jalequinho de flanela.
 “Já foi?”
 “Foi.”
 Ah, que alívio! Que diferença fazia, o homem fora de casa. Até mesmo as vozes delas mudavam, ao falarem entre si; soavam fraternas e carinhosas, como se partilhassem um segredo. (MANSFIELD, 1999, p. 21)⁴⁶

A presença masculina, que remete à autoridade e soberania, sujeita as mulheres à ordenação sexista, ocasionando-lhes desconforto. Após ter Stanley ausente, exalta-se o

"Yes, grandma." They settled themselves on the bench opposite Stanley and Beryl.

"Good morning, Stanley!" Old Mrs. Fairfield gave him his plate.

⁴⁶ Linda cried from her room: "Beryl! Has Stanley gone?" Old Mrs. Fairfield appeared, carrying the boy in his little flannel coat.

"Gone?"

"Gone!"

Oh, the relief, the difference it made to have the man out of the house. Their very voices were changed as they called to one another; they sounded warm and loving and as if they shared a secret.

sentimento de libertação feminina no lar, dado que se percebem afastadas da opressão que as coloca na posição de servidão. Tal posto é configurado como uma experiência compartilhada por todas aquelas que cumprem com o dever predisposto ao gênero.

“A velha Sra. Fairfield”,⁴⁷ como muitas vezes é chamada, assume o papel de mãe, dona-de-casa e avó. Britto da Motta observa que, mesmo com a mudança do seu corpo e dos seus desejos íntimos, a identificação social que lhe é atribuída perpetua-se até a fase da velhice, com práticas e costumes internalizados. Assim, se quando jovem as exigências para alcançar o matrimônio e procriar são primordiais, na maturidade ela perdura nas atribuições da vida privada (2011, p. 88).

Conforme observa Sueli dos Santos (2003, p. 13),

A velhice, tal como a infância, juventude e idade adulta, é circunscrita como uma etapa de transformação, tanto física como biológica, emocional e sexual. A forma como cada pessoa envelhece está determinada por suas condições subjetivas, incluindo-se aí a forma como foi vivida sua história pessoal em todos os períodos da existência e também está atrelada às condições socioculturais.

Em suas experiências de vida, marcadas por um conjunto de regras construídas socialmente, o sujeito alcança a fase do envelhecimento condicionado aos costumes e práticas vividas ao longo de sua trajetória. Assim, as atividades humanas estão sujeitas ao hábito, formado no cotidiano e configurado a partir dos valores sociais e culturais de determinado contexto.

A soma dessas experiências, a maneira com que foram vivenciadas, os pensamentos e sentimentos individuais resultam na estruturação de identidades e nos significados que lhes são atribuídos. Assim, ter gerado quatro filhos e se mantido afastada da esfera pública trouxe à Sra. Fairfield condutas e convenções que colaboram para a constituição de sua condição de mulher submissa.

Nessa perspectiva, os afazeres relativos ao lar e à sujeição ao gênero fazem parte de sua convivência familiar. A figura do marido é então transposta a Stanley, o único homem presente no lar, e a ele ela presta servidão em troca da proteção e sustento, aspectos que são deveres masculinos, de acordo com as expectativas e pressões sociais. A Sra. Fairfield, então, tem sua fase de maturidade como uma mulher casta, deixando de satisfazer às suas necessidades e vontades pessoais, para voltar os seus afetos aos netos.

As perdas orgânicas e hormonais daquelas mais velhas sugeririam a condição

⁴⁷ “Old Mrs. Fairfield”

que as limitaria a cuidadoras da família ao mesmo tempo em que as ideias relativas às relações íntimas nessa etapa de sua vida lhes eram negadas socialmente. Segundo Michelle Perrot (2008, p. 48), as mulheres perdiam sua fase de feminilidade e sedução de forma muito efêmera. Se o período de vida fértil era marcado pela maternidade, sexualidade e sedução, na menopausa acontecia o oposto, lhes tirando todas as possibilidades de fecundidade e erotismo.

Desse modo vive a Sra. Fairfield, atendendo às expectativas construídas coletiva e simbolicamente em torno da sua condição social, tendo o seu lugar assegurado na família Burnell por desempenhar certas tarefas. Com isso, apesar de não mais procriar e nem ser sexualmente ativa ou fisicamente atraente, dado que a beleza estaria identificada com o corpo jovem (DEL PRIORE, 2014, p. 177), ela é um sujeito que está distante das concepções de isolamento e inatividade no lar.

Durante a juventude ela havia desempenhado a função materna, assim como ditavam os discursos sobre a “natureza feminina”, obedecendo às normas e criando seus filhos: “[...] a mulher não pode encontrar melhor ocasião de exercer seus dons do que na maternidade. O papel de esposa, muito necessário, não bastará à plena realização de sua feminilidade” (BADINTER, p. 249, 1985). Educados dentro dos padrões de gênero, o filho William trabalha como mineiro (ofício designado aos homens), Linda e a Sra. Trout conduziram-se ao casamento e Beryl preserva-se confinada ao espaço privado.

De acordo com Friedan (1963, p. 335), enquanto um filho era educado pelo pai para atender as atribuições direcionadas ao seu sexo, era função de ambos pai e mãe guiar a filha rumo à feminilidade. Com os ensinamentos prestados deveriam seguir cada um no seu caminho predeterminado, não importava quais eram os seus desejos individuais, os garotos eram induzidos a serem fortes, independentes e ativos, e as garotas, dependentes e passivas, buscavam esse sujeito masculino que refletiam a segurança que uma mulher frágil precisava possuir. Assim, nunca era esperado que eles vivessem suas próprias experiências, mas sim dar continuidade aos ensinamentos dos pais que o sistema fosse mantido.

Com seus filhos já adultos, a Sra. Fairfield ainda mantém o olhar vigilante em direção àquela que permanece solteira, Beryl. Inquieta com a ordem normativa frente as transformações que a modernidade começa a trazer, por vezes a filha ousa desafiar os julgamentos da mãe. Mesmo que não muito convicta de suas ações, ela vai ao encontro de Sra. Kember, detentora de má reputação por desviar-se dos preceitos femininos. Para uma mulher que zela pela manutenção de valores sociais, a Sra. Fairfield percebe esse

relacionamento da filha com alguém que foge dos moldes preestabelecidos como sendo uma inconveniência:

“Mamãe, guarda isso para mim?”

Dois anéis e uma fina corrente de ouro foram jogados no colo de Sra. Fairfield.

“Está certo, meu bem. Mas você não vai entrar no mar aqui?”

“N-ão.” A voz de Beryl se arrastava, o tom era de indecisão. “Vou trocar de roupa adiante. Vou tomar meu banho com Sra. Harry Kember.”

“Muito bem”. Mas os lábios da velha Sra. Fairfield se crisparam; não tinha em boa conta a Sra. Harry Kember. Beryl sabia disso.

“Pobre e velha mãezinha”, pensou ela, e sorriu enquanto deslizava sobre as pedras. Pobre mãe. Está velha. Velha! Ah, que alegria, que felicidade era ser jovem...” (MANSFIELD, 1999, p. 25-26)⁴⁸

Enquanto sua filha tenta se encaminhar ao “novo”, a Sra. Fairfield sustenta suas convicções, com a postura própria da geração patriarcal, reprimindo as atitudes vistas como inadequadas. De acordo com o *modus vivendi* do período vitoriano, a disciplina, a retidão, a castidade e a fidelidade conjugal eram tidas como virtudes. Os sujeitos deveriam ter uma observação rígida e tudo aquilo que diferisse das convenções sociais seria intolerável e impuro, abrindo-se os olhos para tudo o que pudesse ser considerado indigno (MORAIS, 2004, p. 24-25).

Já a filha Linda, mesmo tendo seguido a predestinação de casar-se e ter filhos, é negligente com a administração do lar e não demonstra afeto pelas crianças. Leva uma vida burguesa e deixa Lottie, Kezia, Isabel e o bebê para quem deseje tomar conta: “[...] não lhe restava nenhum calor para dar aos filhos. Quanto ao menino – bem, graças a Deus, a avó o adotara. Ele pertencia à avó, a Beryl, ou a quem quer que o quisesse. Ela pouco o carregara nos braços. (MANSFIELD, 1999, p. 31)⁴⁹.

A Sra. Fairfield é responsável, então, por parte dos afazes que Linda não executa, assumindo a posição de avó. Supervisiona os netos nas brincadeiras e atividades cotidianas, além de ter o cuidado de vesti-las e higienizá-las: “[...] mamãe

⁴⁸ “Here, mother, keep those for me, will you?”

Two rings and a thin gold chain were dropped into Mrs Fairfield's lap.

"Yes, dear. But aren't you going to bathe here?"

"No-o," Beryl drawled. She sounded vague. "I'm undressing farther along. I'm going to bathe with Mrs. Harry Kember."

"Very well." But Mrs. Fairfield's lips set. She disapproved of Mrs Harry Kember. Beryl knew it.

Poor old mother, she smiled, as she skimmed over the stones. Poor old mother! Old! Oh, what joy, what bliss it was to be young ...

⁴⁹ [...] she had no warmth left to give them. As to the boy - well, thank Heaven, mother had taken him; he was mother's, or Beryl's, or anybody's who wanted him. She had hardly held him in her arms.

está dando banho no bebê” (*Op cit*, p. 44) ⁵⁰. O hábito de zelar pelas crianças leva-a a desempenhar a novamente função materna, só que na maturidade.

Para Britto da Motta (2011, p. 75):

O protótipo dessa imagem/papel de cuidadora é atualmente materializado na figura ambígua da avó, vista ao mesmo tempo, ou alternadamente, como a que vive ajudando a família e/ou pela “idade”, “pesando” sobre a família. Reconhecida, enfim, e só muito recentemente, pela premência dos fatos a se repetirem, numerosos, em um papel de apoio diretamente “materno”, na criação ou cuidado fundamental aos netos (quase) sem mães [...].

A trajetória da mulher se relaciona diretamente com os preceitos biológicos, que ditam a “natureza” feminina, suportando a construção do papel da avó. A noção do sujeito feminino como ser maternal lhe é assegurada por toda a sua vida, carregando essa marcação engendrada mesmo que seu corpo não mais possa gerar um filho. À vista disso, a proteção, a atenção e a atribuição de carinho propiciam um vínculo familiar de dependência dos netos em relação à Sra. Fairfield, uma vez que os pais se encontram ausentes dos deveres parentais.

Vejamos o trecho que se segue:

A velha Sra. Fairfield, com um vestido de algodão lilás e um chapéu preto amarrado embaixo do queixo, reuniu sua ninhada e preparou-a. Os pequenos Trout tiraram as camisas pela cabeça e os cinco correram para o mar, enquanto sua avó, sentada com a mão na bolsa de tricô, se preparava para pegar o novelo assim que os visse brincar na água em segurança. (MANSFIELD, 1999, p. 25) ⁵¹

Na convivência cotidiana, as crianças são levadas à praia para se entreterem no mar, enquanto são supervisionadas. Os moldes de zeladora, que faz o seu tricô e não participa das brincadeiras infantis se fazem presentes na Sra. Fairfield, compondo a idealização tradicional da avó. Como cuidadora, os netos recorrem a ela nos momentos de carência, curiosidades e necessidade de proteção, levando a progenitora a ser percebida pelo seu suporte sentimental, emocional, de conhecimento, aconchego e segurança:

⁵⁰ [...] mother's giving the boy his bath.

⁵¹ Old Mrs. Fairfield, in a lilac cotton dress and a black hat tied under the chin, gathered her little brood and got them ready. The little Trout boys whipped their shirts over their heads, and away the five sped, while their grandma sat with one hand in her knitting-bag ready to draw out the ball of wool when she was satisfied they were safely in.

De repente, Lottie deu um grito tão cortante que todos saltaram dos bancos, todos gritando ao mesmo tempo. “Uma cara... uma cara olhando!” – berrava Lottie.

Era verdade, era um fato. Lá estava, apertado contra a vidraça, um rosto pálido, olhos negros e barba negra.

“Vovó, mamãe! Alguém!” (*Op Cit*, p. 44)⁵²

Verifiquemos que, no momento em que Lottie fica assustada, a primeira a ser solicitada para socorrê-la é a avó e não a sua mãe. O pouco convívio com Linda inclina a garota a pedir auxílio, revelando a sua maior intimidade com a avó. O relacionamento aproximado com os netos conduz a laços mais estreitados de amor, e à experiência de vivenciar uma fase que é parte do seu passado.

Logo, ao alcançar a velhice, a Sra. Fairfield volta a experimentar os deveres, os cuidados e a afetuosidade de crianças que não gerou. Assim, ela muda o seu objeto amoroso, que deixa de ser seus próprios filhos ou o seu marido, para voltar-se aos netos: “o velho não deixa de amar mas reinventa formas amorosas [...] a capacidade de amar não tem limite cronológico” (SANTOS, 2003, p. 23). Dessa maneira, a posição de avó além de ter levado um apoio e integração familiar, também contribuiu para a sua satisfação individual de se mostrar apta a amar nas suas diferentes formas.

Nesse sentido, a mulher mais velha continua a seguir o destino que lhe é atribuído: dona-de-casa, virtuosa, que se realiza na criação e educação de sujeitos que irão pertencer às próximas gerações. Confinada à esfera doméstica, cumpre com os deveres que lhes são socialmente conferidos e transmite seu conhecimento dentro dos princípios da lógica binária, fazendo-se relevante para a manutenção do sistema normativo.

Segundo Bourdieu (2017, p. 135-136):

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades (principalmente maternas) que, mesmo quando aparentemente reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e

⁵² Suddenly Lottie gave such a piercing scream that all of them jumped off the forms, all of them screamed too. "A face - a face looking!" shrieked Lottie.

It was true, it was real. Pressed against the window was a pale face, black eyes, a black beard. "Grandma! Mother! Somebody!"

organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens. É assim que uma parte muito importante do *trabalho doméstico* que cabe às mulheres tem ainda hoje por finalidade, em diferentes meios, manter a solidariedade e a integração da família, sustentando relações de parentesco e todo o capital social com a organização de toda uma série de atividades sociais ordinárias, como as refeições, em que toda a família se encontra, ou extraordinárias, como as cerimônias e as festas (aniversários etc.) destinadas a celebrar ritualmente os laços de parentesco e a assegurar a manutenção das relações sociais e da projeção social da família, ou as trocas de presentes, de visitas, de cartas ou de cartões postais e telefonemas.

Desse modo, a construção do papel de avó não acontece de repente, começa com o papel social de mulher. A conformação e a resignação dos atributos identitários do feminino deve perdurar por toda a sua experiência de vida, atuando no lar de acordo com uma divisão preordenada do trabalho sexuado. Delimitada ao mundo doméstico, dedica-se à família e a ela serve, sendo tais atividades impostas até a etapa do envelhecimento. Ser mãe e dona-de-casa seria a justificativa para a existência de uma mulher, pois eram funções que ela deveria desempenhar por toda sua trajetória. Essa ausência de alternativa de viver a sua vida da maneira que melhor lhe aprouvesse privava as mulheres de tomarem decisões próprias e de terem experiências que fugissem da monotonia do cotidiano familiar. Elas ficariam, então, presas nos moldes do patriarcado, não possuindo a oportunidade de ir além dos limites da esfera privada e mostrar que podiam ser produtivas não apenas no lar como também em outros campos sociais. A Sra. Fairfield, como já observamos, mantém a estrutura normativa, que determina os espaços e funções para cada sujeito a partir de seu sexo biológico. Nesse sentido, ela contribui para a manutenção da ordenação hierárquica dos gêneros e para a transmissão das crenças e valores. Supõe-se que seus netos, como sucessores, sejam herdeiros dos ensinamentos da avó, transmitindo-os aos seus descendentes quando adultos, para que o controle social se mantenha sobre os sujeitos.

A morte do idoso remete, então, ao fim de uma geração que dará lugar a outra, que se não der prosseguimento às concepções da avó, abrirá espaço para “novas” práticas, rompendo e desestabilizando sistemas antes estáticos e inquestionáveis. Desconstruir a naturalização da cultura culminada no período eduardiano (1901-1910), seria razão de temor e ansiedade por parte daqueles que cultivavam a ordem: “O medo de que a perda dos valores morais culminasse no caos individual e coletivo assombrava as mentes do século XIX vitoriano” (MORAIS, 2004, p. 45).

Observemos o fragmento a seguir:

A menina [Kezia] calou-se, pensativa. Não queria morrer. Morrer significava deixar aquele lugar, deixar todos os lugares, para sempre, deixar... deixar sua avó. Ela virou-se depressa, dizendo com a voz assustada:

“Vovó!”

“O quê, meu bem?”

“*Você* não vai morrer.” Kezia estava muito decidida.

[...] “você não vai morrer. Você não pode me deixar. Você tem de ficar aqui.” Isso era horrível! “Promete que não vai fazer isso nunca, vovó”, suplicou a menina.

A velha senhora continuou a tricotar.

“Promete. Diga: nunca!”.

Mas a avó continuava silenciosa. (MANSFIELD, 1999, p. 35) ⁵³

A Sra. Fairfield relatava a Kezia acontecimentos do passado. Relembrava a maneira como William tinha falecido e, ao adentrar em tal questão, a criança se inquieta, revelando os seus medos em relação à morte. A ideia de não ter mais a avó a preocupa, irá deixa-la desestabilizada emocionalmente. Para o meio social, a ausência de Sra. Fairfield implicaria na falta do sujeito assegurado da posição feminina, abalando a estrutura que idealiza o gênero a partir das características “naturais”.

Em seu silêncio, ao não ter respondido por quanto tempo irá viver, a avó demonstra as suas incertezas sobre o amanhã. As transformações do cenário social, do avanço da indústria, dos movimentos feministas, dos conflitos armados, influenciam a posição e os modos de vida da sociedade, acarretando dúvidas acerca do futuro dos europeus: se os sujeitos vão continuar a manter ou romper com a ordem é algo incerto.

A Sra. Fairfield tem consciência das inconstâncias da vida: “Foi a vez de Sra. Fairfield meditar. Aquilo a entristecia? Olhar para trás, bem para trás. Rever os anos passados [...] Isso a fazia ficar triste? Não, a vida era assim” (MANSFIELD, 1999, p. 34) ⁵⁴. A velhice lhe traz a capacidade de revisar e reavaliar os eventos e experiências ocorridos durante sua trajetória e, com isso, tentar compreendê-los. A revisão do

⁵³ Kezia lay still thinking this over. She didn't want to die. It meant she would have to leave here, leave everywhere, forever, leave - leave her grandma. She rolled over quickly.

"Grandma," she said in a startled voice.

"What, my pet!"

"You're not to die." Kezia was very decided.

[...] "you're not to. You couldn't leave me. You couldn't not be there." This was awful. "Promise me you won't ever do it, grandma," pleaded Kezia.

The old woman went on knitting.

"Promise me! Say never!"

But still her grandma was silent.

⁵⁴ It was the old woman's turn to consider. Did it make her sad? To look back, back. To stare down the years [...] Did it make her sad? No, life was like that”.

passado contribui logo para a apreensão do presente e percepção das expectativas que os sujeitos depositam nos anos pósteros.

Assim, percebemos a Sra. Fairfield como a mulher que auxilia nas tarefas de casa, a mãe que educou os filhos, a avó que cuida dos netos e possui o seu lugar junto à família dos Burnell, tem a sua maturidade configurada pelas próprias experiências e condições socioculturais desde a juventude. Consideramos que suas práticas a adequam ao destino preestabelecido para as mulheres e o seu olhar para a vida alerta-lhe de que as crenças e valores de uma dada época não são definitivas, tampouco permanentes.

4.3 BERYL FAIRFIELD: A MULHER SOLTEIRA E OS DESEJOS FEMININOS

Beryl, a filha solteira da Sra. Fairfield, reside com a irmã, Linda Burnell. No lar dos Burnell ela contribui nas tarefas domésticas e nos cuidados às sobrinhas. Em suas relações cotidianas ela assume práticas submissas à ordem normativa, devendo, na condição de mulher não casada e sem filhos, mostrar-se recatada e prestar obediência e serventia ao sujeito masculino. Nestas circunstâncias, ela se insere no processo de interação familiar e procura manter os valores morais de pureza, gentileza e discrição.

Assim, observemos a relação de parentesco, entre sexos opostos, Beryl e Stanley: “Beryl estava sozinha na sala de estar quando Stanley apareceu num terno de sarja azul, camisa de colarinho engomado e gravata de bolinhas”⁵⁵ (MANSFIELD, 1999, p. 18). A sua solidão e posição diante de seu cunhado revela as peculiaridades do feminino, a vulnerabilidade, e do masculino, a autoridade, ambos compondo a sistema social binário. Para Bourdieu (2017, p. 86), são nos “detalhes do cotidiano, aparentemente insignificantes, dos comportamentos quotidianos, que encerram inúmeros e imperceptíveis apelos à ordem”. Nessa perspectiva, a divisão de atividades, os comportamentos e as atitudes, os espaços ocupados, e até mesmo as vestimentas fazem parte de uma ordem gendrada que se estabelece não apenas nas particularidades da vivência coletiva, mas também na intimidade familiar:

“Você pode ver se meu mingau está pronto, Beryl?”
 “Mamãe já vai trazer”, ela respondeu. Sentou-se à mesa e serviu-lhe o chá.

⁵⁵ Beryl was alone in the living-room when Stanley appeared, wearing a blue serge suit, a stiff collar and a spotted tie.

“Obrigado.” Stanley tomou um gole. “Epa!”, disse com surpresa. “Você esqueceu o açúcar.”

“Ah, desculpe.” Ainda assim, Beryl não o serviu; apenas passou-lhe o açucareiro. O que significava aquilo? Enquanto punha o açúcar, seus olhos azuis se abriam, pareciam tremer. Olhou de relance para a cunhada e recostou-se.

“Não há nada errado, há?”, perguntou ele distraidamente, enquanto forçava o colarinho com um dedo.

Beryl, de cabeça baixa, virando o prato entre os dedos, respondeu com voz suave: “Nada.” Levantou o rosto e sorriu para Stanley. “Por que haveria?...”⁵⁶ (MANSFIELD, 1999, p. 18)

Logo a lógica dicotômica, presente no interior do lar, se estabelece entre o servir e o ser servido. Em primeira instância, Beryl ajuda a pôr o chá para o cunhado, desempenhando a função de cuidados domésticos. Tal função atribuída à mulher, contrasta com a do homem, que deveria preocupar-se com o sustento e proteção do lar, instaurando uma relação de dependência entre ambos os sujeitos. O fato de não ser servido do açúcar por ela faz com que Stanley volte o seu olhar para ela num misto de desaprovação e incredulidade, visto que aquele comportamento negligente não seria esperado do sujeito feminino.

Em sua peculiaridade, Beryl situa-se entre a sujeição à ordem patriarcal e a frustração em fazer parte dela. O incômodo em relação às condições sociais impostas era então revelado à medida que a personagem interage com outros sujeitos, como no momento em que ela se aborrece com uma de suas sobrinhas:

“Ah, Kezia, por que você faz tanta bagunça?”, gritou Beryl irritada. “Eu, tia Beryl?” – Kezia olhava para ela, espantada. O que tinha feito demais? Apenas escavara um buraco no meio de seu mingau, enchera-o como se fosse um rio e agora estava comendo as margens. Todo dia fazia a mesma coisa, e ninguém nunca tinha dito uma só palavra.⁵⁷ (Idem, p. 19)

⁵⁶ "You might go and see if the porridge is ready, Beryl?"

"Mother's just gone for it," said Beryl. She sat down at the table and poured out his tea.

"Thanks!" Stanley took a sip. "Hallo!" he said in an astonished voice, "you've forgotten the sugar."

"Oh, sorry!" But even then Beryl didn't help him; she pushed the basin across. What did this mean? As Stanley helped himself his blue eyes widened; they seemed to quiver. He shot a quick glance at his sister-in-law and leaned back.

"Nothing wrong, is there?" he asked carelessly, fingering his collar.

Beryl's head was bent; she turned her plate in her fingers.

"Nothing," said her light voice. Then she too looked up, and smiled at Stanley. "Why should there be?"

⁵⁷ "Oh, Kezia! Why are you such a messy child!" cried Beryl despairingly.

"Me, Aunt Beryl?" Kezia stared at her. What had she done now? She had only dug a river down the middle of her porridge, filled it, and was eating the banks away. But she did that every single morning, and no one had said a word up till now.

Kezia se distingue das irmãs por seus atos de querer dar sugestões ou determinar condições. Lottie, a mais frágil e receosa, costuma seguir suas instruções. Em meio às brincadeiras pueris, percebemos a influência da garota sobre a sensível irmã, que é sujeita ao comando dos outros, esperando que alguém a proteja e lhe indique o que deve fazer. Durante o divertimento, cada criança deveria ser um animal: Kezia, a abelha; Izabel, o galo; e Lottie, o burro.

“E eu, vou ser o quê?” perguntou Lottie a todo mundo, e ficou sorrindo, à espera de que alguém decidisse por ela. Tinha de ser uma coisa fácil.

“Seja um burro, Lottie”, foi a sugestão de Kezia. “Hii...hóó! Você não pode esquecer”.

“Hii...hóó”, repetiu solenemente.⁵⁸ (MANSFIELD, 1999, p. 41)

Assim, os modos de Kezia, quanto à ordem e à instrução levam à alusão ao sistema prescrito. Beryl, por sua vez, lentamente mostra suas inquietudes acerca da lógica reguladora: mesmo buscando cumprir a ordenação da rotina, ela também se esbarra em instantes em que não se sente confortável com a maneira repetitiva com que as práticas são dispostas. Seus atos são socialmente vigiados em seus mais ínfimos detalhes, como no caso de não servir o açúcar, de baixar a cabeça diante do homem, de reclamar com uma criança.

Em meio as agitações dos Burnell, a casa se torna mais quieta quando Stanley sai rumo à cidade. Beryl, mais serena, serve afetuosamente sua mãe à mesa. A esfera privada se tornava então um meio menos opressivo, uma vez que as demandas do chefe da família mantêm as mulheres afastadas. Ter o cunhado ausente contribui para a formação de um espaço sem pressões, exigências e imposições.

“Até logo, Stanley”, disse Beryl com a mais doce e alegre das vozes. Era muito fácil dizer “até logo”. E lá ficou ela, indolente, protegendo os olhos com a mão. O pior foi ter de berrar “Até logo!” também, a fim de manter as aparências.

Depois, ele a viu virar-se, dar um pulinho e correr de volta a casa. Estava contente em se ver livre dele!

É verdade, estava grata.⁵⁹ (op cit, p. 20)

⁵⁸ "What'll I be?" Lottie asked everybody, and she sat there smiling, waiting for them to decide for her. It had to be an easy one.

"Be a donkey, Lottie." It was Kezia's suggestion. "Hee-haw! You can't forget that."

"Hee-haw!" said Lottie solemnly.

⁵⁹ "Good-bye, Stanley," called Beryl, sweetly and gaily. It was easy enough to say good-bye! And there she stood, idle, shading her eyes with her hand. The worst of it was Stanley had to shout good-bye too, for the sake of appearances.

Nessas condições, na presença do marido de Linda, Beryl apresenta um comportamento de servidão e de afabilidade, reproduzindo as práticas femininas que lhe foram ensinadas. Contudo, ao se afastar, as suas maneiras de se portar apresentam mudanças, demonstrando conforto e maior prazer em fazer tarefas que não era obrigada a executar.

Segundo Woodward (2014, p. 31):

Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como a “mesma pessoa” em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo.

Seguindo essa perspectiva, o comportamento de Beryl e suas relações com os outros sujeitos, sejam homens ou mulheres, muda em conformidade com a ocasião e participantes inseridos no contexto. Assim sendo, a personagem assume a postura apropriada a sua posição – seja a de mulher solteira, de doméstica, de tia ou de filha – e esses seus modos devem ser controlados pelo olhar do outro, que é guiado por regimentos normativos.

Nesse viés, julgar os sujeitos a partir de suas atitudes e condutas se instaura como mecanismo para garantir a conformidade aos valores hierárquicos. Além do mais, aquele que estabelecesse relações com um sujeito de má reputação, conforme os princípios valorativos, provocaria similar preocupação. O monitoramento das companhias e o zelo pela disciplina deveriam estar sob vigília, uma vez que era necessário manter os sujeitos dentro da ordem para que o sistema continuasse a vigiar.

A Sra. Kember, com a sua falta de feminilidade para os padrões vigentes – não possuindo filhos e ignorando o marido – era uma referência negativa para as outras mulheres. Ao decidir que vai tomar banho de mar com ela, Beryl demonstra seu caráter independente mas também certa incerteza ao desejar romper com a ordem ao mesmo tempo em que pensa em render-se a ela. A ousadia de estabelecer contato com a Sra. Kember em contraposição à timidez em se despir diante dela coloca em questionamento a sua estabilidade ontológica enquanto cobra o devido respeito à sociedade.

Then he saw her turn, give a little skip and run back to the house. She was glad to be rid of him!
Yes, she was thankful.

[...] Beryl estava acanhada nunca se despira na frente de outra pessoa. Seria uma tolice? A Sra. Kember a fazia pensar que era e que devia até mesmo se envergonhar daquilo. E, na verdade, por que se acanhar? Olhou de relance para a amiga, de pé, tão corajosa na sua camisa rasgada, acendendo um cigarro. E um sentimento instantâneo, audaz, diabólico, começou a crescer em seu peito. Rindo-se, inteiramente, descuidada, vestiu a flácida roupa de banho meio úmida, polvilhada de areia, e abotoou-a.⁶⁰ (MANSFIELD, 1999, p. 28)

O modo receoso de Beryl em expor o corpo, deve-se às valorizações atribuídas às características sexuais e à moral do corpo. Por meio dos processos de disciplinamento e do caráter ideológico, a censura e o controle social eram mediados através da atribuição da vergonha e da culpa do sujeito que transgredia a demarcação moral. Fazia-se necessário ensinar às mulheres a cobrir os seus corpos, exercer sua sexualidade apenas dentro do casamento heterossexual e assumir a identidade a si designada, sem questionamentos à ordem masculina.

Nessa vertente, Friedan (1963, p. 80) afirma que “[...] não se espera que as mulheres cresçam para descobrir quem elas são, para escolher sua identidade humana. A anatomia é o destino da mulher, dizem os teóricos da feminilidade; a identidade da mulher é determinada por sua biologia”⁶¹ (tradução nossa). Com isso, as mulheres aprendiam a seguir o modelo de conduta e virtuosidade, eram induzidas a desejar se casar e procriar, levando-as à formação de uma identidade que tinha como referência a família e a maternidade.

A Sra. Kember, como desestabilizadora dos princípios femininos, provoca em Beryl dúvidas relacionadas aos preceitos e regulamentações da sociedade e sua forma de se comportar suscita a alusão ao sujeito masculino: “Quando a Sra. Kember surgiu perto dela com sua touca de banho preta, o rosto sonolento erguido fora da água que o queixo apenas tocava, parecia uma medonha caricatura do marido.”⁶² (*Op Cit*, p. 29). Verifiquemos que, pela associação da amiga ao marido, Beryl revela sua concepção binária e, portanto, classificatória, entre as práticas femininas e masculinas.

⁶⁰ [...] Beryl was shy. She never undressed in front of anybody. Was that silly? Mrs. Harry Kember made her feel it was silly, even something to be ashamed of. Why be shy indeed! She glanced quickly at her friend standing so boldly in her torn chemise and lighting a fresh cigarette; and a quick, bold, evil feeling started up in her breast. Laughing recklessly, she drew on the limp, sandy-feeling bathing-dress that was not quite dry and fastened the twisted buttons.

⁶¹ [...] women are not expected to grow up to find out who they are, to choose their human identity. Anatomy is woman's destiny, say the theorists of femininity; the identity of woman is determined by her biology.

⁶² As Mrs. Harry Kember came up close she looked, in her black waterproof bathing-cap, with her sleepy face lifted above the water, just her chin touching, like a horrible caricature of her husband.

Com isso, enquanto a personagem pondera acerca de si mesma, da razão que lhe faz envergonhar-se de mostrar o corpo, também se volta a observar a Sra. Kember e suas subversões. De acordo com Zinani (2013, p. 88): “O sujeito é constituído nas práticas sociais, a partir de uma perspectiva dialética entre o exterior e interior. O sujeito se constitui pela imagem que os outros fazem do indivíduo, aliada à representação que o indivíduo faz de si mesmo”. A partir de suas interações, Beryl se percebe então como uma mulher de identidade feminina, conforme os princípios sociais, com pouca ou nenhuma possibilidade de transgredir as normas, e de ir além das demarcações da predestinação.

Ao chegar a noite, Beryl já está de volta ao bangalô. Os espaços perdiam suas formas no meio da escuridão noturna, transformando o ambiente sutilmente:

Por que à noite as pessoas se sentem tão diferentes? Por que é tão emocionante estar acordado quando todo mundo está dormindo? Tarde... é muito tarde! E apesar disso, a cada momento você se sente mais e mais alerta, como se fosse acordando muito devagar – quase que a cada vez em que respira – dentro de um mundo novo, maravilhoso, muito mais vibrante e excitante do que o diurno. E o que é essa esquisita sensação de ser um conspirador? Furtivamente, bem de mansinho, você se move em seu próprio quarto. Você tira alguma coisa da penteadeira e lá a recoloca sem o menor ruído. E tudo, até mesmo o pé da cama, tudo o conhece, responde e partilha de seu segredo... ⁶³ (MANSFIELD, 1999, p. 50)

No período da noite, em que não é possível identificar o que nos circunda, os significantes perdem os significados a eles atribuídos. Portanto, transformar as maneiras pelas quais se enxergam as formas não seria algo impensável. Uma vez vivendo apenas pela perspectiva do outro, do homem, era desafiador ter percepções fora do foco masculino, afastada das delimitações normativas (DEL PRIORE, 2014, p. 7). Os questionamentos de Beryl revelam, assim, a instabilidade do sistema regulado e a possibilidade de rupturas com a ordem sexuada. A sua solidão contribui para tais ponderações tanto quanto para a interação com outros sujeitos. Segundo Zinani (2013, p. 97): “A solidão, embora às vezes seja desagradável, é uma condição tão necessária quanto a interação social para o estabelecimento da identidade”. Dessa maneira, ficar

⁶³ Why does one feel so different at night? Why is it so exciting to be awake when everybody else is asleep? Late - it is very late! And yet every moment you feel more and more wakeful, as though you were slowly, almost with every breath, waking up into a new, wonderful, far more thrilling and exciting world than the daylight one. And what is this queer sensation that you're a conspirator? Lightly, stealthily you move about your room. You take something off the dressing-table and put it down again without a sound. And everything, even the bed-post, knows you, responds, shares your secret...

sozinho também oportuniza a observação de si próprio e a construção do ser como indivíduo.

Em sua reclusão Beryl “[...] viu com clareza duas pessoas de pé no meio do quarto. Os braços dela estavam em volta do pescoço dele, que a prendia e murmurava: ‘Minha princesa, minha linda princesa!’ Beryl saltou da cama, correu para a janela.”⁶⁴ (MANSFIELD, 1999, p. 50). Seus desejos se desvelam, as suas vontades íntimas se entrecruzam com os seus devaneios e deixam mostrar os anseios de um sujeito oprimido e condenado a um destino delineado pelo outro.

Atentemos ao seguinte fragmento:

As pessoas se sentem isoladas quando vivem sós. É certo que há os parentes, os amigos, montes deles; mas não é isso que ela queria dizer. Ela quer alguém que descubra a Beryl que nenhum deles conhece, alguém que espere que ela seja sempre aquela Beryl. Ela quer um amante.

“Leve-me para longe de todas essas pessoas, meu amor. Vamos para longe daqui. Vivamos nossas vidas, tudo novo, tudo nosso, desde o princípio. Façamos queimar nosso fogo. Sentemo-nos para comer juntos. Conversemos longamente à noite”.

E o pensamento foi quase: “Salve-me, meu amor. Salve-me!”⁶⁵ (MANSFIELD, *Op Cit*, p. 51)

As vontades íntimas de Beryl são interiorizadas, a ausência de um relacionamento sexual a faz carente. A sexualidade reflete a biologia, classificando as mulheres como sujeitos passivos que se realizam apenas ao conceber um filho e os homens como ativos, viris e sexuados. Nessa vertente, aquelas mulheres que se comportam de forma oposta a tal ordem seriam percebidas como anormais, levando os estudiosos da época a interpretarem a libido feminina até mesmo como um problema de saúde mental.

Percebemos aqui repressão do desejo feminino como uma opressão do que o sujeito quer para si. As prescrições de comportamento afetavam as mulheres negativamente, visto que elas internalizavam o pensamento patriarcal que as levava a

⁶⁴ [...] saw so plainly two people standing in the middle of her room. Her arms were round his neck; he held her. And now he whispered, ‘My beauty, my little beauty!’ She jumped off her bed, ran over to the window.

⁶⁵ It is lonely living by oneself. Of course, there are relations, friends, heaps of them; but that's not what she means. She wants someone who will find the Beryl they none of them know, who will expect her to be that Beryl always. She wants a lover.

"Take me away from all these other people, my love. Let us go far away. Let us live our life, all new, all ours, from the very beginning. Let us make our fire. Let us sit down to eat together. Let us have long talks at night."

And the thought was almost, "Save me, my love. Save me!"

agir dentro de moldes que as limitavam e refreavam seus fetiches. As fantasias não realizadas geralmente levavam a impulsionar a frustração e a ansiedade, contribuindo para que a mulher se tornasse infeliz.

Vejam os ainda que as vontades carnis das mulheres deveriam ser controladas e a ordem familiar deveria estar sob domínio do marido. Com isso, elas deveriam ser criadas e submetidas à razão e às decisões do homem, que era seu único meio de estabelecer relações com o mundo social. Assim, os seus desejos eram um direito patriarcal e como tal não deveriam ser confrontados, orientando os sujeitos a seguir as determinações, para afastar-se de possíveis ameaças de desestabilização do sistema. (PATEMAN, 1993, p. 151).

Policar os corpos alheios seria então assegurar a ordem social e moral. A prática de sexo com a mulher deveria acontecer apenas após o matrimônio e entre sujeitos de sexos biologicamente opostos e inseridos em um casamento heteronormativo, em que o controle continuava a ser feito na vida íntima do casal parte do homem, na tentativa de garantir uma sociedade saudável e estável. Logo, as ligações entre o modo como os sujeitos se percebem, os seus comportamentos e os seus desejos íntimos seriam produtos das convenções, expectativas e repressões sociais.

Na posição de mulher solteira, conter os impulsos sexuais significava para Beryl assegurar o distanciamento da desmoralização. Sendo assim, caso faltasse com a postura de “pura” e recatada, ela seria estigmatizada por promiscuidade. Beryl enfrenta os desafios de não ser casada: “[...] tudo é tão terrivelmente difícil quando não se tem alguém. A gente fica à mercê das coisas. Simplesmente não se pode ser rude.”⁶⁶ (MANSFIELD, 1999, p. 51). Então, reprimir seu comportamento faz parte da condição daquelas sem marido. Perceber-se vulnerável, sem a proteção que o homem deveria lhe prestar, de acordo com os preceitos masculinos, seria igualmente comum entre as mulheres.

Nesse processo, o domínio masculino sobre os desígnios das mulheres, a vigilância social dos seus corpos, a insegurança, a melancolia e a carência sexual destas últimas faz parte da inquietação daquelas que não conseguem cumprir o seu destino “natural”. Conforme Perrot (2008, p. 46): “Não é simples manter-se na condição de jovem solteira, com as restrições do corpo e do coração, quase sem liberdade de escolha quanto a seu futuro, seus projetos amorosos, exposta à sedução [...] relegada à solidão e

⁶⁶ [...] it's so frightfully difficult when you've nobody. You're so at the mercy of things. You can't just be rude.

ao abandono”. Assim, o controle normativo sobre as solteiras é intenso, instaurando concepções através de discursos moralizantes de fracasso e infelicidade feminina para aquelas que estão fora do casamento, levando-as a frustrações pessoais e de inadequação ao sistema.

Diante das expectativas sociais Beryl é aquela que não alcançou a felicidade, sendo a mulher “incompleta”, dado que ter marido e filhos deveria ser a maior completude de uma mulher: “[...] Não seria deixada de lado. Outras, talvez, mas ela não. Impossível pensar que Beryl Fairfield, aquela mocinha tão encantadora, tão fascinante, não se casaria.”⁶⁷ (op cit, p. 52). Beryl encontra-se em plena juventude mas para a sociedade da época as moças que passam dos vinte e cinco anos têm poucas ou quase nenhuma chance de se realizarem no matrimônio, sendo direcionadas a tornarem-se “boas tias” e não mais mães (TAVARES, 2011, p. 95-100).

Para muitas das jovens solteiras se tornava cada vez mais desafiante manter a continência sexual pois elas deveriam enquadrar-se nos padrões da moralidade e preservar a educação e a postura de mulher familiar. De acordo com Del Priore (2014, p. 67): “Não importava os desejos ou a vontade de agir espontaneamente; o que contavam eram as aparências e as regras”. Dessa maneira, é nos devaneios que Beryl exprime suas vontades íntimas, visto que uma mulher revelar o que anseia e sente à sociedade é um ato inconcebível. Ela não detém o poder da palavra, deve obedecer e aceitar os princípios comportamentais preestabelecidos.

Ao olhar para o jardim do bangalô, Beryl percebe alguém vindo em sua direção. Ao se aproximar, ela distingue o sujeito: “[...] decerto, não um assaltante, pois estava fumando e passeava distraidamente [...] Havia reconhecido o homem.”⁶⁸ (MANSFIELD, 1999, p. 52). Logo, Beryl remete suas fantasias a alguém com hábitos semelhantes aos da Sra. Kember, que fuma e possui atitudes masculinas, deixando o marido de lado para ir à praia sozinha, sem se importar com a sua reputação.

O desconhecido então incita Beryl a sair a passeio com ele, conforme o trecho a seguir:

“Não quer dar um pequeno passeio?” A voz se arrastava.
Sair a passeio, àquela hora da noite? “Não posso. Todo mundo já está na cama... todos dormem”.

⁶⁷ She couldn't be left. Other people, perhaps, but not she. It wasn't possible to think that Beryl Fairfield never married, that lovely fascinating girl.

⁶⁸ [...] certainly not a burglar, for he was smoking and he strolled lightly [...] She recognized him.

“Ah”, disse a voz bem de leve, e uma baforada de fumaça a alcançou. “O que importa todo mundo? Venha! Está uma noite tão agradável... Não há viv’alma por perto”. Beryl sacudiu a cabeça. Mas alguma coisa já despertava dentro dela; alguma coisa avultava. A voz disse: “Assustada?” E, caçoando: “Coitada da menininha...” (*Op Cit*, p. 52) ⁶⁹

Uma mulher solteira saindo com alguém pela noite sugere o desvio normativo, dado que é esperado que ela esteja confinada dentro do lar, devendo sair apenas na companhia de seu cônjuge quando se casar. A repreensão da sociedade é motivo de inibição para Beryl, que apresenta receio e incerteza ao ser encorajada a transgredir as regras sociais. Nessa vertente, a sua hesitação situava-se em ousar romper com as regulamentações ou se sujeitar a elas: “[...] a única grande transgressão de um homem é a vontade própria. Todo o bem de que a humanidade é capaz está contido na obediência. Não tens escolha; é assim que deves fazer, não de outra maneira: ‘o que não é dever é pecado’”. ⁷⁰ (MILL, 2016, p. 96). Por assim dizer, aquela que quisesse alcançar seus desejos individuais - como um ser com necessidades próprias que se distancia da concepção de universalidade -, deveria desobedecer, pular o cerco de delimitações de práticas impostas aos sujeitos:

Beryl pulou a janela baixa, cruzou a varanda, desceu correndo pelo gramado até o porão. Lá estava ele, bem na sua frente. “Muito bem”, disse a voz num sussurro. E, provocadora, perguntou: “Você não tem medo, não é? Está com medo?” Estava. Agora que tinha vindo estava aterrorizada, e tudo lhe parecia diferente. O luar brilhante a vigiava; as sombras eram como barras de ferro. Ele segurou sua mão. “Nem um pouquinho”, disse Beryl sem convicção. “Por que estaria?” Sua mão foi puxada, com delicadeza e depois com força. Ela resistiu. “Não, eu vou parar por aqui”, disse. ⁷¹ (MANSFIELD, 1999, p. 53)

⁶⁹ "Won't you come for a little walk?" it drawled.

Come for a walk - at that time of night! "I couldn't. Everybody's in bed. Everybody's asleep."

"Oh," said the voice lightly, and a whiff of sweet smoke reached her. "What does everybody matter? Do come! It's such a fine night. There's not a soul about."

Beryl shook her head. But already something stirred in her, something reared its head.

The voice said, "Frightened?" It mocked, "Poor little girl!"

⁷⁰ [...] the one great offence of man is self-will. All the good of which humanity is capable is comprised in obedience. You have no choice; thus you must do, and no otherwise: 'whatever is not a duty, is a sin. (MILL, 1859, p. 58)

⁷¹ Beryl stepped over her low window, crossed the veranda, ran down the grass to the gate. He was there before her.

"That's right," breathed the voice, and it teased, "You're not frightened, are you? You're not frightened?"

She was; now she was here she was terrified, and it seemed to her everything was different. The moonlight stared and glittered; the shadows were like bars of iron. Her hand was taken.

"Not in the least," she said lightly. "Why should I be?"

Her hand was pulled gently, tugged. She held back.

Os temores de Beryl à vigília do sistema mandatório refreiam seu impulso de querer desafiá-lo. Segundo Zinani (2013, p. 96): “[...] abandonar o caminho conhecido significa ingressar em uma nova realidade, com outros desafios e incertezas, porém plena de possibilidades de realização”. A decisão de não se desviar do destino prescrito confirma sua insegurança diante do que pode vir a enfrentar, sejam julgamentos moralizantes, severas punições ou até mesmo a abjeção social.

Assim, o efeito do discurso masculino sobrepõe-se às inquietações acerca da identidade feminina. A força da ordem controla não apenas os corpos, mas as mentes das mulheres, coagindo os seus atos, influenciando nas suas decisões, controlando suas vontades (BOURDIEU, 2017, p. 59). Por isso, mesmo sentindo-se desconfortável com a condição feminina, “Beryl era forte.”⁷² (MANSFIELD, 1999, p. 54), ela resiste e não dá prosseguimento à violação da prescrição.

Isto posto, percebemos que Beryl busca ajustar-se às demandas identitárias femininas, assume suas funções domésticas, contribui nos cuidados com as sobrinhas e sujeita-se à autoridade masculina, embora questione tais imposições: mesmo com os seus receios de afastar-se completamente das normas, ela se mostra uma mulher inquieta, que possui fantasias, carências afetivas e esperanças de que a transformação social seja possível. Enfim, acredita que a mulher aos poucos irá conquistar seu espaço, vivendo seus dias sem temer a opressão e a imposição.

4.4 SRA. HARRY KEMBER: O SUJEITO SUBVERSOR DO IDEAL DE COMPORTAMENTO FEMININO

A Sra. Kember, amiga de Beryl, é uma mulher burguesa casada. Passa a maior parte do dia repousando na baía ou se entretendo a jogar *bridge* ao invés manter-se confinada ao lar. Suas maneiras de agir provocam a atenção dos outros sujeitos, que a percebem como um exemplo negativo para as mulheres. Em uma época de valorização e imposição de papéis de gênero, ela remete a um modelo de imoralidade e afronta os paradigmas vigentes.

Os hábitos levianos da Sra. Kember distanciam-se dos que fazem parte do *ethos* feminino, como o uso de cigarros: “Era a única mulher ali na praia que fumava e

"No, I'm not coming any farther," said Beryl.

⁷² Beryl was strong.

fumava sem parar; enquanto conversava, tinha sempre um cigarro nos lábios e só o tirava deles quando a cinza se acumulava a ponto de não se saber como não caía.”⁷³ (MANSFIELD, 1999, p. 26). Naquele contexto, o hábito de fumar era tido como uma particularidade dos homens e algo também relacionado à modernidade.

Woodward (2014, p. 10) afirma que “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa. O cigarro funciona [...] como um significante importante da diferença e da identidade e, além disso, como um significante que é, com frequência associado com a masculinidade”. Logo, as mulheres deveriam evitar ser fumantes, uma vez que isso consistia em algo que não ia de acordo com as conveniências preestabelecidas. As identidades eram, então, marcadas por meio de símbolos, filtrando o que era aceitável ou não no círculo social. Mediante os processos de marcação simbólica eram construídas as identidades. Estas eram moldadas pela cultura, produzindo um conjunto de significados/significantes que refletiam nos modos de pensar e agir dos sujeitos de um dado período. Com isso, era subtendido nas minúcias do cotidiano de mulheres e homens que os sentidos as práticas e relações sociais eram atribuídos. (WOODWARD, 2014, p. 14).

Sem a postura altaneira que manifesta as virtudes de certo caráter feminino (DEL PRIORE, 2014, p. 204), a Sra. Kember senta-se “[...] nas pedras, encurvada, os braços em volta dos joelhos, ela fuma.”⁷⁴ (MANSFIELD, 1999, p. 26). Ela é negligente para com a própria aparência, à vista dos ideais femininos da época, não possuindo vaidade, nem se importando em usar sua “camisa rasgada”⁷⁵ (*Op Cit*, p. 28). A aparência da mulher traz estreita relação com a sua feminilidade e ela procura transformar seu corpo em objeto de desejo sexual masculino através do uso de espartilhos e outras peculiaridades que reduzem seus movimentos e as desencorajam a fazer certas atividades, norteadas assim a sua moralidade (BOURDIEU, 2017, p. 48).

De acordo com Del Priore (2014, p. 177):

[...] na outra ponta da submissão, a mulher era senhora de beleza e sensualidade – aliás, beleza considerada perigosa, pois capaz de perverter os homens; sensualidade mortal, pois se comparava a vagina a um poço sem fundo, no qual o sexo oposto naufragava. As noções

⁷³ She was the only woman at the Bay who smoked, and she smoked incessantly, keeping the cigarette between her lips while she talked, and only taking it out when the ash was so long you could not understand why it did not fall.

⁷⁴ [...] hunched up on the stones, her arms round her knees, smoking.

⁷⁵ Torn chemise.

de feminilidade e corporeidade sempre estiveram, portanto, muito ligadas à nossa cultura.

Se as expectativas sobre as mulheres europeias também são relacionadas à formosura, a Sra. Kember não as atende: “Era uma mulher comprida, estranha, de mãos e pés estreitos. O rosto também era comprido e estreito, de aparência cansada, exausta. Mesmo a franja clara e ondulada parecia ressecada e murcha.”⁷⁶ (op cit, p. 26). Assim, a sua falta de investimento na beleza corporal é constatada na aparência descuidada de sua face, de seu cabelo e de seu corpo alongado.

O distanciamento do padrão de comportamento feminino é uma ameaça ao sistema patriarcal, desestabilizando as estruturas binárias que promovem a adequação de atributos, funções e restrições dos sujeitos. Nesse viés, as “identidades diferentes podem ser construídas como ‘estranhas’ ou ‘desviantes’” (WOODWARD, 2014, p. 33). A Sra. Kember se apresenta, portanto, subversiva diante as normas, enquanto com sua aparência excêntrica provoca mal-estar entre as outras mulheres.

As transformações no comportamento feminino causavam tensões entre os sujeitos e a ordem social. A construção da mulher gentil e virtuosa parte da educação familiar, instigando-a se tornar o “anjo do lar”. Assim, procuravam-se formá-las: “[...] afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes na administração da casa” (DEL PRIORE, 2014, p. 66). Educar contribuía com o processo de produção identitária, sendo a identidade feminina associada à natureza e a masculina ao meio cultural.

Segundo a explanação de Virginia Woolf, em seu artigo “Profissões para mulheres” (2016, p. 12), a mulher como “anjo do lar” era:

[...] extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado, era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto.

Essas características, entretanto, não se incluem no perfil da Sra. Kember, dado que ela não zela pelo próprio lar. Ocupa-se das atividades de lazer na baía, enquanto a

⁷⁶ She was a long, strange-looking woman with narrow hands and feet. Her face, too, was long and narrow and exhausted-looking; even her fair curled fringe looked burnt out and withered.

esfera doméstica está fora das suas prioridades: “[...] não se importa nem um pingo com a casa.”⁷⁷ (MANSFIELD, 1999, p. 26). Com a sua ausência e falta de dedicação ao âmbito privado, é Gladys, a empregada, que cuida dos afazeres da sua casa. Sendo assim, a divisão sexual das tarefas no lar dos Kember diverge do ideal que coloca a mulher na administração do campo familiar.

Para Friedan (1963, p. 2) as mulheres, ao longo dos anos, foram orientadas a cuidar de seus filhos, da casa e do marido, devendo saber cozinhar e se vestir de acordo com os ideais de feminilidade. Aquelas que se comportavam conforme o ideal gendrado deveriam ser superestimadas e tidas como modelos a serem seguidos. Como resultado, elas eram impulsionadas a lastimar a conduta daquelas que fugiam aos padrões predeterminados, fadadas a serem infelizes.

À vista disso, os discursos acerca da feminilidade buscavam formar mulheres que tivessem as habilidades domésticas, todas relacionadas à família. Na união heteronormativa, marido e filhos estavam sob os cuidados da esposa, que com todo o seu afeto colocava em prática o que lhe fora ensinado. A sua aptidão para dedicar-se ao lar era um aspecto moralmente valorizado e aquela que cumprisse tal tarefa era percebida como a mulher intimamente realizada, obediente diante do seu destino “natural”.

Mas Sra. Kember, além de não se preocupar com a organização da casa, vive um relacionamento matrimonial sem filhos: “É verdade que a Sra. Kember não tinha filhos e que o marido... Nesse ponto, as vozes sempre subiam de tom, ficavam férvidas. Como pôde ele se casar com ela? Só pode ter sido por dinheiro, mas mesmo assim...”⁷⁸ (MANSFIELD, 1999, p. 27). O casal que não atende ao dever de procriação é percebido como anômalo e provoca questionamentos. Afrontosos eram aqueles que diferiam dos desígnios atribuídos aos que se submetem ao casamento.

Na idealização social, viver a maternidade, como parte de um processo biológico que capacita a geração de filhos, tornava a mulher mais próxima do estado natural dos seres. A sociedade não poupava ninguém, pressionava afirmando que a mulher deveria engravidar, punia quem não fizesse o seu dever, num a hostilidade e estigmatização que a levava a se culpabilizar por não cumprir sua função social. Com isso, aquela que não desejasse tornar-se mãe seria: “Acusada de egoísmo, de maldade, e até de desequilíbrio,

⁷⁷ [...] she didn't care two pence about her house.

⁷⁸ True, she had no children, and her husband... Here the voices were always raised; they became fervent. How can he have married her? How can he, how can he? It must have been money, of course, but even then!

àquela que desafiava a ideologia dominante só restava assumir, mais ou menos bem, sua ‘anormalidade’” (BADINTER, 1985, p. 238).

A Sra. Kember, que também subverte a ordem ao não ter filhos, é a desviante dos preceitos binários dos modelos fixos que presumem o bem-estar daqueles que o seguem. Ao negar o caminho a si predestinado, abdicando do controle social do seu corpo e se comportando de acordo com as suas vontades individuais, o desviante é aquele que “perturba por ser desafiador, desprezando os ‘valores’ legitimados” (VINCENT, 2009, p. 251). Ao rejeitar as normas, esse tipo de sujeito é apontado como “anormal” e alvo de críticas e repreensão daqueles que preservam e se subjugam aos princípios do sistema regulador.

Assim, para a Sra. Kember, o naturalismo nada tem a ver com as escolhas morais. Essa a mulher não maternal, de fisionomia “estranha”, negligente, seja com a aparência ou com o lar, que desfrutar do individualismo hedonista, viver para si e não para o outro, deixar de ser o sujeito passivo para tornar-se o ativo e agente. Marcada por suas práticas não hierárquicas, constitui sua identidade a partir de suas escolhas, suas vontades e suas percepções voltadas ao meio que a cerca e suas relações com o outro.

Nessa direção, suas condutas perante a empregada Gladys, a amiga Beryl, o marido, o Sr. Kember e a outros homens e mulheres que vivem nos arredores da baía transgridem as convenções sociais e morais, costumes e crenças que deviam moldar as experiências cotidianas. Seus modos diante dos outros sujeitos, portanto, não exercem adequação aos códigos de linguagem e comportamento, tornando-a objeto de comentários propagados pela face coletiva:

[...] [Sra. Kember] chamar a empregada, Eliza, de “É-linda”. De pé num degrau da varanda, costumava chamar, com ar indiferente e voz cansada: “Você quer me trazer um lenço, se é que tenho um, É-linda?” “É-linda”, de laço vermelho nos cabelos, em vez da touca, e de sapatos brancos, vinha correndo, com um sorriso despuadorado. Era um escândalo completo!⁷⁹ (MANSFIELD, 1999, p. 27)

O tratamento íntimo e libertino entre a Sra. Kember e sua empregada é alvo de indignação. Portar-se e proceder de maneira informal e próxima, distanciando-se da postura de patroa, não condiziam com a idealização da mulher decente e discreta. Para

⁷⁹ [...] [Mrs. Kember] called the servant Gladys "Glad-eyes," was disgraceful. Standing on the veranda steps Mrs. Kember would call in her indifferent, tired voice, "I say, Glad-eyes, you might heave me a handkerchief if I've got one, will you?" And Glad-eyes, a red bow in her hair instead of a cap, and white shoes, came running with an impudent smile. It was an absolute scandal!

esses sujeitos, que se atreviam a expressar atos divergentes dos esperados, era redobrada a vigilância social, negando as identidades de gênero e sexuais que não faziam parte dos princípios morais.

O principal mecanismo de controle do poder disciplinar é a vigilância. Será preciso impor restrições às ações dos sujeitos e policiá-los mediante a opinião pública e pelas leis. Essas restrições tornam mulheres e homens figuras singulares, que agem de acordo com regras que os categorizam e os colocam na monotonia cotidiana. Quem causasse estranhamento atrairia o olhar de rejeição e censura do outro, e seria preciso avançar as discursões diante tais questões de decodificação das convenções culturais e desalinhamento das expectativas sociais (MILL, 2016, p. 16).

Nesse viés, as normas sociais e os juízos de valor de certo grupo contribuem para regular os sujeitos dentro de categorizações fundadas a partir de demarcações e continências moralizantes. Este controle relativo às identificações e definições é produto de uma percepção seletiva determinada em um contexto social e cultural específico. Os desajustados às demarcações que lhes eram conferidas estavam então submetidos à marginalização e reprovação social. A Sra. Kember se afasta da ordem dominante, questiona-a e se inquieta ao reparar naqueles que tentam se ajustar aos preceitos. Por exemplo, à medida que Beryl se despe timidamente a fim de entrar no mar na sua companhia ela questiona o receio da jovem de mostrar seu corpo: "Ora, minha querida, não se importe comigo", diz a Sra. Kember. "Por que esse recato? Não vou lhe tirar pedaço. Não vou ficar chocada, como essas bobinhas aí", e relinchou seu estranho riso, fazendo uma careta na direção das outras mulheres."⁸⁰ (MANSFIELD, 1999, p. 28)

Beryl, uma mulher jovem, não usa espartilho e veste uma anágua branca como sinônimo de pureza, costume comum entre as mulheres do período vitoriano. Mas a Sra. Kember usa uma camisa despojada e não se envergonha, tratando com indiferença o fato de tirar a roupa em frente a outra pessoa: "[...] bocejou, desafivelou o cinto e puxou o cadarço da blusa."⁸¹ (*Op Cit*, p. 27). Por não se preocupar em ter seu corpo à mostra, ela revela sua resistência à condição de dominada e sua não integração à sociedade, opondo-se aos paradigmas legitimados e reconhecidos como exemplares (BOURDIEU *Apud* VICENT, 2009, p. 285).

⁸⁰ Oh, my dear - don't mind me," said Mrs. Harry Kember. "Why be shy? I shan't eat you. I shan't be shocked like those other ninnies." And she gave her strange neighing laugh and grimaced at the other women. Oh, my dear - don't mind me," said Mrs. Harry Kember. "Why be shy? I shan't eat you. I shan't be shocked like those other ninnies." And she gave her strange neighing laugh and grimaced at the other women.

⁸¹ [...] yawned, unsnapped her belt buckle, and tugged at the tape of her blouse.

“Que Deus nos proteja”, disse a Sra. Harry Kember. “Como você é bonita!”

“Não diga isso!” protestou Beryl, suave. Mas tirando uma das meias e depois a outra, sentiu-se, de fato, bonita.

“Minha querida, por que não?” protestou a Sra. Kember, batendo com as mãos em sua própria anágua. Realmente, suas roupas íntimas!... Corpinho de linho e calções de algodão azul que de alguma forma faziam lembrar uma fronha num travesseiro. “E você não usa espartilho, usa?” Tocou a cintura de Beryl, e Beryl se esquivou com um pulo e um gritinho afetado: “Não, nunca!”⁸² (MANSFIELD, 1999, p. 27-28)

Seus gestos e discursos em relação à Beryl revelam as formas de um sujeito transgressor. Em momentos políticos/sociais em que “[...] toda evocação de feminilidade – nas roupas íntimas, por exemplo – era malvista” (DEL PRIORE, 2014, p. 65) tornava-se insolente pensar ao contrário. O corpo coberto por vestidos, anáguas, laços, sobreposições, era a expressão de um meio que valorizava a contenção sexual e o pudor.

Ao tocar na cintura da amiga, a Sra. Kember alcança a fronteira do corpo feminino, que é colocado como uma demarcação simbólica que institui o puro (na parte superior) e o impuro (no inferior). Segundo Bourdieu (2017, p. 30): “aquela que mantém sua cintura *fechada*, que não a *desamarra*, é considerada virtuosa, casta”. Assim, os corpos são constituintes de marcas biológicas onde as noções culturais se inscrevem e estabelecem limitações “que definem quem nós somos – servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2014, p. 15).

Contudo, os modos desviantes da Sra. Kember não se estendem apenas a Gladys e Beryl. Submetida ao julgamento das outras mulheres, é vergonhosa a sua maneira pouco feminina de se portar diante dos sujeitos masculinos: “Uma vergonha, sua falta de vaidade, sua gíria, o modo como trata os homens – como se fosse um deles.”⁸³ (MANSFIELD, 1999, p. 26). Ela afronta o sistema quando se recusa a pertencer à categoria feminina, ela quer tomar suas próprias decisões, vive para si e quando tal fato acontece o sujeito é assimilado ao homem.

⁸² "Mercy on us," said Mrs. Harry Kember, "what a little beauty you are!"

"Don't!" said Beryl softly; but, drawing off one stocking and then the other, she felt a little beauty.

"My dear - why not?" said Mrs. Harry Kember, stamping on her own petticoat. Really - her underclothes! A pair of blue cotton knickers and a linen bodice that reminded one somehow of a pillow-case ... "And you don't wear stays, do you?" She touched Beryl's waist, and Beryl sprang away with a small affected cry. Then "Never!" she said firmly.

⁸³ Her lack of vanity, her slang, the way she treated men as though she was one of them [...] was disgraceful.

Quanto ao marido, Sra. Kember não lhe dá atenção, embora o tratamento seja mútuo: “Ele ignorava a esposa tanto quanto era ignorado por ela.”⁸⁴ (*Op Cit*, p. 27). Mesmo que distante da posição de servidão ao seu conjugue, a Sra. Kember se encontra inserida em um matrimônio heterossexual. Muitas vezes o casamento garantia a sobrevivência da mulher, dado que eram vetadas a profissões que lhe renderiam um valor aquisitivo satisfatório, e a inserção do homem na esfera social, já que para manter a sua masculinidade deveria estar acompanhado por uma dama.

Nessa vertente, enquanto a mulher deveria ter o homem para sua proteção e sustento, o homem precisava de uma companheira para mostrar-se viril, atributos da identidade masculina, e aqueles que fugiam da regra eram malvistas e desonrados, marcados negativamente. Assim, as relações sexuais binárias construíam e naturalizavam os sexos, sendo necessárias para a manutenção das identidades gendradas e divisões trabalhistas desiguais. Elas eram, portanto, os pontos de partida e de chegada das relações sociais de poder.

Supunha-se então a heterossexualidade como “natural” e “normal”, colocando todos os sujeitos em direção a um objeto de desejo preestabelecido. Como resultado, outras formas possíveis de pôr em prática a sexualidade eram excluídas, entendidas como “antinaturais”. Seria preciso manter a vigilância de modo intenso para que a lógica sexual não se desestabilizasse, abalando as estruturas da família nuclear e a manutenção dos papéis gendrados, como observa Guacira Louro (2000, p. 10).

Dessa maneira, os sujeitos eram vigiados de diferentes perspectivas: no seu comportamento em âmbito público, em espaço privado, nas suas aspirações e nos seus desejos sexuais, sendo controlados ao longo de toda a vida. As prescrições de como os sujeitos deveriam ser gerava tensões constantes, na tentativa de mostrar que estavam pondo em prática o que a sociedade esperava deles. Assim, o peso das expectativas não apenas os oprimiam, mas os sufocavam dentro da árdua tarefa de tentar se harmonizar com a ordem vigente.

O Sr. e a Sra. Kember, em seu relacionamento divergente dos outros casais, mantêm suas vidas sexuais em discrição. Em um casamento estéril com uma esposa não convencional eles causam estranhamento aos outros sujeitos. Enquanto o seu marido, que é mais jovem, detém beleza física, é esportista e dança, a Sra. Kember se afasta da reputação de boa esposa e de mulher ideal. Suas atitudes decodificam o modelo

⁸⁴ He ignored his wife just as she ignored him.

feminino, desalinhado das expectativas políticas, familiares e sociais. As inconformidades vividas pelo casal provocam a curiosidade dos sujeitos que vivem nas proximidades. Há conversas dentro do espaço de convívio do casal que aludem ao comportamento dissonante dos Kember e permanecem subentendidas. Com isso, os juízos e práticas do cotidiano do outro medem e separam o que lhe é estranho e o que é reconhecível a partir do parâmetro das conveniências. Aquilo que foge da moral e dos princípios sustentados é razão de espanto e, por vezes, deve-se evitar proferir em público (PROST, 2009).

Sabendo que se trata de um casal burguês, é preciso manter reservadas as ocorrências da sua vida interior, preservando seus segredos e confidências. Forma-se, portanto, uma incógnita em torno das suas vivências, impulsionando a dissipação de suposições sobre seus atos: “[...] Circulavam histórias, é claro, mas que histórias! Simplesmente não podiam ser contadas. As mulheres com quem [Sr. Kember] fora visto, os lugares onde estivera... Mas nada com certeza, nada de definitivo.”⁸⁵ (MANSFIELD, 1999, p. 27).

Assim, vigiada pela sociedade, a conduta dos cônjuges inquieta os outros sujeitos. Temerosos da perda dos valores morais, tentam resistir ao que parece ser “novo”, moderno. Ao se chocar com o discurso conservador, a postura da Sra. Kember cultiva ideias de liberação feminina: “As mulheres de Crescent Bay achavam que ela era muito, muito liberada.”⁸⁶ (*Op Cit*, p. 26). Esses modos veiculados à modernidade causam medo, preocupações e frustrações nos outros, uma vez que abalam um sistema que não pode ser questionado, devendo ser cultivadas a ordem, a seriedade e a retidão moral. Verifiquemos o trecho a seguir:

“Eu acho que as moças bonitas devem se divertir”, disse a Sra. Kember. “Por que não? Não se engane, minha querida. Divirta-se”. E de repente ela se virou, mergulhou e foi embora, nadando veloz como uma ratazana. Depois virou-se de novo e nadou de volta; ia dizer mais alguma coisa. Beryl sentiu que aquela mulher fria a envenenava, mas no entanto queria ouvi-la. Mas, ah, que estranho, que horrível!⁸⁷ (MANSFIELD, 1999, p. 28-29)

⁸⁵ [...] Of course there were stories, but such stories! They simply couldn't be told. The women he'd [Mr. Kember] been seen with, the places he'd been seen in... but nothing was ever certain, nothing definite.

⁸⁶ The women at the Bay thought she was very, very fast.

⁸⁷ "I believe in pretty girls having a good time," said Mrs. Harry Kember. "Why not? Don't you make a mistake, my dear. Enjoy yourself." And suddenly she turned turtle, disappeared, and swam away quickly, quickly, like a rat. Then she flicked round and began swimming back. She was going to say something else. Beryl felt that she was being poisoned by this cold woman, but she longed to hear. But oh, how strange, how horrible!

A Sra. Kember instaura a dúvida, promovendo um pensamento que visa à possibilidade de estruturas mais liberais. Logo, ela desqualifica as concepções de sujeitos universais transcendentais, que devem viver seus corpos de forma igual, e nega a regulação social opressiva. Assim, Beryl é induzida pela amiga ao questionamento que desestabiliza antigas certezas acerca das identidades de gênero e sexuais que foram construídas socialmente.

Seguindo seus próprios impulsos, ela se desvela como mulher desajustada dos valores conservadores e sexistas: uma fumante, sem vaidade, negligente com o lar, sem filhos, de comportamento inadequado diante do outro. A Sra. Kember revela que as identificações não são lineares. As mesmas são então parte do imaginário, de um processo de produção social que organiza, regula e polícia os corpos e os comportamentos individuais.

Nesse sentido, ela representa o sujeito transgressor, que rompe categorias e fronteiras gendradas, homogeneizadas e fixas. Com isso, percebe-se a identidade como “instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada [...] ligada a estruturas discursivas e narrativas [...] a sistemas de representação” (SILVA, 2014, p. 96). Dessa maneira, a personagem é posicionada como a mulher moderna do início do século XX, que desorganiza as estruturas sociais, desmistifica a feminidade, contribuindo pertinentemente para a desnaturalização do que foi construído pela cultura.

4.5 ALICE, A CRIADA, E OS LIMITES QUE A DIVISÃO DE CLASSE SOCIAL LHE IMPÕE COM RELAÇÃO À IDENTIDADE FEMININA

Alice é uma jovem criada de classe baixa, solteira e sem filhos. Vive o cotidiano familiar dos Burnell, junto com as três outras mulheres da casa e seu patrão Stanley. Desempenha as tarefas domiciliares e ocupa a maior parte de seu tempo na cozinha. O seu modo de falar está fora dos padrões da língua e as suas vestimentas não são elegantes a vista do julgamento da época. Com isso, se constitui em uma mulher de baixo *status* cuja sobrevivência depende de trabalhar em um lar que não lhe pertence.

No âmbito burguês dos Burnell, todos possuem um sobrenome – a Sra. Fairfield, Beryl Fairfield, Linda Burnell, Stanley Burnell – enquanto Alice é referida apenas por “a criada”⁸⁸. Ela é procurada somente quando alguém precisa de algo e não estabelece

⁸⁸ “the servant-girl”

relações íntimas com nenhum membro da família. Assim, a jovem vai se revelando um sujeito à margem do arranjo familiar e do meio social.

Durante a rotina doméstica, ela vivencia as diversas inconstâncias ocorridas no espaço privado. A agitação que o seu patrão traz, ao requerer que as mulheres o sirvam, também é sentida por ela. No momento da busca por uma bengala, todas devem tentar encontrar o seu objeto perdido, atendendo as suas ordens: “Até Alice, a criada, foi incluída nas buscas.”⁸⁹ (MANSFIELD, 1999, p. 20). Logo, não importa a Stanley o tipo de relacionamento que mantém com o sujeito: aquelas que se enquadravam na identidade feminina tem o dever de sujeitar-se a ele.

Com a ausência do homem na esfera privada, as mulheres sentem-se menos oprimidas, afastadas das imposições masculinas. Sem a autoridade deles, podem desempenhar suas atividades de acordo com as suas vontades e não pelo fato de serem ordenadas a fazê-las. Dessa maneira, Beryl oferece chá para Sra. Fairfield, Linda vai descansar no jardim e Alice, apesar de ter mantidos seus afazeres de criada, revelava o seu estado de alívio ao perceber-se longe das pressões para atender às necessidades de Stanley.

Até Alice, a criada, lavando a louça na pia, foi contagiada pelo vírus, e usou a preciosa água do tanque de reserva com a mais perfeita prodigalidade.

“Ah, esses homens!”, disse a si mesma e, mergulhando o bule na bacia, segurou-o sob a água até depois que havia subido a última borbulha, como se fosse ele também um homem; e o afogamento, a melhor coisa que lhes pudesse acontecer.⁹⁰ (MANSFIELD, 1999, p. 21) (grifo nosso)

Encontrar-se dentro de um lar e possuir experiências femininas em comum, como a sujeição diante da ordem masculina, não significava que Alice esta incluída na família burguesa. Na menção “até Alice, a criada” era expressa a sua exclusão no cotidiano. Mesmo estando presente na casa, ela não interage diretamente com o grupo e se mantém apenas no espaço que lhe é designado, em silêncio, cumprindo as suas obrigações.

⁸⁹ Even Alice, the servant-girl, was drawn into the chase.

⁹⁰ **Even Alice**, the servant-girl, washing up the dishes in the kitchen, caught the infection and used the precious tank water in a perfectly reckless fashion.

"Oh, these men!" said she, and she plunged the teapot into the bowl and held it under the water even after it had stopped bubbling, as if it too was a man and drowning was too good for them.

Como mulher pertencente à camada social baixa, ela vive para servir ao homem, à esposa, ou a qualquer membro familiar. Assim, está marcada duplamente, pelo sexo e pela classe, dentro da hierarquia dominante onde ela será sempre a submissa. Precisa trabalhar para os outros, a fim de ter um sustento, e os trabalhos que lhe eram permitidos se dispunham de poucas opções, visto que as mulheres ainda não tinham muitas oportunidades no meio público.

Trabalhar em seu próprio lar era o ideal esperado para as mulheres, até o início do século XX, estabelecendo uma pertinente diferença diante o trabalho na casa dos outros. Recomendava-se a jovem que se precisasse trabalhar que permanecesse exercendo tarefas dentro de casa, ajudando com costuras ou encomendas. Era apenas nas camadas mais baixas que ela era vista trabalhando fora, nas fábricas ou em casas particulares, sendo as normas, portanto, feitas para a sociedade burguesa (PROST, 2009, p. 18).

Ter de exercer um ofício no domínio privado sinaliza então a falta de sucesso econômico do seu próprio núcleo familiar. Os cuidados com a casa, sendo uma das funções femininas, levava a mulher à possibilidade de realizar serviços em outras casas, podendo ser contratadas por tempo indeterminado. Dessa forma, continua a pôr em prática o seu papel social de uma dona-de-casa confinada no lar, se enquadrando assim dentro da ordem sexuada vigente.

Isto posto, vemos que as divisões trabalhistas estão relacionadas ao sexo biológico dos sujeitos e as suas relações sociais. Confundiam-se, portanto, os papéis sociais a elas atribuídos com o desempenho das funções no trabalho. Da mesma maneira, se ao homem é conferida a postura viril e/ou intelectual ele deverá atuar em tarefas braçais ou que exijam o uso do raciocínio. Se para a mulher é a fragilidade e o recato, as atividades devem ser relativas à área doméstica. Com isso, todos estão destinados à submissão e à normatização.

Para aquelas que procuravam trabalho era possível encontrar oportunidades como a de criada nas famílias burguesas. De acordo com Prost (2009, p. 38): “Um lar burguês [...] é inconcebível sem o criado [...] a própria organização da vida cotidiana supõe empregados para a limpeza, a cozinha, as louças etc. Não há como manter o nível social sem ter pelo menos uma empregada para todo o serviço”. À vista disso, os burgueses contratavam os sujeitos das camadas baixas como forma de demonstrar sua condição de superioridade hierárquica, dando-lhes ordens e estabelecendo regras.

Na residência dos Burnell Alice presta obediência, procura se adequar às conveniências sociais e manter relações amistosas com os membros familiares, atendendo a todas as expectativas como criada: “o patrão espera do doméstico uma colaboração múltipla e um comportamento ao mesmo tempo compreensivo, respeitoso e não desagradável” (*Op. Cit.*, p. 39). Durante sua vida no trabalho, ela vive para a família e quando lhe é concedida uma folga continua na posição de subalterna diante do olhar vigilante da sociedade sobre as mulheres.

A sua vida é, então, repleta de limitações e obrigações: o que lhe impõem, o que deve ou não fazer; se as suas funções são mal executadas, punições lhe são garantidas. O serviço doméstico acarreta diversas responsabilidades, privando as empregadas do lazer e afastando-as dos cuidados consigo mesmas. Assim, com toda a sua carga de tarefas e deveres, tal trabalho remete a uma dedicação integral, subordinação e situação de dependência.

Alice passa o dia todo trabalhando na casa dos Burnell. Na sua tarde de folga, prepara-se para sair da casa e aproveitar uns momentos de lazer. Ela decide ir tomar chá com a Sra. Stubbs, veste roupas diferentes das que usa para trabalhar e acaba chamando a atenção da cunhada de Stanley: “O controle dos padrões se estende às relações das empregadas domésticos, cuidadosamente vigiadas. As folgas são breves e raras, e sua correspondência é aberta” (PROST, 2009, p. 36). Ao observá-la, Beryl percebe as divergências entre a criada e a família burguesa em relação às suas vestimentas, seus modos e sua linguagem:

Usava um vestido de algodão branco com tantas e tão grandes bolas vermelhas que davam arrepios só de ver; sapatos brancos, e um chapéu de palha com a aba presa por papoulas. É claro que também usava luvas, brancas, com manchas de ferrugem nas costas de abotoar. Levava numa das mãos uma sombrinha espalhafatosa, que ela chamava de *meu pára-sol* ⁹¹ (MANSFIELD, 1999, p. 36)

O vestido e os acessórios coloridos revelam a qualificação social de Alice, separando-a daqueles que seguem os ditames da moda. Nessa direção, vejamos a sua maneira e a da sua patroa se vestir: enquanto Linda, na parte externa da casa, usa roupas mais discretas, “[...] Sobre a roupa branca, usava um xale amarelo com franjas cor-de-

⁹¹ She wore a white cotton dress with such large red spots on it and so many that they made you shudder, white shoes and a leghorn turned up under the brim with poppies. Of course she wore gloves, white ones, stained at the fastenings with iron-mould, and in one hand she carried a very dashed-looking sunshade which she referred to as her "perishall."

rosa comprado na loja do chinês.”⁹² (op cit, p. 44), a criada se recobre de objetos chamativos, em uma confusão de cores.

Conforme Del Priore (2014, p. 205):

Ato de diferenciação, vestir-se era, em essência, um ato de significação. Manifestava, em termos simbólicos ou por convenção, ao mesmo tempo ou separadamente, uma essência, uma tradição, um apanágio, uma herança, uma casta, uma linhagem, uma proveniência social e geográfica, um papel econômico. Em resumo, a roupa tornava visíveis as hierarquias, segundo um código garantido e perenizado pela sociedade. Na elaboração da aparência, as classes dominantes procuravam, desde sempre, distanciar-se das camadas populares.

À vista disso, Alice evidencia em suas vestimentas o pertencimento a uma divisão social em particular, a classe baixa. Apesar de ela vivenciar o cotidiano da família burguesa, não faz parte dela, continuava em seu lugar como criada. A sua forma de falar também não esconde a sua procedência desafortunada e, junto com a amiga, a Sra. Stubbs, desvia-se dos padrões da língua. Não apenas o “guarda-sol”⁹³, que chama de “para-sol”⁹⁴, mas outros termos são igualmente acrescentados ao seu discurso, entre eles estão os termos “convide”⁹⁵ ao invés de “convite”⁹⁶, “fótios”⁹⁷ para “fotos”⁹⁸ e “conzinha”⁹⁹ para “cozinha”¹⁰⁰.

Para manter as relações com os outros nas diferentes esferas ela se esforça para se comportar de acordo com os códigos sociais vigentes e com a identidade feminina preestabelecida. Seu desconforto em buscar seguir os modos normativos é revelado pelas peculiaridades dos seus gestos e movimentos. Perto da amiga, Alice se percebe mais à vontade e, por certos instantes, até interrompe a costumeira postura:

Alice empurrou a porta. A campainha tocou, as cortinas de sarja vermelha se abriram, e a Sra. Stubbs apareceu [...] Alice foi recebida tão calorosamente que achou difícil conservar as “boas maneiras”. Estas consistiam em uma tossezinha persistente, pigarros, puxões nas luvas, esticadas na saia e uma curiosa dificuldade em enxergar o que

⁹² [...] Over her white frock she wore a yellow, pink-fringed shawl from the Chinaman's shop.

⁹³ Parasol

⁹⁴ Perishall

⁹⁵ Invite

⁹⁶ Invitation

⁹⁷ Photers

⁹⁸ Photos

⁹⁹ Kitching

¹⁰⁰ Kitchen

lhe era posto à frente e em compreender o que lhe diziam.¹⁰¹ (MANSFIELD, 1999, p. 38).

Assim, é mediante o convívio familiar, o emprego, as vestimentas, a linguagem e as maneiras que Alice é configurada como a mulher e criada, que tenta se adequar aos padrões prescritos e obedecer às ordens impostas, sejam pelo patrão ou pela sociedade, sustentando as práticas do sistema gendrado, sendo controlada e julgada sob a constante vigília do outro.

A conduta da mulher está sempre sendo posta à prova; quaisquer intenções de desvio dos princípios estabelecidos são entendidas como desvalor e logo renegadas. Verifiquemos que enquanto Alice sai para usufruir de sua folga, Beryl a observava e faz pressuposições sobre as suas atitudes morais imaginando que ela irá fugir com alguém, quando ela pretende apenas ir tomar um chá com uma amiga.

Beryl, sentada na janela, abanando os cabelos recém-lavados, pensou nunca ter visto um espantalho igual. Se, antes de sair, Alice houvesse pintado o rosto de preto com um pedaço de rolha, o quadro teria ficado completo... E aonde poderia ir uma moça assim, num lugar como aquele? [...] Supunha que Alice estivesse indo ao encontro de algum abominável e vulgar arruaceiro, para sumir com ele bosque adentro. Lamentável estar chamando tanto atenção: dificilmente conseguiriam se esconder, com Alice paramentada daquele jeito. Mas não, Beryl cometia uma injustiça.¹⁰² (MANSFIELD, 1999, p. 36)

Os valores morais consistiam em mulheres disciplinadas e sexualmente retidas. Só aquelas casadas eram socialmente respeitadas, enquanto as solteiras deveriam manter-se “puras”, preservando sua virtuosidade. Para isso, contavam com olhar crítico dos demais sujeitos, policiando seus copos e suas ações. Todo comportamento era então passível ao julgamento, como Beryl que, ao perceber Alice saindo da área privada, não hesita em supor que ela estaria indo cometer um ato desviante das normas.

Na trivialidade cotidiana, os sujeitos devem partilhar dos códigos sociais enquanto práticas culturais e corresponder às expectativas do outro. Nessa relação entre

¹⁰¹ Alice pressed open the door. The bell jangled, the red serge curtains parted, and Mrs. Stubbs appeared [...] Alice was welcomed so warmly that she found it quite difficult to keep up her "manners." They consisted of persistent little coughs and hems, pulls at her gloves, tweaks at her skirt, and a curious difficulty in seeing what was set before her or understanding what was said.

¹⁰² Beryl, sitting in the window, fanning her freshly-washed hair, thought she had never seen such a guy. If Alice had only blacked her face with a piece of cork before she started out, the picture would have been complete. And where did a girl like that go to in a place like this? [...] She supposed Alice had picked up some horrible common larrikin and they'd go off into the bush together. Pity to have made herself so conspicuous; they'd have hard work to hide with Alice in that rig-out. But no, Beryl was unfair.

o ser e a esfera coletiva, todos são passíveis de reconhecimento, em um convívio transitório que não se define nem por ser íntimo, nem anônimo. Todos sabem das obrigações dos outros, tornando o percurso tomado significativo. Dessa forma, sair de casa é se expor, estar suscetível às vozes rumorosas que propagam comentários, principalmente os que dizem respeito à vida privada (PROST, 2009, p. 101).

Mesmo com a vigília normativa, Alice segue rumo à loja de Sra. Stubbs. Trilha a estrada sozinha e assustada. É um sujeito reprimido, receia questionar ou romper os princípios predeterminados. Deseja ter uma companhia e tem medo da solidão, o que corresponde a não realização feminina, posto que toda mulher deve ansiar por casar-se, ter seus filhos e seu lar. Entretanto, por precisar trabalhar e se dedicar à casa dos Burnell, não lhe sobra tempo para buscar as suas próprias relações afetivas: “O que melhor mostra a dificuldade do empregado doméstico em ter uma vida privada é o pequeno número de criados casados [...] a única vida privada é clandestina ou marginal” (PROST, 2009, p. 37). Dessa maneira, passa a maior parte do dia desempenhando atividades caseiras, participa do cotidiano dos patrões, tirando proveito apenas da curta folga para se aventurar:

Alice bem que gostaria que houvesse um pouquinho de movimento na estrada. Não ter ninguém atrás dela a fazia sentir-se mal.... Sentia até uma moleza na espinha. Não podia acreditar que ninguém a estivesse espiando [...] puxando as luvas para cima, cantarolou para si mesma e disse ao distante eucalipto: “Isso já vai terminar.” Mas uma árvore dificilmente poderia ser companhia.¹⁰³ (MANSFIELD, 1999, p. 37)

Alice se inquieta pela falta de alguém que se importe com ela, com quem possa viver um relacionamento íntimo. Pateman assegura que “as mulheres solteiras não têm uma situação social definida e aceitável; tornar-se a esposa de um homem ainda é o principal meio pela qual a maioria das mulheres obtêm uma identidade social reconhecida” (1993, p. 198). Ser trabalhadora e cumprir os designios femininos se fazia, portanto, uma tarefa árdua. A doméstica necessitava trabalhar, ao mesmo instante em que tinha que se enquadrar nos moldes idealizados. Assim, ela era desvalorizada por ser proveniente da classe baixa e frustrada por não ter alcançado o destino predisposto à grande maioria das mulheres. Apesar de ser apenas uma criada e estar fora do

¹⁰³ Alice did wish there'd been a bit of life on the road though. Made her feel so queer, having nobody behind her. Made her feel all weak in the spine. She couldn't believe that someone wasn't watching her [...] She pulled up her gloves, hummed to herself and said to the distant gum-tree, "Shan't be long now." But that was hardly company.

matrimônio, o controle sobre ela não se faz menor: “A sexualidade da classe trabalhadora estava longe de ser desregrada e desenfreada, e de fato ficou cada vez mais restrita [...]” (STEARNS, 2010, p. 171). Com o ato sexual ainda relacionado às exigências de procriação, temia-se não somente o abalo dos preceitos morais como também a geração excessiva de filhos, que provocaria a desestabilização do sistema econômico.

Após caminhar sozinha pela estrada, Alice chega ao encontro com Sra. Stubbs, uma mulher viúva que cultivava ideias de libertação da ordem masculina. A sua loja, situada à beira mar, vende itens de praia que são dispostos em plena desordem: “[...] estava pendurado um cacho de sandálias de praia, misturadas com tanta desordem que, para se conseguir um par, seria necessário separar à força pelo menos cinquenta unidades. Ainda assim, era muito difícil encontrar um pé direito correspondente a um esquerdo.”¹⁰⁴ (*Idem*). Assim como o desordenamento no espaço, ela quer o desarranjo das estruturas opressoras, que ditam como os sujeitos deveriam pensar e agir.

A Sra. Stubbs tem orgulho da diversidade da loja, apesar de alguns clientes perderem a calma diante um ambiente tão caótico. Os objetos não estarem predispostos de modo classificatório e bem arranjado (como posicionamento dos pares de sandálias, o direito com o esquerdo), deixavam aqueles habituados com a lógica organizacional confusos. O desalinho dos itens dispostos causa estranhamento, refletindo não somente o cenário de um estabelecimento comercial, mas remetendo metaforicamente ao político-social. Para Bourdieu (2017, p. 21):

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz às vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Nessa direção, as concepções normativas dividiam e categorizavam os sujeitos fixando posturas, gestos, funções e lugares determinados. A produção de tais ideais naturalizava as práticas sociais, levando todos à percepção do que era “normal” e

¹⁰⁴ [...] there hung a cluster of sandals so extraordinarily mixed that to get at one pair you had to tear apart and forcibly separate at least fifty. Even then it was the rarest thing to find the left that belonged to the right.

desejável. Distanciar-se dos padrões prescritos remetia à excentricidade como forma desqualificadora, que estava fora das convenções sustentadas.

Enquanto a Sra. Stubbs não se incomoda em viver sozinha em meio ao desarranjo da loja, Alice não se vê do mesmo modo, o seu senso de lugar volta-se à cozinha, pois é na execução de atividades domésticas que sente certa comodidade. Os pensamentos de liberação da amiga lhe trazem receio e desconforto, vez que ela não enxerga para além das delimitações impostas.

“De qualquer maneira, minha querida”, disse ela inesperadamente, “o melhor é a liberdade!” Seu risinho macio, à socapa, mais parecia um ronronar. “O melhor é a liberdade”, repetiu. Liberdade! Alice soltou uma risadinha alta e boba. Sentia-se pouco à vontade. A cabeça voou de volta para a sua própria *cozinha*. Que coisa mais chata! Queria estar de volta a ela.¹⁰⁵ (MANSFIELD, 1999, p. 39-40)

Nessa perspectiva, Alice não se configura como um sujeito transgressor. É condicionada aos costumes legitimados pela ordem simbólica, mecanizando e pondo em prática ações de um modo instintivo (no sentido de aquisição, não como parte de uma estrutura biológica). Ocorre assim a incorporação das concepções dominantes na sociedade, levando os sujeitos a reproduzi-las em um processo de manutenção a cada geração.

Em uma sociedade em que as mulheres não eram criadas para trabalhar no meio social, somente lhes restava crescer para tentar alcançar o seu destino “natural”. A sua existência era apenas reconhecida pela satisfação ao homem, nunca devendo questionar ou pensar acerca do que elas queriam e quem elas eram. A identidade feminina era então determinada pelo seu confinamento em casa e pela sua falta de controle sobre a sua própria vida (FRIEDAN, 1963, p. 83). Assim, como mulher, Alice foi educada para desempenhar tarefas domésticas e assumir o comportamento de acordo com as normas atribuídas ao ser feminino. Na construção de sua identidade não lhe coube questionar a superioridade masculina ou desconfiar da “naturalidade” de sua posição social; ideias opostas seriam impensáveis. Sua voz permanece então silenciada, conformada aos valores que controlam e guiam a sua conduta.

¹⁰⁵ "All the same, my dear," she said surprisingly, "freedom's best!" Her soft, fat chuckle sounded like a purr. "Freedom's best," said Mrs. Stubbs again. Freedom! Alice gave a loud, silly little titter. She felt awkward. Her mind flew back to her own kitching. Ever so queer! She wanted to be back in it again.

Solteira, de classe baixa e criada do lar burguês, monitorada e julgada pelo outro, ela não vive para si e seu destino será doar-se ao âmbito doméstico e não ao público, mesmo não sendo casada. Portanto, as instruções gendradas não fariam sentido se não fossem postas em prática nos diversos setores da vida, seja pessoal ou no trabalho. Assim, orientada pelos princípios femininos, forma-se Alice: a criada e a mulher.

Vejamus que as mulheres de “At the Bay”, cada uma na sua individualidade e com seus próprios desejos, se unem em uma coletividade configurada na sujeição e imposições de ordem patriarcal. Linda Burnell, Sra. Fairfield, Beryl Fairfield, Sra. Harry Kember e Alice vivenciam as pressões sociais e os limites da esfera privada permeada por constantes tensões. As expectativas para que coloquem em prática os cuidados com o lar, a obediência ao homem e a realização da maternidade regulam os seus corpos, marcando-os simbolicamente e os fixando dentro dos moldes da feminilidade.

Na casa dos Burnell, a presença masculina de Stanley provoca agitação e desconforto, tornando o âmbito familiar inquieto. Cada sujeito procura se comportar em conformidade com os princípios normativos, assim o homem assumia a postura imperativa e viril, enquanto as mulheres prestavam-se submissas ao chefe da família. Todos eram parte do sistema hierárquico, produtos dos discursos hegemônicos e da internalização de disposições sociais dominantes.

O casamento de Linda é guiado não apenas pelo respeito ao seu marido Stanley, mas pela cumplicidade entre ambos. Diante dos modos autoritários do companheiro, ela percebia que por trás daquele homem masculinizado, havia um ser humano com sentimentos e desejos que também estava submetido a ordem patriarcal. Já o relacionamento dos Harry Kember se configurava na indiferença entre os pares. Mas era um entendia as necessidades do outro, os mantendo numa relação amistosa e de companheirismo. Apesar das interações cotidianas entre as duas famílias, Burnell e Harry Kember, terem certas divergências, ambas atendem as expectativas sociais do matrimônio, cumprindo um dos princípios heteronormativos.

A Sra. Fairfield é a mulher sem companheiro. Idosa e mãe de Linda, ela se encontra na posição de avó e contribuí nas tarefas domésticas. Entre ela e Stanley a relação é de submissão, já o seu olhar em direção aos Harry Kember é de estranhamento. Sra. Kember se distancia da feminilidade e, além de não ser vaidosa e nem zelar pelo lar, o casal não tem filhos, ato este esperado pela sociedade em questão.

Os olhos vigilantes da Sra. Fairfield recaíam também sobre a filha solteira Beryl. A jovem tinha uma postura recatada e ingênua, dado que moças que não eram casadas deveriam se afastar de modos vistos como promíscuos. Suas interações eram com outras mulheres, com a sua mãe, a irmã ou com Sra. Kember, na presença de Stanley ela agia de maneira servil.

Similarmente, Alice vivia as experiências de uma jovem solteira, porém ela pertencia a classe operária, deixando-a em uma situação economicamente oposta. As outras mulheres de “At the Bay” eram da classe burguesa, Alice era a criada dos Burnell, trabalhava como doméstica no lar do outro. Mesmo com a desvalorização diante a sua classe social, as repreensões morais faziam-se presentes nas suas experiências como mulher. As disposições sociais estavam escritas no seu corpo, as predeterminações das suas escolhas, do seu comportamento e da sua conduta a moldavam como sujeito feminizado. Sua voz subalterna não tinha lugar para ser ouvida, vivendo um constante medo de transgredir as normas.

Com isso, as cinco mulheres, Linda Burnell, Sra. Fairfield, Beryl Fairfield, Sra. Harry Kember e Alice, estão ligadas ao mesmo fio condutor: a sujeição ao sistema patriarcal. Seus espaços de trânsito se voltam a esfera privada, não exercem nenhuma posição de comando e vivem sob a pressão das expectativas da sociedade. O estado de tensão sabrecai sobre elas, provocando inquietações em relação ao destino lhes imposto. Cada uma tem suas vontades individuais, possuem suas próprias experiências na condição de mulher e buscam no caos da opressão a calma no cotidiano.

[...] “tudo jazia tranquilo.”
(MANSFIELD, 1999, p. 54)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“At the bay” revela, na trivialidade do cotidiano de um lar burguês, os moldes normativos de comportamento e de moral que eram impostos aos cidadãos em geral e principalmente às mulheres no início do século XX, período em que o conto foi publicado. Questões aqui levantadas acerca da identidade feminina e das práticas de gênero daquele período nos levam a perceber que era no âmbito familiar que se reproduziam e se concretizavam as atribuições sociais para cada membro da casa, gerando uma tensão constante em suas interações, fato este que se revelam através dos posicionamentos e cosmovisões de cada uma das cinco personagens da narrativa, que emblemam diferentes extratos sociais.

A estrutura social de divisão e classificação dos gêneros favoreceu a hierarquização dos sujeitos, refletindo também na organização familiar. Era o homem que assegurava a posição de provedor do lar, enquanto as mulheres deveriam ser subordinadas a ele, mantendo-se nos limites domésticos. O sujeito coletivo era visto então como predominante: todos os homens deveriam seguir o modelo masculino de comportamento e vestimentas assim como as mulheres deveriam seguir as femininas, levando à construção do ideal de mulher e de homem.

As personagens do conto são indivíduos postos dentro de uma coletividade, mas que sentem vontades próprias de decidir como querem viver e por quais experiências desejam passar. São mulheres com necessidades particulares e não coletivas, como ditavam os princípios de uma sociedade falocêntrica. A partir daí constatamos as contradições e as inconsistências dos papéis de gênero idealizados e, por muito tempo, impostos pela sociedade ocidental.

Ao mistificar a mulher como esposa e mãe, esperava-se que ela se realizasse somente como tal, levando-a à premência de conseguir colocar em prática o que lhe foi designado. Contudo, não eram todas as mulheres que desejavam um destino voltado para o matrimônio e a procriação: cada uma tem vontades distintas e, portanto, o curso prescrito não trará satisfação para todas elas. Linda Burnell, que tencionava se aventurar pelo desconhecido com o pai, foi levada a casar-se e ter filhos. Aquela não era a vida que ela desejava ter e, não vivendo o que idealizou para si, percebemo-la infeliz.

Modelos preestabelecidos limitam e levam os sujeitos a acreditar que só existe um modo de vida a seguir e qualquer outro caminho senão o proposto socialmente, sofre reprovação e exclusão social e é alvo de duras críticas. Presa nesse cerco em que existia

um ideal de comportamento predominante, Linda não vai além das barreiras impostas, deixando de se realizar na sua individualidade.

Observamos ainda que, ao passo em que a mística feminina idealiza a mulher como sujeito “puro” e sexualmente passivo, impõe que o prazer carnal seja dado ao homem, concedendo-lhe o acesso ao seu corpo pelo domínio masculino. Sem controle sobre si mesma, seus pensamentos e sentimentos eram ignorados, inviabilizando sua completude e distanciando-a do padrão de vida que idealizara para si. Assim como sua irmã, Beryl e é subjugada a um destino opressor. Falta-lhe autonomia e sua existência para o outro não a deixa pensar em si. Ela não concretiza suas fantasias sexuais, apenas devaneia, uma vez que deve comportar-se de forma recatada. Logo percebemos que as pressões sociais não recaem unicamente sobre aquelas casadas, as mulheres solteiras igualmente experimentam o tormento da ausência de liberdade individual.

Esse viver para o outro, dentro de padrões impostos, trilhando um destino que foi estabelecido e julgado como o melhor para si pelo juízo alheio é então comum entre os sujeitos de “At the bay”. Com isso, nem Linda, nem Beryl ou nem mesmo a velha Sra. Fairfield são encontradas em momentos de alegria e prazer. Monotonia e desolação se esbarram nas experiências femininas, enquanto as mulheres vão esperando o tempo passar nada podem fazer, a não ser resignar-se e cuidar do lar e dos homens.

É na integração de múltiplos fatores sociais e psíquicos que se constrói a identidade do sujeito. O modo de vida das mulheres não deve ser definido pela anatomia dos seus corpos ou pelos seus hormônios, não deve ser delimitado por nenhum fator. Cada sujeito tem suas carências e suas ambições e, nessa pluralidade de possibilidades de vivências, deve estabelecer uma conduta singular, considerando o que cada uma sente e quer.

Educar foi uma estratégia encontrada para que a sociedade entendesse as tarefas atribuídas para a mulher como “naturais” e não como um princípio social. Encorajadas desde a infância a dedicar-se à vida doméstica e à valorização do amor romântico, nunca lhe ensinaram a tomar suas próprias decisões, a se defender. A educação feminina na Era Vitoriana, perdurando pela Eduardiana, censurava, esmorecia e fragilizava a mulher e, como se não fosse bastante educar era preciso vigiar a sua conduta. Constatamos que Beryl, por exemplo, observa o meio que a cerca e faz julgamentos do comportamento alheio de acordo com os preceitos que lhes foram ensinados, assim como os outros também fazem dela. É como fazer parte de um círculo vicioso em que um sujeito vigia enquanto ele mesmo é vigiado.

Aquela que não se ajustasse às normas do sistema binário seria alvo de insultuosos olhares, podendo ser excluída da comunidade. O estabelecimento de um padrão ideal e homogeneizado acarretava a concepção daquela que não correspondesse às expectativas sociais como um ser anormal, alvo de críticas e comentários pejorativos. Basta-nos lembrar a Sra. Kember, que ao afrontar os códigos estabelecidos, é percebida como a excêntrica pelas outras mulheres. Elas não se aproximavam, dado que o diferente seria uma ameaça à manutenção do sistema e muitos temiam a sua desestabilização.

As instituições políticas e religiosas alimentavam a manutenção da tradição binária e ainda continuam a fazê-lo em certas situações e lugares, mesmo nos dias atuais, estimulando a prática dos papéis de gênero e da formação da família heterossexual. Em todos os períodos da história temos ideais sendo impostos, sujeitos procurando incitar o outro a seguir um caminho predeterminado, persuadindo-o mediante seus juízos de valor que percorrer uma trajetória diferente da destinada irá condená-lo a infortúnios.

Viver uma vida que o outro entende como a adequada, mas que negligencia os anseios pessoais leva o sujeito a sentir culpa, angústia e frustração. As práticas e pensamentos homogêneos não se fazem cabíveis dentro de uma sociedade tão heterogênea, em que cada sujeito tem gostos, preferências e sentimentos que nada têm a ver com a sua identidade de gênero, mas com o fato de serem seres humanos que pensam e sentem igualmente.

Acreditamos que mulheres e homens devem tomar suas próprias escolhas sem qualquer imposição e serem livres de julgamentos que lhe venham a causar perdas ou danos, seja na sua vida pessoal ou profissional. Assim, cabe unicamente ao sujeito ter a oportunidade de decidir sobre o destino que quer trilhar, se deseja viver para o lar ou para o espaço público, se tenciona procriar ou não, se quer desfrutar de um relacionamento homossexual ou qualquer outro que lhe proporcione prazer.

O peso das expectativas sociais, que percebemos cair sobre as mulheres do conto de Mansfield, nos leva a entender a manutenção dos modelos normativos como negativos, dado que eles estabelecem limites e barreiras ao sujeito, impedindo-o de possuir vivências que de fato queira para si, sem ter de preocupar-se com olhares de repreensão e rejeição social.

A ruptura da estrutura em que o homem domina o campo social, com sua postura viril, ativa e firme e a mulher é confinada dentro de casa, com atitudes passivas e

emotivas, significa a queda da hegemonia masculina. Uma vez que os sujeitos são postos dentro de moldes comportamentais eles são condicionados a manterem-se dentro da perspectiva que lhe foi imposta, mas a partir do momento em que rompem as barreiras dos limites do engendramento a soberania hierárquica começa sua dissolução, mulheres podendo conquistar sua autonomia e homens podendo cuidar do lar como quer que prefiram.

Manter-se dentro de um padrão é exaustivo, majoritariamente para aquele que percebe quantas possibilidades de experiências de vida poderiam surgir se não houvesse limitações. Mas para uma mente condicionada aos preceitos binários se torna um caminho obscuro e incerto se enxergar além daquilo que lhe foi ensinado desde a infância. Vejamos que enquanto Sra. Kember se encaminhava para as maneiras mais progressistas do pensamento moderno do século XX, Alice mantinha-se estagnada, vendo seu futuro encerrado na cozinha. A atividade doméstica oferecia-lhe um horizonte limitado de oportunidades de autonomia e ascensão social. Era um trabalho sem prestígio, desvalorizado pela sociedade a fim de contribuir para as desigualdades de gênero. Além disso, buscava-se evitar a concorrência profissional com os homens e, para isso, mantinham baixas as aspirações das mulheres para que não provocassem tensões que pudessem por em risco a estabilidade do sistema vigente.

Ainda que sem o devido valor, exercer funções domésticas na casa de outrem é uma ocupação. Logo, nos deparamos com a incongruência da ordem de base patriarcal ao passo que percebemos que enquanto a mulher de classe operária tinha a necessidade de prestar sua força de trabalho com ganhos lucrativos, a burguesa não deveria exercer atividades fora de seu próprio lar.

Mesmo que pertencentes à burguesia ou à classe operária, casadas, viúvas ou solteiras, jovens ou idosas, as mulheres de “At the bay” compartilham e carregam um peso semelhante ao longo das suas trajetórias individuais: o fardo das imposições do sistema patriarcal. Elas vivenciam um cotidiano permeado de expectativas sociais, despertando-lhes uma inquietação constante entre aquilo que devem por em prática de acordo com os costumes culturais e o que gostariam de fazer.

O fato de serem mulheres, conforme os parâmetros biológicos, não significa que elas aspirem ao mesmo destino. Cada uma deseja algo para si e esses desejos têm a possibilidade de se transformar ao longo do tempo. A formação da identidade é, portanto, uma construção que nunca está plenamente feita, e tomá-la como fixa, estática e homogênea contribui para fortalecer estereótipos e estigmatizar sujeitos.

Com isso, entendemos que o conto de Katherine Mansfield nos traz um amplo leque de expectativas a respeito de como os ideais de uma dada sociedade se desvelam. Ele nos mostra, através de ações triviais como os gestos, os pensamentos e os discursos aparentemente desprezíveis das personagens algumas marcas do sistema polarizado. Desta maneira, é a naturalização das posições sexuais, a normalização heterossexual, a diferença biológica dos corpos e a concentração hegemônica do poder masculino que permeia o cenário político de “At the bay”.

Katherine Mansfield lança, então, um olhar crítico e consciente para os processos sociais e culturais nas suas produções literárias. Como mulher que viveu entre os séculos XIX e XX ela conheceu bem os desafios e as barreiras impostas pelas convicções masculinas. As motivações, medos, ansiedades e frustrações reveladas em seus escritos pessoais é a confirmação de que não apenas ela, mas também muitas outras mulheres de sua época, ainda tinham muitas palavras a serem ditas sobre suas experiências, inquietações e/ou desconforto diante da opressão do sistema.

Com isso, a narrativa dessa escritora neozelandesa consegue capturar as minúcias do instante, a profundidade e a sensibilidade das personagens em sua obra. As questões nela abordadas são de caráter imprescindível; nos levam a discutir conceitos essencializados, identidades e vivências que passaram pela história das mulheres e continuam a deixar seus resquícios ao longo do tempo.

Acreditamos, por fim, que a leitura das produções da autora, assim como a de muitas outras mulheres que lutaram para terem suas vozes ouvidas, como Kate Chopin nos Estados Unidos, Jane Austen e as irmãs Brontë na Inglaterra, apenas para citar algumas, deva ser mais difundida entre os sujeitos que não somente queiram fazer pesquisas acadêmicas, mas no meio daqueles que têm empatia humana e que procuram desvendar e entender a condição do outro. Ainda temos muito o que repensar e o que questionar sobre o meio em que nos situamos e isso deve ser feito com frequência. Aceitar e se acomodar naquilo que nos é posto como “verdade” nos leva a voltar às mesmas imposições reguladas por ultrapassados conceitos e falsas ideologias políticas – e disso desejamos nos distanciar.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Tradução Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos sociológicos do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades de gênero**: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DIKE, Catherine. **Walking Sticks**. London: Shire Publications, Ltd., 1996.

FERREIRA, Dina Maria Martins. **Discurso Feminino e Identidade Social**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

FRIEDAN, Betty. **A segunda etapa**. Tradução Edna Jansen de Mello. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

FRIEDAN, Betty. **The feminine mystique**. W. W. Norton & Company, 2013 (1963).

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Claridade, 2011.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1993.

HOOKS, Bell. Understanding Patriarchy. In: **The Will to Change: Men, Masculinity, and Love**. Washington Square Press: 2004. p. 17 – 34.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MANSFIELD, Katherine. **Diário e cartas**. Tradução Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

_____. **Je ne parle pas français e outros contos**. Tradução Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MEAD, Margaret. **Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação**. Tradução Margarida Maria Moura. Petrópolis: Vozes, 1971.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Tradução Benedita Bettencourt. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

_____. **On Liberty**. Kitchener: Batoche Books, 1859.

_____. **Sobre a liberdade**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: 2016.

_____. **The subjection of women**. London: Savill, Edwards and Co, 1869.

MORAIS, Flávia Costa. **Literatura Vitoriana e educação moralizante**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

PARSONS, Talcott; BALES, Robert F. **Family, socialization and interaction process**. London: Routledge, 1955.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da vida privada**: Da primeira Guerra a nossos dias. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

QUEIROZ, Carla de Alcântara Ferreira. **O uso de cadáveres humanos como instrumento na construção de conhecimento a partir de uma visão bioética**. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2005.

RUSSELL, Bertrand. **Casamento e moral**. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SANTOS, Sueli Souza dos. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

TAVARES, Márcia. Sexo, afeto e solteirice intersecções de gênero, raça e geração entre mulheres de classe média. In: BONNETI, A.; LIMA E SOUZA, A. M. F. de. (Org.). **Gênero, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 93-114.

VASCONCELOS, Bernardo de. (Des)Igualdades em *The Subjection of Women* de John Stuart Mill. In: MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Tradução Benedita Bettencourt. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy**. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman, with strictures on political and moral subjects** (1792). Project Gutenberg. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/3420/3420.txt>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

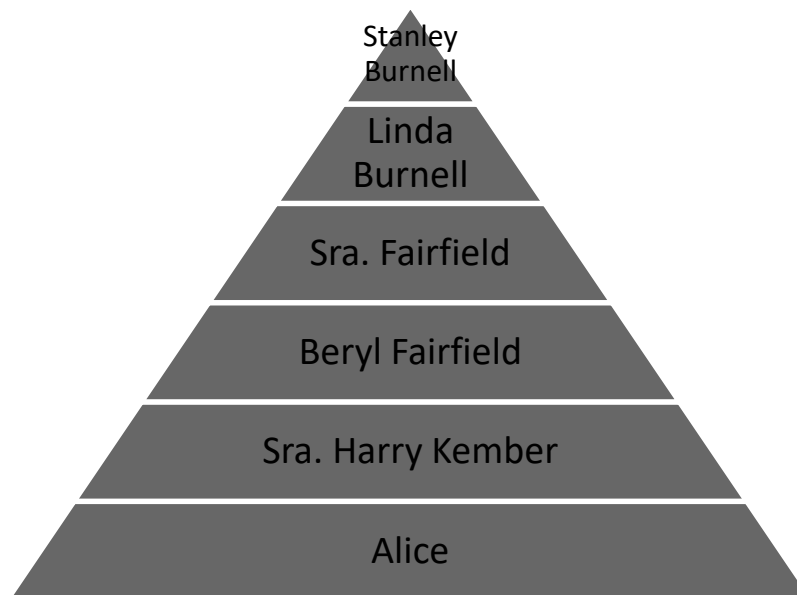
WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WOOLF, Virginia. **A room of one's own**. Peterborough, Ont: Broadview Press, 2001.

_____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016.

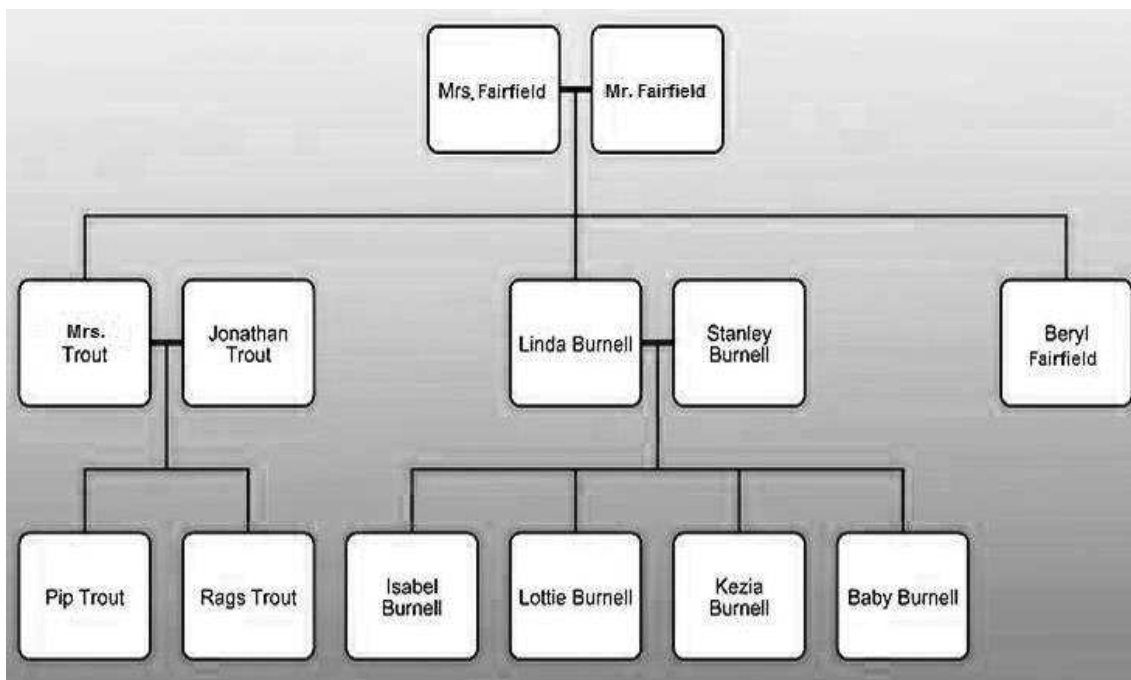
ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

APÊNDICE A – ORGANOGRAMA HIERÁRQUICO



No topo, o chefe da família burguesa Burnell, seguido da esposa, da sogra e da cunhada. Na sequência a também burguesa da família Harry Kember e na base a criada dos Burnell.

APÊNDICE B – ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BURNELL/TROUT

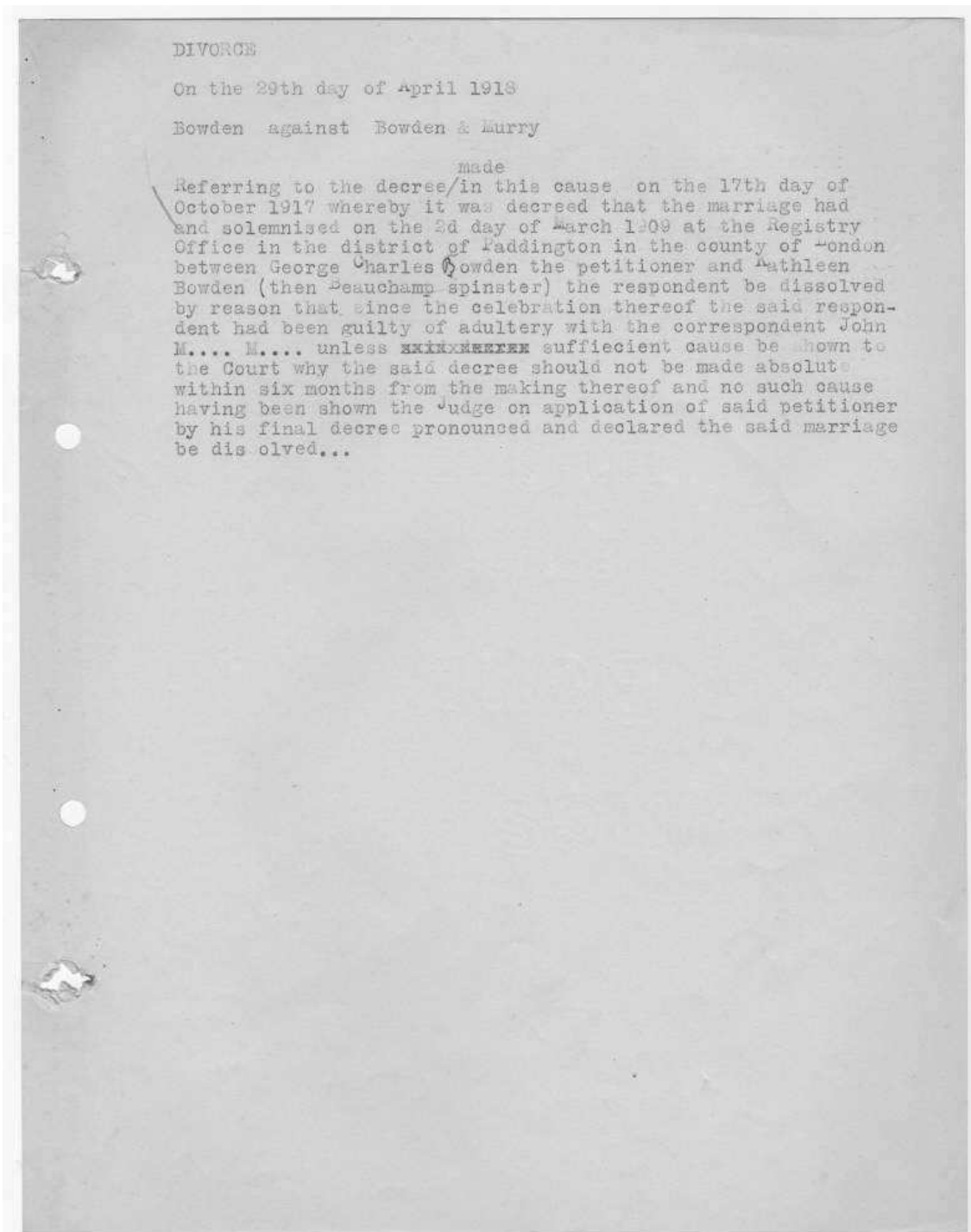


**ANEXO A – KATHERINE MANSFIELD TOCANDO O VIOLONCELO NO
QUEEN'S COLLEGE, EM LONDRES.**



Fonte: Acervo digital da biblioteca Alexander Turnbull, em Wellington, Nova Zelândia. 1903-1905, fotógrafo não identificado.

ANEXO B – DECRETO DE DIVÓRCIO: EXCERTO POR UM AUTOR NÃO IDENTIFICADO



Fonte: Harry Ransom Center, da University of Texas, em Austin. Data: 29 de Abril, 1918

ANEXO C – ÚLTIMO DESEJO E TESTAMENTO

THIS IS THE LAST WILL AND TESTAMENT
 of me K. MANSFIELD MURRY of % Barclays Bank 28 High St, Hampstead
 N.W.3 in the co. of London made this 14th day of August 1922.....
 I appoint my husband John Middleton Murry to be my Executor and
 direct that all my debts and funeral expenses shall be paid as soon
 as conveniently may be after my decease. I give and bequeath unto
 John Middleton Murry all the money that I possess in my various
 banking accounts and any monies that may become due to me in con-
 nection with the sale of my books. All manuscripts, notebooks,
 papers, letters I leave to John M. Murry. Likewise I should like to
 him to publish as little as possible and to tear up and burn as
 much as possible. He will understand that I desire to leave as few
 traces of my camping ground as possible. To Ida Constance Baker I
 leave my gold watch and chain and my clothes for her to dispose of
 as she shall think fit with the exception of my Spanish shawl which
 I leave to my friend Anne Estelle Drey & my fur coat which I leave
 to my mother-in-law Mrs. Murry. I leave to Richard Murry my large
 pearl ring. To my cousin Countess Russell I leave my copy of Shakes-
 peare. All my books I leave to my husband John M. Murry desiring that
 he shall send one book each to Walter de la Mare, H.M. Tomlinson, Dr.
 Sorapure, Alfred Richard Orage, Sydney & Violet Schiff, J.D. Fergusson,
 Gordon Campbell, and D.H. Lawrence. To my sister C.M. Perkins I leave my
 writing case. To my sister Jeanne Beauchamp I leave my piece of green-
 stone. To my father Harold Beauchamp I leave the brass pig and my
 Bible. To my sister Vera Bell I leave my Italian toilet boxes. My
 carved walking stick I leave to S. Koteliensky. All the remainder
 of my property I leave to my husband the said John M. Murry.
 signed S. SAX THESE JOHN BELLEVUE, STEERE.

Fonte: Harry Ransom Center, da University of Texas, em Austin. . Data: 14 de Agosto, 1922. Descrição:
 dactilografado/cópia.

TESTAMENTO DE KATHERINE MANSFIELD

In His Majesty's High Court of Justice.
The Principal Probate Registry.

BE IT KNOWN that *Katherine Mansfield Murray*
of *du Priory Fontainebleau near Paris in*
France (wife of John Middleton Murray)—

died on the *9th* day of *January* 1923
at *Fontainebleau France*—

AND BE IT FURTHER KNOWN that at the date hereunder written the last
Will and Testament _____

(a copy whereof is herewith annexed) of the said deceased was proved and
registered in the Principal Probate Registry of His Majesty's High Court of Justice
and that Administration of all the Estate which by law devolves to and vests in the
personal representative of the said deceased was granted by the aforesaid Court
to *the said John Middleton Murray the sole executor*

named in the said will _____

And it is hereby certified that an Affidavit for Intest Estates has been delivered wherein it is
shown that the gross value of the said Estate within the United Kingdom (exclusive of what the said
deceased may have been possessed of or entitled to as a Tenant and not beneficially) amounts to
£266.6.4 and that the said Affidavit bears a stamp of £. *1. 10-0*

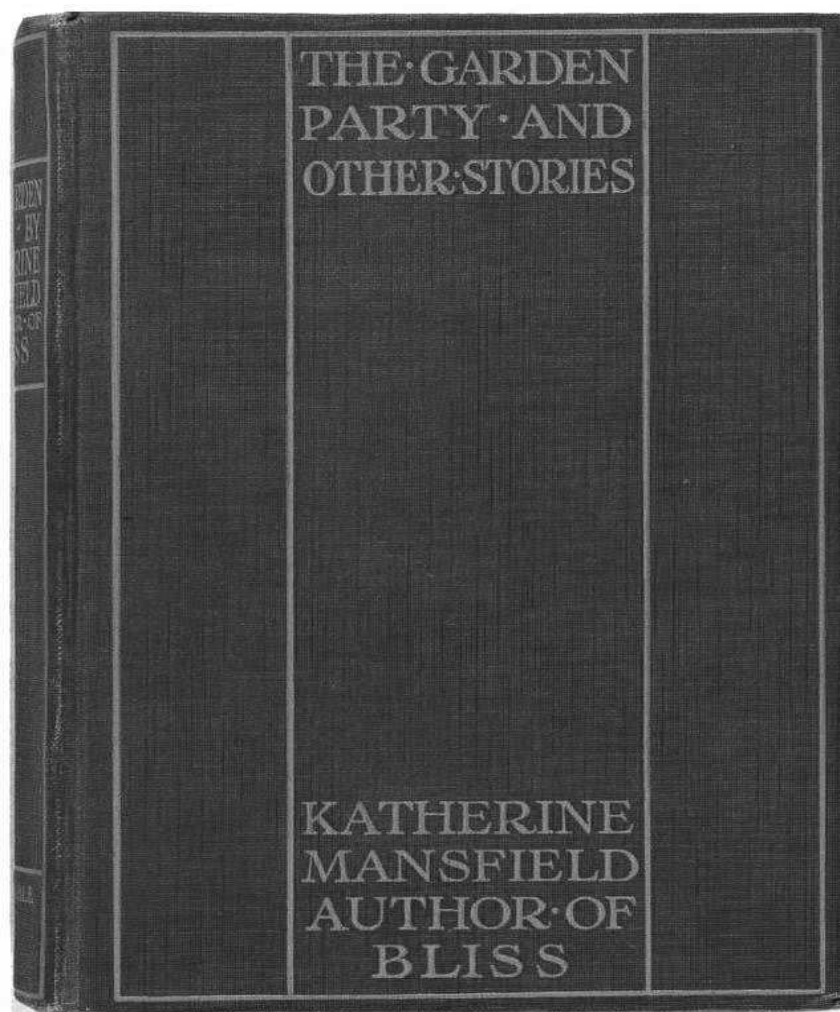
Dated the *5th* day of *April* 1923

W. A. Mansfield
Registrar.

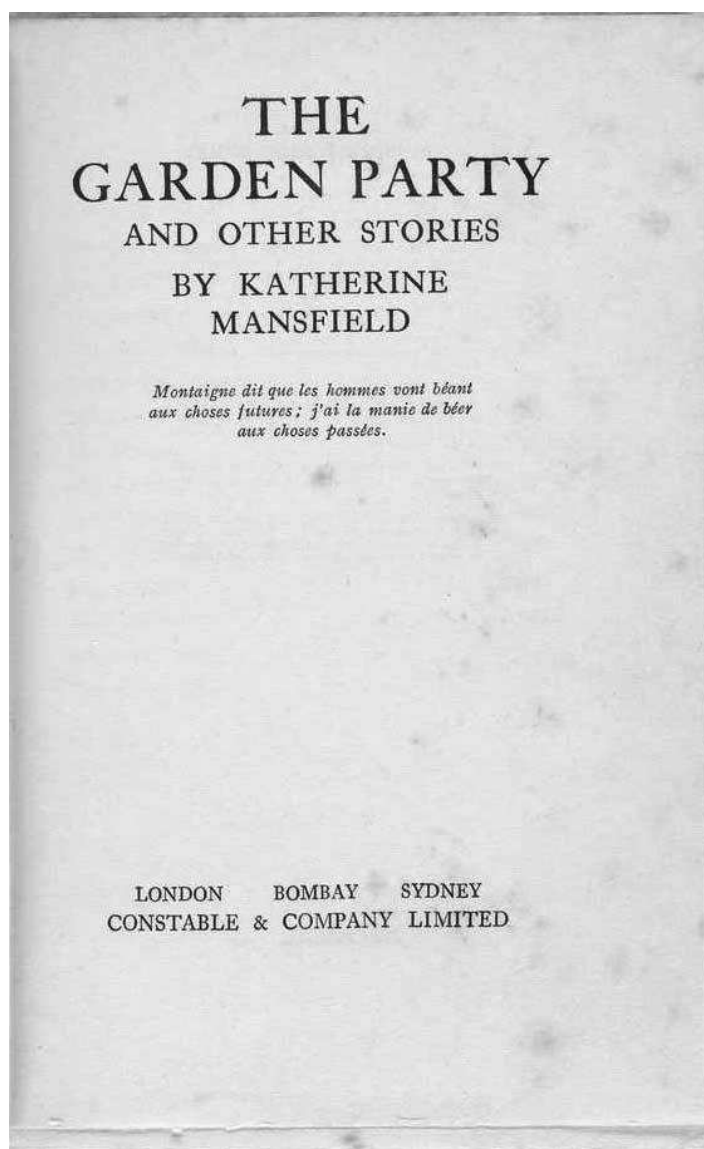
PROBATE. Extracted by *Ans. from Ator & Chambers, Law Off.* 2A

9th 2007 Paris 26 Jan 1923
Katherine Mansfield
1923

Fonte: Acervo da biblioteca Alexander Turnbull, em Wellington, Nova Zelândia. Datado em 9 de Janeiro, 1923 e certificado em 5 de Abril, 1923.

ANEXO D – CAPA: *THE GARDEN PARTY AND OTHER STORIES*

Fonte: Parte da coleção de textos neozelandeses, em Victoria University of Wellington. Detalhes de publicação: Constable and Company Limited, 1922, Londres.

FOLHA DE ROSTO: *THE GARDEN PARTY AND OTHER STORIES*

Fonte: Parte da coleção de textos neozelandeses da Victoria University of Wellington. Detalhes de publicação: Constable and Company Limited, 1922, Londres.